



Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca

**Caminhos do narcisismo:
um passeio entre os pensamentos de Freud, Lacan e Green**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Monah Winograd
Co-orientador: Ney Klier Padilha Netto

Rio de Janeiro
Março de 2019



Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca

**Caminhos do narcisismo: um passeio
entre os pensamentos de Freud,
Lacan e Green**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Monah Winograd

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Ney Klier Padilha Netto

Co-orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Auterives Maciel Junior

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Perla Klautau

Universidade Veiga de Almeida - UVA

Rio de Janeiro, 20 de março de 2019.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca

Graduou-se em Psicologia no IESB (Instituto de Educação Superior de Brasília).
Psicanalista membro do EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos).

Ficha Catalográfica

Fonseca, Gabriela Macedo Pinheiro da

Caminhos do narcisismo : um passeio entre os pensamentos de Freud, Lacan e Green / Gabriela Macedo Pinheiro da Fonseca ; orientadora: Monah Winograd. – 2019.

120 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2019.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Narcisismo. 3. Estrutura. 4. Estrutura enquadrante. 5. Matriz simbólica. 6. Casos-limite. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001;

À minha orientadora Profa. Monah Winograd, pela aposta e pela confiança;

Ao Ney Klier, pela dedicação, pela paciência e pelo rigor nas correções;

À Profa. Perla Klautau e ao Prof. Auterives Maciel Jr., por me inspirarem e pela disposição em compor a banca examinadora;

Ao Prof. Mario Bruno, pela amizade, pelas aulas de filosofia e de psicanálise tão floreadas de poesia, de literatura e de cinema;

Ao Rony Natale, pela parceria e pelas trocas tão importantes durante o curso;

Aos meus pacientes, por suscitarem em mim o desejo de pesquisar e por atravessarem junto comigo a experiência na clínica;

Aos amigos do peito, por compreenderem minhas ausências, pelo acolhimento e pelo carinho;

Ao grupo de estudos em psicanálise lacaniana, Ana Accioly, André Rossi, Héder Bello, Arthur Franco, Gabriela Bastos e Fabrício Martins, pela amizade, pela alegria trágica, e pela enorme contribuição em meu percurso permanente de formação clínica;

Ao meu avô Fran (*in memoriam*), por ter sido meu porto seguro;

Ao meu irmão Dudi (*in memoriam*), pela saudade, às vezes gostosa, que me acompanha;

À Ana Accioly, minha eterna gratidão por me ajudar a viver ao me transmitir a psicanálise tão afetuosamente;

Ao meu companheiro de vida, Pedro Vinícius, por todo amor e por me incentivar a prosseguir.

Resumo

Fonseca, Gabriela Macedo Pinheiro da; Winograd, Monah (orientadora). **Caminhos do narcisismo: um passeio entre os pensamentos de Freud, Lacan e Green.** Rio de Janeiro, 2019, 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação tem por objetivo apresentar o conceito de narcisismo primário nas obras de Freud, Lacan e André Green, com a finalidade de investigar a relação entre a formação do eu e as novas sintomatologias, entendidas como estados-limite. Lacan e Green articulam o narcisismo à segunda tópica freudiana, apontando para a estruturação de uma forma primordial, uma primeira separação entre mundo interno e externo, como condição de surgimento para um Eu mais complexo. No estádio do espelho, Lacan propõe a construção de uma “matriz simbólica” a partir de uma dialética de identificações imaginárias. Green, por sua vez, insere a relação entre pulsão e objeto no narcisismo primário como a conjuntura formadora de uma “estrutura enquadrante”. Nesse sentido, pretendemos aproximar as noções de matriz simbólica e de estrutura enquadrante com a intuição de que essas formas primárias seriam espaços nos quais o Eu vem advir. Espaços esses que não estariam bem estruturados nos casos-limite.

Palavras-chave

Narcisismo; estrutura; estrutura enquadrante; matriz simbólica; casos-limite.

Abstract

Fonseca, Gabriela Macedo Pinheiro da; Winograd, Monah (Advisor). **Ways of narcissism: a journey through the thoughts of Freud, Lacan and Green.** Rio de Janeiro, 2019, 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present dissertation aims to present the concept of primary narcissism in the works of Freud, Lacan and André Green, in order to investigate the relation between the formation of the ego and the new symptomatologies, understood as borderline cases. Lacan and Green articulate narcissism to the second Freudian topic, pointing to the structuring of a primordial form, a first separation between the internal and external worlds, as a condition of emergence for a more complex Ego. In the mirror stage, Lacan proposes the construction of a "symbolic matrix" from a dialectic of imaginary identifications. Green, in turn, inserts the relation between *pulsion* and object in primary narcissism as the conjuncture that forms a "framing structure." In this sense, we intend to approximate the notions of symbolic matrix and framing structure due to our intuition that these primary forms would be spaces in which the Ego arises. These spaces would not be well structured in the borderline cases.

Keywords

Narcissism; structure; framing structure; symbolic matrix; borderline cases.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Caminhos da estrutura: fundamentos e categorias conceituais.....	16
2.1. Ponto de encontro entre Jacques Lacan e André Green.....	17
2.2. Três pontos: imaginário, simbólico e real.....	20
2.3. Ponto de partida: o estruturalismo.....	25
2.4. O ponto de vista do Gestaltismo e da psicologia.....	30
2.5. Considerações pontuais sobre a estrutura: o ponto da Carta Roubada..	32
2.6. Ponto de baliza do estruturalismo lacaniano: o sujeito do inconsciente	37
2.7. O ponto das estruturas clínicas.....	41
2.8. A que ponto chegamos?.....	44
3. Caminhos de Narciso: o narcisismo na obra de Freud.....	46
3.1. A parada de Narciso.....	47
3.2. Uma parada na perversão.....	48
3.3. Parada na sexualidade: primeiro dualismo pulsional e autoerotismo....	51
3.4. Primeira parada do narcisismo em Freud: homossexualidade.....	53
3.5. A parada entre o autoerotismo e o amor objetal.....	55
3.6. Parada principal: narcisismo como conceito.....	58
3.7. Parada no narcisismo primário.....	61
3.8. Parada no problema do eu.....	63
3.9. Parada no conceito de identificação.....	66
3.10. Parada na “virada” teórica dos anos 1920.....	68
3.11. Última parada: a concepção patogênica do narcisismo.....	71
4. Cruzamentos do narcisismo: interlocuções entre Green e Lacan.....	75
4.1. O percurso de Green.....	75
4.1.1. A importância do narcisismo.....	75
4.1.2. Funções objetalizante e desobjetalizante. das pulsões.....	78
4.1.3. Narcisismo de vida/narcisismo de morte.....	81
4.1.4. O objeto absolutamente necessário.....	83
4.1.5. A estrutura enquadrante.....	85
4.1.6. O privilégio do conceito de Eu e os casos-limite.....	88
4.2. O trajeto de Lacan.....	91
4.2.1. O interesse de Lacan pelo narcisismo e pelo conceito de Eu.....	91
4.2.2. O estágio do espelho.....	93
4.2.3. A identificação.....	96
4.2.4. Alienação e agressividade.....	98
4.2.5. A matriz simbólica.....	100
4.3. Encontrando com Freud na encruzilhada de Green e Lacan.....	102
5. Considerações finais: passando do ponto.....	108
6. Referências bibliográficas.....	112

1 Introdução

A partir de nossa dificuldade com novas demandas de análise na clínica, ou seja, o aparecimento de novas sintomatologias, nos sentimos convocados a nos debruçar sobre a problemática narcísica. Caracterizados por um certo vazio de pensamento e por uma ausência de coesão subjetiva, esses modos de sofrer estariam ligados a um frágil contorno do eu, devido a vivências traumáticas muito primitivas (GONDAR, 2014).

Diversos autores da psicanálise (GREEN, 2002/2008; WINNICOTT, 1975; FERENCZI, 2011) fazem um deslocamento da primazia da relação triádica edípica para a relação dual mãe-bebê, na qual o narcisismo é fundamental, com o intuito de compreender o que acontece na constituição psíquica de tais pacientes. Presume-se que algo se passe na formação do eu, que se dá no tempo chamado de narcisismo primário, tal como fundamentado por Freud, em 1914. Esse conceito freudiano traz a assunção de um eu a partir de uma “nova ação psíquica” que incide sobre o autoerotismo. O eu, então, passa a ser objeto das pulsões parciais e o reservatório de onde partirá a libido em direção a outros objetos. Sabemos que o eu ganha diversas concepções, chegando ao *status* mais elaborado de instância psíquica na segunda tópica freudiana (FREUD, 1923/1988).

Lacan (1949/1998) e Green (1966-67/1988a) unem o narcisismo primário à segunda tópica, apontando para a estruturação de uma forma primordial como condição de surgimento para um Eu mais complexo. Nesse sentido, queremos investigar o que seria esse contorno do eu, essa forma primordial que estaria em jogo nos novos modos de sofrimento psíquico. No estágio do espelho, Lacan (1949/1998) propõe a construção de uma “matriz simbólica” a partir de uma dialética de identificações imaginárias. Green (1966-67/1988a), por sua vez, insere a relação entre pulsão e objeto no narcisismo primário como a conjuntura formadora de uma “estrutura enquadrante”. Pretendemos aproximar as noções de matriz simbólica e de estrutura enquadrante com a intuição de que essas formas primárias seriam espaços nos quais o Eu vem advir.

Como trata-se da “estruturação” do eu, percorreremos os caminhos da noção de estrutura, que irá também nos ajudar a investigar a ligação dos casos-limite com a questão das estruturas clínicas. Em seguida, tomaremos os caminhos do

narcisismo, passando por Freud (1914/1996), Green (1966-67/1988a) e Lacan (1949/1998), na tentativa de melhor compreendermos o funcionamento dessas subjetividades cujo contorno da imagem de si é fragilizado.

Sabemos que o narcisismo é uma operação psíquica que faz do eu um objeto tanto para as pulsões quanto para um outro. Sabemos também que uma segunda operação, a castração, será ainda necessária no processo de constituição psíquica e que ela dará um *status* diferente ao eu (LACAN, 1956-57/1995). Sendo assim, podemos localizar o narcisismo entre o autoerotismo e a castração, sendo esta vinculada à problemática edípica, compartilhando a leitura lacaniana do advento de um sujeito (LACAN, 1957-58/1999). Enquanto Freud não faz referência ao conceito de sujeito, Lacan (1953b/1998) o privilegia em sua teoria, deduzindo-o a partir de sua leitura dos textos freudianos. De acordo com Winograd (1998), podemos pensar em um sujeito da psicanálise e, até mesmo, em um sujeito freudiano de forma equivalente, considerando essa contribuição teórica de Lacan. Visto que não é nosso objetivo discutir aqui a categoria de sujeito, sempre que o termo aparecer neste trabalho, estaremos fazendo alusão ao sentido mais amplo de sujeito da psicanálise.

Estamos tratando então do narcisismo primário, que seria uma operação que encontra seu valor naquilo que promove de estruturação psíquica. Pois para que um eu possa surgir, um eu primitivo, digamos assim, marcando a separação entre ele e o mundo externo, é necessário que o narcisismo primário aconteça. Assim, nos indagamos: como se dá o narcisismo primário, essa operação da qual emerge uma primeira forma separadora entre o eu e o mundo externo? Em que consiste essa primeira forma que é o eu? O que o narcisismo traz de estruturante na constituição psíquica? Em suma, quais as relações entre o conceito de narcisismo e a ideia de estrutura?

Para nos ajudar na reflexão de nossas indagações, convidamos Jacques Lacan e André Green para uma conversa sobre o conceito de narcisismo primário em Freud (1914/1996). Green (1983/1988a; 1986b/2017) parte de impasses clínicos com os chamados casos-limite e privilegia o conceito freudiano de narcisismo, produzindo um arcabouço teórico original. Este inclui o par narcisismo de vida/narcisismo de morte e a montagem de uma estrutura enquadrante, por exemplo. E Lacan (1932/2011; 1953b/1998) embora pense a clínica inicialmente através de casos de psicose e tenha o inconsciente como o conceito freudiano

privilegiado em sua obra, também inclina-se sobre o narcisismo primordial. Desenvolve o que ele chama de estágio do espelho, postulando o surgimento de uma “matriz simbólica”.

Green (1966-67/1988a) amplia o conceito de narcisismo, levando-nos à concepção deste como uma estrutura, a estrutura narcísica. De acordo com o autor, problemas no momento de constituição dessa estrutura enquadrante teriam como resultado as patologias narcísicas. Neste trabalho adotamos a terminologia de Green (1983/1988a; 1986b/2017; 2002/2008), como estados nos limites da analisabilidade, estados fronteira, casos difíceis, casos limítrofes, casos-limite, estruturas não-neuróticas, *borderline*, entre outros, pois partimos de sua concepção teórica no que se refere ao entendimento desses quadros. Casos-limite não se confundem com a neurose nem com a psicose e nem com a perversão, estando sim nas fronteiras dessas estruturas clínicas clássicas.

Já Lacan (1957-58/1999) destaca a operação posterior que se dá na constituição do sujeito, qual seja, o momento do Édipo, da castração, como responsável pelo estabelecimento das estruturas clínicas, as neuroses, psicoses e perversões. Nesse caso, no que tange à psicopatologia lacaniana, fica quase impossível conceber os casos-limite como um tipo de estrutura clínica¹.

No entanto, o que nos importa aqui é o acento dado por esses dois autores à noção de estrutura, tanto pela adoção de uma nosografia baseada em estruturas clínicas, quanto pelo entendimento de que a constituição psíquica é um processo de estruturação psíquica.

Green se aproxima do ensino de Lacan entre os anos 1950 e 60, período no qual todo o pensamento francês é influenciado pelo estruturalismo, movimento inicialmente ligado à linguística e à antropologia. Lacan (1953b/1998) aplica uma leitura estruturalista à psicanálise, definindo o inconsciente freudiano como uma estrutura, estruturado como uma linguagem, ou seja, um inconsciente inteiramente regido pela lei do significante; e Green (1966-67/1988a) traz a estrutura para dentro de seu conceito de estrutura enquadrante. Além disso, devemos lembrar que Freud foi contemporâneo de Ferdinand de Saussure (1916/2006), considerado o

¹ Para uma pesquisa acerca da possibilidade de se pensar estados fronteira a partir de um viés lacaniano, consultar RASSIAL, J-J. **O sujeito em estado limite**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

pai da linguística moderna, saber este que está na raiz do movimento estruturalista (DOSSE, 1993).

Tendo em conta a magnitude e a influência do contexto histórico estruturalista, de uma maneira sucinta e despretensiosa apresentaremos algumas noções sobre o conceito de estrutura, visando uma compreensão mais consistente a respeito das teorizações de Lacan (1949/1998) e de Green (1966-67/1988a) acerca do narcisismo. Segundo Birman (2001), não se pode esquecer a dimensão histórica do discurso da psicanálise. Ele surgiu a partir das condições de possibilidades discursivas no final do século XIX e início do século XX, juntamente com os discursos da biologia, da termodinâmica e da psicopatologia, por exemplo, ganhando novas modulações no tempo. Para Freud (1923/1988, p.253), “a melhor maneira de compreender a psicanálise ainda é traçar sua origem e evolução”.

Dessa forma, no primeiro capítulo, faremos uma breve retomada histórica. Começaremos nos meados do século XX, momento no qual acontece o encontro entre Lacan e Green, mergulhados no caldo estruturalista francês. Apresentaremos brevemente a estrutura triádica de Lacan (1953a/2005), real, simbólico e imaginário, para, em seguida, passarmos pelos modos de concepção da estrutura dados tanto pelo estruturalismo quanto pelo gestaltismo e pela psicologia (PRADO COELHO, 1967). Com a ajuda de Deleuze (1972/2006), tentaremos compreender de que maneira o conceito de estrutura entra na psicanálise para que, assim, possamos nos aproximar do sujeito do inconsciente lacaniano e da noção de estrutura clínica (LACAN, 1953b/1998).

No segundo capítulo, pretendemos trazer o conceito de narcisismo em Freud (1914/1996; 1921/1988), destacando os pontos de vista econômico, dinâmico e tópico de sua abordagem. Afinal, sabemos que qualquer conceito psicanalítico pode ser perspectivado por esses vieses. Antes disso, é necessário apresentar, mesmo que de maneira sintética, os primórdios históricos do narcisismo no campo da clínica, quando este está associado à ideia de perversão. Recuaremos então no tempo para o final do século XIX e início do século XX, período que Freud (1910a/1996) começa a fazer uso do termo.

Seguiremos os caminhos do narcisismo pela obra freudiana, até fazermos uma parada em 1914, quando o narcisismo ganha o valor de conceito. O narcisismo primário passa a ser o momento de surgimento do eu, marcando a

situação narcísica como parte da estruturação do psiquismo. Veremos que Freud (1914/1996) faz uma fundamentação econômica para definir uma tópica, afinal, a sexualidade seria para ele um problema desde sempre. Desse modo, a construção de um aparelho psíquico possibilitaria a criação de caminhos para o escoamento das intensidades pulsionais.

No entanto, as modificações teóricas da “virada” de 1920 trazem uma perspectiva mais trágica ao pensamento de Freud. De acordo com Accioly (2010), até então, Freud acreditava que a razão daria conta da dimensão intensiva. Porém, seu projeto racionalista derroca a partir da constatação clínica e epistemológica da repetição, levando-o a reformulação da teoria pulsional (ACCIOLY, 2010). Sendo assim, do ponto de vista econômico, ele (FREUD, 1920/1988) postula a existência da pulsão de morte como uma força disruptiva e impassível de ligação ao lado das pulsões de vida, Eros. A luta entre elas seria da ordem do irresolúvel, e, mais ainda, seria o motor da atividade da vida. Castelo Branco (2011) nos ajuda a fazer essa afirmação ao trazer a ideia foucaultiana de agonística:

Mais que de um ‘antagonismo’ essencial, seria melhor falar de uma ‘agonística’ – de uma relação que é, ao mesmo tempo, de incitação recíproca e de luta; trata-se menos de uma oposição termo a termo que os bloqueia um em face do outro, e mais de uma provocação permanente (p. 148).

Dessa forma, estamos apostando numa agonística pulsional, numa luta constante entre Eros e pulsões de morte como intensidade criativa, marcando Freud como um pensador trágico (ACCIOLY, 2010).

Dos pontos de vista tópico e dinâmico, na “virada” teórica Freud (1923/1988) estabelece uma nova subdivisão psíquica. Se antes o aparato era composto pelos sistemas consciente/pré-consciente e inconsciente, ele passa a ser entendido a partir de três instâncias: Eu, Supereu e Isso. Essas elaborações levarão ao quase desaparecimento do narcisismo primário, que passa então a ser confundido com o autoerotismo (FREUD, 1921/1988; 1940/1988).

Paralelamente, apostaremos na dualidade pulsional e no conflito psíquico como fundamentos da concepção do narcisismo como estrutural (FREUD, 1914/1996). Essa perspectiva será posteriormente destacada por André Green (1983/1988a), ao postular a estrutura do narcisismo primário. Jacques Lacan (1949/1998; 1953-54/1986), por sua vez, irá tratar da constituição do eu como um

momento anterior à castração, esta sim estruturante, salientando a identificação narcísica e o desamparo primordial. No entanto, para os três analistas, a operação narcísica primária seria a situação de construção do eu, dessa categoria tópica do aparelho psíquico, cuja estruturação se dá permanentemente.

No último capítulo, seguiremos nosso passeio pelas concepções de Green (1983/1988a) e de Lacan (1949/1998) sobre o narcisismo. Primeiro, passaremos pelo trajeto de Green (1983/1988a; 2002/2008), autor que prioriza a questão econômica da formação do eu, a partir de seus pares conceituais: pulsão-objeto, narcisismo de vida/narcisismo de morte. Mas que também não deixa de trazer os aspectos dinâmico e tópico, ao postular a formação de uma estrutura enquadrante. Esta seria um espaço vazio no qual o Eu poderá surgir, demarcando um duplo limite: intrapsíquico e intersubjetivo (GREEN, 1986b/2017). O narcisismo, para Green (1986b/2017), seria um momento estrutural do psiquismo, visto que falhas na estruturação do eu teriam os sofrimentos narcísicos como consequência. Logo, Green (1983/1988a) enaltece o Eu para problematizá-lo. Afinal, seria justamente o eu que estaria em jogo nas estruturas não-neuróticas. Estas talvez se aproximem mais de um modo de funcionamento do que de uma estrutura clínica propriamente dita.

Lacan (1953b/1998), por sua vez, também valoriza o Eu, mas para submetê-lo ao simbólico, ou seja, à castração. Veremos que o sujeito do inconsciente (*je*) está no cerne do interesse conceitual do psicanalista francês, mas que, para que ele surja, é preciso antes diferenciá-lo do eu (*moi*), lugar da ilusão e do imaginário. Assim, Lacan (1949/1998) estaria concebendo o narcisismo como um momento que faz parte da estruturação do psiquismo. Para tanto, o autor formula sua teoria sobre o nascimento do eu trazendo a identificação como o mecanismo principal de assunção daquilo que irá chamar de matriz simbólica (LACAN, 1949/1998). Embora a esfera econômica não esteja no centro dessa concepção do narcisismo lacaniano, estando os aspectos dinâmicos e tópicos mais ressaltados, não podemos perder de vista o fato de que a ideia de pulsão sempre esteve presente em qualquer formulação psicanalítica, mesmo que apenas como um pano de fundo.

Destacaremos, então, o que Lacan (1949/1998) denomina como uma matriz simbólica e o que Green (1966-67/1988a) formula como uma estrutura enquadrante, teorizações que desenvolvem a partir do narcisismo de Freud (1914/1998), seguindo uma intuição nossa de que esses conceitos se

aproximariam. Queremos, avaliando suas diferenças teóricas, viabilizar uma conversa entre os autores, não para atribuir a verdade a algum deles mas para por em atividade um diálogo permanente. Ou seja, estamos apostando num jogo de forças, na agonística criadora, em detrimento de uma concepção dicotômica, na qual teríamos que aceitar um vencedor e a destruição do lado vencido.

Dissemos que o desejo de estudar o narcisismo é disparado pela vivência com os casos difíceis no âmbito da clínica. De acordo com Birman (2016, p. 23), “os enunciados teóricos empreendidos no discurso da *metapsicologia* são ressonâncias necessárias daquilo que se passa no campo da experiência analítica”. Não temos, nesta nossa pesquisa, a pretensão de descrever minuciosamente as características desses pacientes nos limites da analisabilidade, até mesmo porque, optamos por traçar um caminho eminentemente teórico, metapsicológico. Sendo assim, embora o narcisismo seja um conceito referente à metapsicologia freudiana, tratando-se, portanto, de uma questão epistemológica, pensamos, juntamente com Green, que:

as duas fontes dos conceitos psicanalíticos são a prática psicanalítica por um lado, e o horizonte epistemológico por outro. Uma vez adotados, os conceitos psicanalíticos modificam a escuta do psicanalista, o que recoloca em questão os instrumentos teóricos da psicanálise (GREEN, 1976/1988a, p. 34).

Assim como a clínica nos impulsiona a essa investigação teórica, desejamos que esta pesquisa nos forneça material para que voltemos à prática com novos olhares, escutas, enfim, novos corpos. Fazemos, aqui, um convite para um passeio teórico, mas que leve em consideração o olhar atravessado pelas lentes da atividade clínica. Passaremos por determinados pontos, uns mais fluidos e outros nem tanto, e faremos também paradas, algumas demoradas e outras nem tanto, acreditando termos escolhido o percurso que nos é possível dentro dos limites de tempo e de enquadramento de nossa pesquisa.

Estamos adotando o ponto de vista espacial, utilizando termos que são umbilicalmente ligados à questão da espacialidade, como “caminho”, “ponto”, “parada”. Como pretendemos estudar o narcisismo, momento no qual constitui-se uma forma primordial, uma imagem de si, assumimos a perspectiva espacializante da *imago*, entendendo que toda espacialidade em psicanálise tem um vínculo com a temporalidade.

Que esse trajeto nos permita a abertura de novos espaços. Começemos, então, pelos caminhos da estrutura.

2

Caminhos da estrutura: fundamentos e categorias conceituais

Antes de abordarmos o tema principal de nosso trabalho, o conceito de narcisismo, apresentaremos de maneira sucinta a ideia de estrutura. A proposta de trazer a estrutura aqui assume o aspecto essencialmente psicanalítico da questão.

Tomando a problemática da estrutura como uma espécie de preâmbulo para abordar o narcisismo, destacaremos certos pontos que nos ajudarão, posteriormente, a pensar a matriz simbólica de Jacques Lacan (1949/1998) e a estrutura enquadrante de André Green (1966-67/1988a). Ambas as noções constituem pilares fundamentais das formulações desses autores sobre a constituição do eu.

Os dois psicanalistas se encontram no momento em que o movimento estruturalista influencia o pensamento de toda uma geração francesa. Lacan (1953a/2005; 1953b/1998) faz seu retorno a Freud a partir das lentes desse movimento justamente no período que Green acompanha seus seminários. Veremos que Lacan, ao mesmo tempo que institui a estrutura triádica real, simbólico e imaginário, postula o inconsciente estruturado como linguagem. Nesse sentido, ele toma a estrutura tal como pensada por Lévi-Strauss (1949a/1976; 1958/2017), a partir da linguística estrutural de Saussure (1916/2006) e de Jakobson (1967/2010). Esses pensadores são a base do estruturalismo, tradição que faz da estrutura um conceito complexo.

Diferentemente do que acontece na França, o gestaltismo alemão não avança tanto na ideia de estrutura, concebendo-a apenas como uma totalidade psíquica (FORTES, 2006). A psicologia construtivista, por sua vez, até complexifica a noção de estrutura, no entanto, ainda mantém a primazia do todo (PRADO COELHO, 1967).

Apresentaremos, então, o conceito francês de estrutura, que levará Lacan (1953b/1998; 1960b/1998) à concepção do inconsciente como a Ordem simbólica da qual emerge um sujeito barrado, chamado de sujeito do inconsciente. A partir da experiência da castração, ou seja, do cumprimento do Édipo, o significante Nome-do-pai possibilitaria a entrada na linguagem. Porém, a castração pode não

ser tão bem sucedida em alguns casos, deixando o funcionamento subjetivo para quem desse momento.

Cabe a Lacan (1957-58/1999) a divisão nosográfica da psicanálise em estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. Embora essa categorização se deva muito mais à influência da psiquiatria médica (DOSSE, 1993), ela não deixará de estar ligada à estrutura edípica. Afinal, o cumprimento, ou não, do Édipo estaria, para Lacan (1957-58/1999), na etiologia das categorias psicopatológicas.

Por fim, chegaremos ao ponto no qual a própria lógica trazida pelo conceito de estrutura nos ajudará a compreender a mobilidade que tanto o termo estrutura quanto o termo narcisismo podem ganhar. Na lógica estrutural, os significados não estariam mais fixados aos significantes, ou seja, os conceitos não pertenceriam definitivamente às definições. Sendo assim, os significantes “estrutura” e “narcisismo”, por exemplo, ganhariam novas possibilidades de significado.

Iniciamos nosso trajeto pelo ponto de encontro entre Lacan e Green, momento de muitos acontecimentos na comunidade psicanalítica, bem como no pensamento francês como um todo.

2.1.

Ponto de encontro entre Jacques Lacan e André Green

O ponto onde estamos é na França de 1953, quando uma cisão na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) leva Daniel Lagache, Françoise Dolto e outros psicanalistas a fundarem a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). Lacan, que sofria duras críticas dos membros da SPP por não aceitar as regras da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), resolve juntar-se a Lagache e seu grupo. A primeira reunião da SFP acontece no Hospital Psiquiátrico Sainte-Anne, no qual grandes nomes da psiquiatria já se reuniam, tais como, Henry Ey, Jean Delay, entre outros (ROUDINESCO, 1994).

Nesse mesmo ano de 1953, André Green, nascido na cidade do Cairo, no Egito, chega ao Hospital Sainte-Anne depois de seis anos já vivendo na França. Interessante ressaltarmos que, de acordo com Candi (2010), Green refere-se a 1953 como o ano de seu nascimento, embora estivesse com 26 anos. Começa a residência em psiquiatria e logo elege Henry Ey como uma espécie de pai

espiritual (CANDI, 2010). Ey é um grande organizador de debates e colóquios, e figura como um dos principais interlocutores de Lacan, visto que a amizade entre eles vinha desde os anos 1930, quando fizeram residência médica juntos no próprio Hospital Sainte-Anne. Foi naquela ocasião que Lacan atendeu o famoso caso Aimée, narrado em sua tese de doutorado de 1932 que, inclusive, tem Ey como um dos homenageados. Green, influenciado por Ey e pelo fascínio intelectual que as ideias de Lacan exerciam em Sainte-Anne, tornar-se-á presença assídua em seus seminários e acompanhará seu ensino por longos anos (DUPARC, 2000). Mesmo optando por submeter-se à análise com Maurice Bouvet, membro da SPP, ele seguirá frequentando os encontros com Lacan, na SFP.

Considerando a importância da figura de Lacan no contexto psicanalítico da chegada de Green à França, podemos imaginar a influência do primeiro no pensamento do segundo. Tanto que Urribarri (2012) divide a obra de Green em três etapas, todas referidas à filiação deste às ideias lacanianas. A primeira etapa, chamada de “com Lacan”, vai dos anos 1950 até meados dos anos 1960 e tem a marca do retorno a Freud. A segunda se estende até o final dos anos 1980 e é entendida como a etapa “depois de Lacan”. Nela, são colocados os limites e impasses da clínica lacaniana com a concomitante retomada de conceitos freudianos julgados excluídos da abordagem de Lacan, tais como o corpo, o afeto etc. Também é nessa fase que Green se aproxima das obras de autores como Donald Winnicott e Wilfred Bion.

Por fim, na etapa “mais além de Lacan”, o psicanalista francês deixa de ser uma referência central. Green irá projetar o que chama de psicanálise contemporânea, a partir de um paradigma original que considera eminentemente freudiano até o ano de sua morte, em 2012. De acordo com Urribarri (2012), Green

concebe e opera com um modelo do psiquismo complexo, fundado na articulação do intrapsíquico e do intersubjetivo; na qual a simbolização enquanto função básica do psiquismo está co-determinada pelas relações dinâmicas entre a força e o sentido, a representação e o afeto, a estrutura e a história; na qual se introduz a lógica da heterogeneidade, que põe ênfase no processual e poético (neogênese, criação) (p. 156).

Os três pontos privilegiados de debates teóricos entre Green e Lacan seriam as questões que envolvem o objeto, a linguagem e o sujeito (CANDI, 2010).

Partindo da problemática do objeto, Green inaugura sua dissidência com o texto *L'objet (a) de J. Lacan*, publicado em 1965. No que tange à diferença entre o sujeito lacaniano e o sujeito tal como Green o concebe, há o artigo *Répétition, différence, réplication*, de 1970. A publicação de seu livro *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto* (GREEN, 1973/1982) apresenta sua crítica à teoria lacaniana do inconsciente estruturado como linguagem, onde retoma a ideia freudiana de afeto como aquilo que não seria representável pela palavra, reivindicando, assim, o aspecto polissêmico da linguagem (CANDI, 2010). Urribarri (2012) afirma que Green advoga pela irreducibilidade do psiquismo à linguagem, relativizando a heterogeneidade do significante psicanalítico, em favor de uma ampliação da teoria da representação. Seria por isso que Green (1986a/1988b; 1986b/2017) acentua a simbolização, que é um processo psíquico que inclui o afeto, enquanto Lacan (1957/1998) destacaria a significação.

O artigo *Narcisismo primário: estado ou estrutura?* (GREEN, 1966-67/1988a), contemporâneo aos citados acima, marca o início da relação de Green com o conceito freudiano de narcisismo, relação esta que será privilegiada ao longo de toda sua obra. Como esse texto se localiza entre a etapa “com Lacan” e a fase “depois de Lacan”, cabe principalmente a ele fornecer os pontos de proximidade e de distância entre o narcisismo tal como tomado por Green e o estágio de espelho de Lacan (1949/1998).

Voltando ao ano de 1953, é no outono que Lacan apresenta, em Roma, *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise* (1953b/1998), discurso que será considerado o vértice de seu ensino público e que marcará, oficialmente, o início de seu famoso “retorno a Freud” (MILLER, 1987).

No entanto, é ainda antes do Discurso de Roma, na ocasião da inauguração da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), no Hospital Sainte-Anne, que Lacan realiza a emblemática palestra sobre *O simbólico, o imaginário e o real* (LACAN, 1953a/2005), tríade que estará presente em todo seu percurso (MILLER, 1987). As ideias por ele apresentadas estão inspiradas na linguística estrutural de Saussure (1916/2006) e de Jakobson (1967/2010) e em trabalhos de Claude Lévi-Strauss, como *A eficácia simbólica* (1949b/2017) e *As estruturas elementares do parentesco* (1949a/1976). Ao tomar as leis da linguagem para pensar a organização simbólica das sociedades, a pesquisa de Lévi-Strauss confere um novo olhar estrutural para todo um campo das ciências do homem. Lacan (1953a/2005),

então, traz o simbólico como um conceito no quadro de uma tópica, apresentando o tripé simbólico, imaginário e real como inseparável e como formando os três uma estrutura (ROUDINESCO & PLON, 1998).

É nesse momento que o psicanalista francês inicia a apresentação da influência estruturalista em seu pensamento para os participantes de seus seminários. Sabemos que essa presença maciça do estruturalismo, com o conseqüente privilégio do registro do simbólico, dará lugar a um crescente interesse de Lacan (1962-63/2005; 1964/1998) pelo registro do real em sua obra, a partir da constatação de que há algo que fura o simbólico. Lembremos que Freud percebe que a razão não dá conta das intensidades a partir da repetição na clínica, o que o leva a postular a sua segunda teoria pulsional. Também em consequência da evidência clínica e epistemológica, Lacan passa a entender que o simbólico não submete essa força constante que é a pulsão, fazendo-o avançar no conceito de real, conferindo-lhe o lugar de causa. Não adentraremos na questão do real pois, aqui, estamos destacando os anos que tiveram a marca da estrutura, considerando que são o nascedouro das teorizações empreendidas tanto por Lacan (1949/1998; 1953-54/1986) quanto por Green (1966-67/1988a), acerca do narcisismo.

Para que possamos pensar a influência do estruturalismo na psicanálise trazemos a primeira estrutura apresentada por Lacan (1953a/2005): o simbólico, o imaginário e o real, como uma nodulação sempre triádica. Embora esses registros não operem isoladamente, podemos separá-los a fim de entendê-los de maneira didática.

2.2. Três pontos: imaginário, simbólico e real

Imaginário, simbólico e real são os três registros essenciais da realidade humana (LACAN, 1953a/2005). O imaginário está diretamente ligado ao tema principal deste nosso trabalho, visto que Lacan (1949/1998; 1953-54/1986) o apresenta como correlato do estádio do espelho e, portanto, do narcisismo. Quanto ao simbólico, este diz respeito à estrutura, na medida em que designa um sistema de representação baseado na linguagem (LACAN, 1953b/1998). E o real, aqui, se refere aquilo que escapa ao processo de simbolização.

Lacan (1953a/2005) dirá, primeiramente, tratar-se o real de um resto da operação de simbolização; num segundo momento, de objeto causa de desejo; e, por fim, ele é entendido como o impossível. O real recebe, então, diferentes contornos no decorrer do pensamento lacaniano, o que incrementa a complexidade do conceito. Porém, o que nos importa é tomarmos o real como aquilo que escapa à simbolização e que está na estrutura como uma ausência presente. Voltaremos a essa questão quando trouxermos a noção de falta dentro da estrutura, na figura do significante fálico.

Derivado do latim *imago*, que quer dizer imagem, o termo “imaginário” era remetido à imaginação, ou seja, à representação de coisas no pensamento, independentemente da realidade (ROUDINESCO & PLON, 1998). Lacan (1949/1998) emprega o termo quando apresenta o estádio do espelho, postulando-o como uma relação dual com a imagem do semelhante. Poderíamos pensar o imaginário como um conjunto de imagens que direcionam o comportamento do homem e, nesse sentido, ele designaria o que o homem tem em comum com o animal. Essas imagens fariam parte da construção psíquica e estariam nas relações do homem com o meio ambiente.

O registro imaginário se configura como a possibilidade de se estabelecer uma relação biunívoca entre dois conjuntos sistematizados, isto é, uma correspondência ponto a ponto entre esses dois conjuntos (DELEUZE, 1972/2006). Sendo assim, de acordo com Deleuze (1972/2006), o imaginário caracteriza-se por um jogo de espelhos, quando dois sistemas se correlacionam ao se refletirem um no outro. Por exemplo, o sistema de comunicação entre os animais é um sistema de sinais no qual o único registro é o do imaginário, afinal, o animal só estabeleceria relação com aquilo que já estivesse determinado em seu código genético. Tratar-se-ia, portanto, de reconhecimento ou de indiferença. Como o imaginário diz respeito a jogos de espelho, ou seja, a relações ao modo do duplo, tais relações são baseadas em identificações e projeções (DELEUZE, 1972/2006). Essas operações de identificação e de projeção são ditas operações narcísicas e, portanto, ligadas ao eu (*moi*).

No homem, diferentemente do animal, qualquer relação com um outro é, de acordo com a perspectiva lacaniana, sempre mediada pelo simbólico, o terceiro da relação (NASIO, 1988/1997). Além disso, o simbólico também se encontra na gênese do sujeito (LACAN, 1953-54/1986). Sendo assim, quando Lacan lança

mão do registro do simbólico, em 1953, o imaginário é colocado no lugar do engodo, da ilusão promovida por uma divisão entre o eu, entendido como *moi*, e o eu, entendido como *je*, que será chamado de sujeito do inconsciente.

A questão do eu, *moi*, se impõe para Lacan (1949/1998; 1953-54/1986) em razão da leitura equivocada da psicanálise norte-americana, conhecida como Psicologia do Ego. Tomando a segunda tópica freudiana, que divide o aparelho psíquico em três instâncias, Isso, Eu e Supereu (FREUD, 1923/1988), essa tradição destaca o Eu como agente e como lugar central da subjetividade, passível de ser fortalecido e adaptado ao mundo externo através de um processo psicoterapêutico. O Ego, ou Eu, do analista serviria de medida para uma vida adaptada, acentuando assim a prática clínica numa dimensão imaginária. Todavia, para Lacan (1953-54/1986), o Eu é apenas o lugar de fixação e de ligação narcísica, um depósito de imagens distorcidas e de mal-entendidos (FINK, 1998). Freud (1923/1988), em sua segunda tópica, situa o Eu como uma instância, mas que, no entanto, não é senhor em sua própria casa. Isso se dá porque o Eu precisa servir a três senhores, o Isso, o Supereu e a realidade externa. A perspectiva lacaniana, retomando Freud, acentua essa afirmação dizendo que o Eu, enquanto instância imaginária, está submetido a uma outra lógica, à lógica do inconsciente (LACAN, 1953b/1998).

Concomitantemente ao problema do Eu, uma outra questão importante se coloca para Lacan: o conceito freudiano de *Vorstellung*, traduzido para o português como representação (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Da mesma forma que Freud (1900/1996) toma a *Vorstellung*, Lacan (1953b/1998) irá tomar o significante. Embora a problemática da representação seja um tema bastante interessante, até mesmo porque estabelece uma rica divergência entre os pensamentos de Lacan e de Green (1973/1982), estamos apenas apresentando o contexto teórico que permitiu que Lacan (1953a/2005) forjasse o registro simbólico.

Sendo assim, aqui nos cabe somente destacar essa divergência conceitual entre os autores, sem o merecido aprofundamento da questão. Desse modo, Freud (1900/1996) pensava a economia psíquica a partir do conceito de representação, dividindo-o entre representação-coisa e representação-palavra. Green (1973/1982) irá acompanhar essa formulação freudiana da representação, incluindo o afeto. Já Lacan (1953a/2005) aponta o problema da representação no sentido de que, vindo da filosofia idealista, esse conceito levaria ao entendimento da subjetividade como

capaz de representação das coisas em si, quando, para ele, tratar-se-ia apenas de significantes. Além disso, o afeto também ficaria fora de sua concepção de inconsciente, visto que essa exclusão já havia ocorrido em razão do conceito de estrutura, tal como concebido por Lévi-Strauss (1949b/2017).

Parece que essas duas questões, o Eu e a representação, conduzem Lacan a recuperar o papel do inconsciente na psicanálise. Para tanto, ele coloca o acento naquilo que acredita ser o único meio pelo qual a atividade psicanalítica é possível: a fala do paciente, a sua palavra. Lembremos que Freud (1893-95/1996) traz a associação livre como a regra principal da clínica, pedindo ao paciente que diga tudo que lhe vier à consciência. Atos falhos, sonhos, chistes, esquecimentos, sintomas, passam a apresentar a linguagem cifrada do inconsciente, que possui leis operatórias próprias: a condensação e o deslocamento (FREUD, 1900/1996). A partir daí, Lacan (1953a/2005) pode dizer que a experiência da psicanálise é uma experiência de linguagem, definindo o simbólico da seguinte maneira:

É de fato assim que devemos entender o simbólico de que se trata na troca analítica. Quer se trate de sintomas reais ou atos falhos, ou o que quer que seja que se inscreva no que encontramos e reencontramos incessantemente, e que Freud manifestou como sendo a sua realidade essencial, trata-se ainda e sempre de símbolos, e de símbolos organizados na linguagem, portanto funcionando a partir da articulação do significante com o significado, que é o equivalente da própria estrutura de linguagem (LACAN, 1953a/2005, p. 23).

Falar em estrutura é falar antes de tudo na dimensão do simbólico e somente então é possível pensar o conceito de estrutura (DELEUZE, 1972/2006). É o reconhecimento de uma Ordem simbólica como alguma coisa diferente do real e do imaginário, embora estejam esses três registros amarrados entre si.

A tríade lacaniana abre espaço para a leitura estrutural da obra freudiana, marcando de maneira definitiva as formulações que estarão presentes em todo o seu percurso. Mesmo passando por diversas revisões, a distinção entre os registros do real, do simbólico e do imaginário, e a ideia de inconsciente estruturado como linguagem seguem sendo os pilares que fundamentam a obra lacaniana (MILLER, 1987).

O inconsciente é um conceito fundamental em Freud (1900/1996) e, no intuito de devolver-lhe seu devido valor, Lacan (1953b/1998) retoma a primeira tópica freudiana, desenvolvida em *A interpretação de sonhos* (FREUD,

1900/1996), na qual o aparelho psíquico está dividido em dois sistemas, o consciente/pré-consciente e o inconsciente. Ele articula a primeira tópica ao estruturalismo e ao pensamento de Hegel, tal como apresentado nos seminários de Alexandre Kojève (BRUNO, 2004).

Da frequência às aulas de Kojève, Lacan retém a dialética hegeliana, que consiste em tese, antítese e síntese e, sobretudo, a dialética do senhor e do escravo (DOSSE, 1993). As influências de Hegel começam a aparecer muito precocemente em seus trabalhos, como em suas primeiras formulações sobre o estádio do espelho, em 1936, por exemplo. De acordo com Dosse (1993), nesse momento inicial, Lacan compreenderia a personalidade como constituída por etapas, até a realização de uma personalidade completa, atingindo a transparência hegeliana da razão, num processo histórico.

Ainda segundo o comentador, a abordagem hegeliana dará lugar a uma outra mais estruturalista no artigo de 1949, quando Lacan, já influenciado pelo paradigma estrutural, faz o estádio do espelho escapar à historicidade. Mesmo sem formalizar nenhuma referência a Saussure nesse texto, Lacan (1949/1998) estipula uma espécie de estrutura primeira, uma matriz fundadora da identificação, que é a matriz simbólica, além de abandonar a ideia de uma personalidade pronta (DOSSE, 1993). Essas afirmações ficarão mais claras quando tratarmos do conceito de estrutura. Por ora, cabe salientar que, de acordo com Dosse (1993), o tratamento dado por Lacan ao estádio do espelho em seus *Escritos* (1949/1998) já sofreria mais a influência do estruturalismo do que propriamente do pensamento hegeliano.

Além disso, Dosse (1993) também nos esclarece que a leitura de Kojève sobre Hegel traduz-se pelo descentramento da consciência, pela crítica da metafísica e pelo privilégio do conceito de desejo. Sabemos que o desejo está no centro do pensamento lacaniano, até mesmo porque ele irá postular um sujeito do inconsciente que é também concebido como sujeito do desejo. Nesse sentido, Kojève é quem abre o caminho para Lacan (1953b/1998) tratar, num primeiro momento, o desejo como desejo de reconhecimento, para, em seguida, afirmar que desejar não é desejar um outro, mas sim o desejo do outro (DOSSE, 1993). A questão do desejo está atrelada às concepções lacanianas de inconsciente e, portanto, de sujeito.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam que, definindo o inconsciente como o discurso do outro e, mais tarde, como o Outro, chamado de o grande outro, Lacan (1957/1998) traz uma concepção radicalmente nova para o inconsciente. Ele irá, ainda, traduzir a famosa frase de Freud (1933/1996) *Wo Es war, sol Ich werden* como “onde era isso, o eu deve advir”, marcando o lugar central do inconsciente, do qual nasceria o eu.

Até aqui, fizemos uma apresentação preliminar da primeira estrutura forjada por Lacan (1953a/2005), que é a nodulação dos registros do imaginário, do simbólico e do real. Também expusemos brevemente os problemas do eu e do inconsciente, questões que o levam à formulação de um sujeito do inconsciente. Não é possível continuarmos nesses pontos sem antes trazermos o panorama do estruturalismo, movimento teórico que possibilita um grande avanço na psicanálise e nas ciências sociais.

2.3. Ponto de partida: o estruturalismo

Sabemos que é Lacan (1953b/1998) quem aplica a noção de estrutura à psicanálise, trazendo um novo ponto de vista para a obra freudiana. Ele retoma o conceito de inconsciente para dar-lhe um novo tratamento, e faz surgir o sujeito do inconsciente, o sujeito barrado, como um efeito da estrutura. Esse retorno estrutural a Freud só é possível em razão de um movimento que tem suas raízes na linguística de Saussure (1916/2006). Mas que irá influenciar Lacan principalmente a partir dos trabalhos do antropólogo Lévi-Strauss (1958/2017), um dos maiores expoentes daquilo que é conhecido como movimento estruturalista. Não pretendemos estudar o estruturalismo em sua variedade de saberes e pensadores, tampouco dar conta de todas as suas inserções epistemológicas na psicanálise. Portanto, neste ponto, apresentaremos brevemente suas bases conceituais que nos dirigem até a tomada estrutural de Lacan.

Começamos a tratar da noção de estrutura a partir do fato de que, na França de meados do século XX, o estruturalismo é o paradigma principal para o entendimento das ciências sociais (PRADO COELHO, 1967).

De acordo com Prado Coelho (1967), o estruturalismo existe apenas em suas manifestações, ou seja, ele se apresenta numa variedade de domínios nos quais a

atividade estruturalista é incorporada. O estruturalismo não é uma filosofia, visto que há nele várias filosofias implícitas. Na verdade, ele procura mesmo diferenciar ciência de ideologia, com o intuito de legitimar-se no plano científico. Como um método rigoroso, o estruturalismo promete conferir *status* de ciência às ciências sociais, tais como a linguística estrutural, com Roman Jakobson; a filosofia, com Louis Althusser e Michel Foucault²; a antropologia, com Claude Lévi-Strauss; e a psicanálise, com Jacques Lacan. A partir de uma certa linguagem comum, o estruturalismo aproxima essas disciplinas vizinhas, possibilitando o diálogo entre elas. Propicia inclusive a realização de pesquisas conjuntas e até mesmo colóquios multidisciplinares. Segundo Dosse (1993, p.14), o estruturalismo é “o polo de convergência de uma geração inteira que descobriu o mundo por trás da grade estrutural”.

O estruturalismo tem início com a linguística, quando Saussure (1916/2006) introduz a noção de sistema. A linguagem seria um sistema articulado de signos linguísticos, no qual a diferença é o elemento de origem, ou de impossibilidade de origem. Prado Coelho (1967) nos diz que isso designa o caráter dialógico da linguagem, ou seja, ela não pode ser pensada a partir de um princípio de unidade. Na dualidade língua-fala, a fala, *parole*, é a utilização prática da língua; e a língua, *langue*, é um sistema de formas e de regras composto por signos linguísticos. A língua caracterizaria a dimensão virtual e a fala designaria a atualização dessa virtualidade.

Um signo linguístico seria a associação, por convenção, entre uma imagem acústica, chamada de significante, e um conceito, chamado de significado, formando assim o par significante-significado (PRADO COELHO, 1967). Como não existe nenhuma relação necessária entre um significante e um significado, Saussure (1916/2006) separa significante e significado por uma barra, afirmando que a relação entre eles é convencional e não natural. A palavra “mesa”, por exemplo, não tem uma correspondência natural com o objeto que ela designa. Sendo assim, a relação entre o signo linguístico e a realidade é arbitrária (SAUSSURE, 1916/2006).

² Foucault é considerado um estruturalista somente num primeiro momento de seu pensamento, nos quais seus trabalhos *As palavras e as coisas* (1966/2007) e *Arqueologia do saber* (1969/2013) apresentam a história das ideias e das práticas, através do modelo estrutural. Já no segundo tempo de sua obra, chamado de genealogia do poder, Foucault está interessado em algo que o estruturalismo teria deixado de lado: as relações de poder.

A linguística estrutural derivada de Saussure ganha espaço na Escola de Praga, através de Roman Jakobson. Essa nova disciplina acaba por romper com a filosofia clássica platônico-aristotélica, quando postula a inexistência de um vínculo natural entre as palavras e as coisas (PRADO COELHO, 1967). A língua, então, é entendida como desvinculada e independente da realidade, e a realidade passa à condição de efeito dos processos de linguagem. Ao se tomar a língua como entidade autônoma, a linguística pode chegar à noção de estrutura.

Na estrutura está em jogo o sistema de funcionamento da linguagem, ou seja, suas regras e suas partes elementares. A língua é uma estrutura que se define por um sistema de diferenças oposicionais onde o valor de cada termo é dado pelo sistema, portanto, pela posição que cada elemento ocupa nesse sistema (DELEUZE, 1972/2006).

Ao afirmar a natureza sistemática da língua, quer dizer, que ela não é uma substância, Saussure (1916/2006) substitui as pesquisas linguísticas em termos de diacronia por pesquisas em termos de sincronia (PRADO COELHO, 1967). A língua é concebida como um “sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (SAUSSURE, 1916/2006, p. 102). O que é sincrônico diria respeito ao aspecto estático da língua; já o que diria respeito às evoluções da língua, ou uma fase de sua evolução, é o que é diacrônico (PRADO COELHO, 1967). E seria por essa razão que não se pode falar em origem da língua.

Prado Coelho (1967) nos esclarece que, na verdade, essas duas leis não se excluem mutuamente; mas são, antes, os dois eixos segundo os quais são organizados os fatos linguísticos. Elas formam o par diacronia-sincronia. Ainda segundo o autor, a lei sincrônica é expressão de uma ordem vigente, comprova um estado de coisas na medida em que é a análise das relações existentes entre as coisas independentemente do fator tempo. É o que se pode chamar de eixo das simultaneidades. A diacronia não é propriamente uma lei, porque os acontecimentos diacrônicos têm sempre um caráter acidental e particular, não obedecendo sempre a uma mesma regra. É então a análise das transformações, através da história, das coisas que se encontram no eixo das simultaneidades, definindo-se portanto como o eixo das sucessividades. A língua seria entendida como acrônica, na medida em que é a regra, a lei que responde tanto por um estado de coisas quanto pelas transformações que sofrem (PRADO COELHO,

1967).

O estruturalismo, então, pode ser pensado “como reflexão sobre a linguagem e como nova linguagem”, que possui um “projeto múltiplo de desnaturalização dos signos” (PRADO COELHO, 1967, p. XIII). Entende-se, pois, que só há estrutura daquilo que é como linguagem: o inconsciente fala pois está estruturado como uma linguagem (LACAN, 1957/1998). A linguística, mais do que ter fornecido um modelo explicativo para as ciências humanas, inaugura um modo de ver e de pensar a partir do qual se torna possível a constituição de objetos teóricos específicos. “Um olhar armado por ela” (FOUCAULT, 1966/2007, p. 529), sob o qual as coisas apenas são concebidas na medida em que se constituem como elementos de um sistema significante.

A linguística estrutural dará origem à antropologia estrutural quando acontece o encontro entre Jakobson e Lévi-Strauss, ambos exilados nos Estados Unidos. Segundo Dosse (1993), o antropólogo acompanha os cursos do linguista sobre som e sentido, enquanto o primeiro assiste às aulas do segundo sobre parentesco. Depois de conhecer as contribuições linguísticas, tais como as noções de sistema, de arbitrariedade do signo linguístico, de sincronia etc, Lévi-Strauss volta à França. Em 1949, publica a tese que será “um dos mais importantes acontecimentos da história intelectual do pós-guerra e a pedra angular nas fundações do programa estruturalista” (DOSSE, 1993, p. 39).

Em *As estruturas elementares do parentesco* (LÉVI-STRAUSS, 1949a/1976), o antropólogo retém da linguística estrutural a investigação de invariantes, ou seja, ele procura aspectos universais na cultura; e também afasta-se de qualquer recurso à consciência do sujeito, privilegiando fenômenos inconscientes da estrutura (DOSSE, 1993). Como mencionamos, ele toma as noções de sistema e de arbitrariedade postuladas por Saussure (1916/2006) e afirma que os sistemas matrimoniais organizam-se entre as regras de filiação e de aliança de forma arbitrária. Para ele, o sistema de parentesco é uma linguagem. Assim, o campo simbólico ganha lugar central na antropologia estrutural, retirando-a dos modelos energéticos ou naturalistas (DOSSE, 1993). Aqui podemos perceber a exclusão de qualquer dimensão intensiva ou genética da estrutura.

A proibição do incesto recebe valor de universalidade no conjunto das sociedades (LÉVI-STRAUSS, 1949a/1976; 1950/2017; 1958/2017). Ela garantiria

e fundamentaria a troca, e esta, como nos esclarece Dosse (1993), situa-se na “circulação das mulheres nas alianças matrimoniais e constitui a verdadeira estrutura de comunicação a partir da qual os grupos instituem sua relação de reciprocidade” (p. 50).

Dessa forma, a estrutura para Lévi-Strauss (1958/2017) não existe na realidade concreta, visto que ela é uma lei, ou conjunto de leis; um sistema de relações que definem e delimitam as transformações possíveis nos elementos do sistema (PRADO COELHO, 1967). Para ele, esses sistemas de regras são universais, no sentido em que estão ocultos nos fenômenos sociais. As regras fazem parte de uma estrutura inconsciente constituída como razão natural que se manifesta em todos os comportamentos humanos. O inconsciente seria a instância última e universal, caracterizada como um sistema simbólico (PRADO COELHO, 1967).

Como podemos observar, Lévi-Strauss já marca o lugar central do simbólico e do inconsciente. Este, segundo o antropólogo,

é sempre vazio. Ou, mais precisamente, é tão alheio às imagens quanto o estômago aos alimentos que o atravessam. Órgão de função específica, limita-se a impor leis estruturais, que lhe esgotam a realidade, a elementos esparsos que lhe vêm de fora – pulsões, emoções, representações, lembranças (LÉVI-STRAUSS, 1949b/2017, p. 203).

Nesse inconsciente vazio não haveria lugar para o afeto, para as intensidades, para as imagens, ou para quaisquer outros conteúdos que não o significante. Assim, o lugar da estrutura é o do significante, enquanto que o significado fica no lugar do sentido (DOSSE, 1993).

Vale lembrar que, segundo Dosse (1993), a filosofia francesa dos anos 1950 estava dominada pela fenomenologia sartreana antes da chegada do pensamento estruturalista. A fenomenologia configurava um paradigma diferente, visto que enfatizava a consciência. Nessa perspectiva, o que se buscava compreender era a intencionalidade da consciência, sempre orientada para as coisas do mundo. O estruturalismo, porém, traz o inconsciente, e não a consciência, como conceito central, e o que estaria em jogo seriam os significantes, e não as coisas.

Lançando mão de alguns postulados da linguística e da antropologia estruturais, Lacan irá empreender uma leitura estrutural da psicanálise, afim de conferir certo grau de cientificidade à prática analítica (DOSSE, 1993). Como

vimos, o inconsciente já está no centro do estruturalismo quando Lacan faz emergir o sujeito da estrutura do inconsciente. Ele dirá que não é função da estrutura atuar como modelo teórico, mas sim “como a máquina original que nela põe em cena o sujeito” (LACAN, 1960a/1998, p. 655) “Isso fala”, ou seja, o inconsciente como uma máquina que fala e que, assim, produz o sujeito como efeito.

Antes de avançarmos nos pormenores conceituais do que estamos chamando de retorno estrutural de Lacan a Freud, é importante frisarmos que, se a psicanálise toma a estrutura a partir da tradição do pensamento francês, a psicologia também se apropria do termo. É através da vertente do pensamento alemão, conhecido como psicologia da forma, ou gestaltismo psicológico, que a estrutura é inserida no campo da psicologia de maneira diferente daquela conceituada pelo estruturalismo (FORTES, 2006).

2.4.

O ponto de vista do Gestaltismo e da psicologia

O Gestaltismo, ou psicologia da forma, surge na chamada Escola de Berlim, e tem como seus primeiros expoentes Koffka, Wertheimer e Köhler (FORTES, 2006). As pesquisas desse último irão influenciar as formulações de Lacan (1949/1998) acerca do narcisismo em sua concepção do estágio do espelho.

De acordo com Garcia-Roza (1972), a noção de estrutura, vem também ampliar e trazer uma nova perspectiva ao conceito de *Gestalt*. O gestaltismo, por sua vez, nasce de uma crítica à psicologia associacionista, quando diz que o todo não é igual à soma das partes. A psicologia da forma, então, compreende a estrutura partindo dos fenômenos da percepção e da ideia fundamental de totalidade psíquica (GARCIA-ROZA, 1972). Segundo Fortes (2006), as realidades poderiam ser entendidas estruturalmente como totalidades, pouco importando os elementos que as compõem. É nesse sentido que o todo não é igual à soma das partes, mas percebido como uma unidade. E é esta unidade estrutural que caracteriza a forma (FORTES, 2006). Podemos, portanto, dizer que a *Gestalt* é uma forma acabada, que tem a lei da Boa Forma como paradigma principal, no qual há a pregnância do todo sobre suas partes, ou seja, o todo é anterior às suas partes. Como uma estrutura pura, a *Gestalt* não teria uma gênese, uma origem

temporal (FORTES, 2006).

Deleuze (1972/2006) nos esclarece que a *Gestalt* se exerce tanto na realidade, visto que é concebida como uma característica da própria realidade, quanto na percepção, já que tendemos a totalizar as formas. Esta é a razão pela qual podemos dizer que a *Gestalt* nos remete à ideia de completude e de realidade. Além disso, ela em nada se assemelha a um sistema, a um complexo que é a estrutura. Para Lévi-Strauss, a estrutura nunca existe na realidade concreta (PRADO COELHO, 1967).

Diferentemente da forma completa, a estrutura, como conceito do estruturalismo, é sempre incompleta pois possui um centro faltoso que possibilita o movimento dos elementos simbólicos da estrutura (DELEUZE, 1972/2006). Ela não é entendida como parte da realidade empírica, mas como modelo construído a partir dela, e sua lei não é a da Boa Forma, e sim a lei da linguagem (GARCIA-ROZA, 1972).

Ao postular o estádio do espelho, Lacan (1949/1998) dirá que a percepção do corpo como uma forma total, chamada de eu (*moi*), é dada como uma *Gestalt*. Esta seria diferente do sujeito do inconsciente (*je*), caracterizado como efeito da estrutura simbólica (LACAN, 1960b/1998). Sabemos que, para Lacan, o eu, *moi*, corresponde ao lugar da ilusão e ao registro do imaginário. Sendo assim, a estrutura da *Gestalt* estaria ligada ao registro do imaginário, enquanto que a concepção de estrutura oriunda do estruturalismo teria o simbólico como seu determinante.

A psicologia construtivista toma a ideia de estrutura concebendo a totalidade como seu aspecto mais importante. Prado Coelho (1967) nos esclarece que, para Piaget, psicólogo construtivista, a estrutura possui elementos que estão reunidos numa totalidade, mas que as características desses elementos dependeriam das características desta. Além disso, o psicólogo afirma a gênese da estrutura, incluindo, portanto, a dimensão do tempo e fazendo do sujeito o centro de seu funcionamento (FORTES, 2006). Partindo de estruturas mais simples até as mais complexas, o sujeito se constituiria em estágios evolutivos. Por conseguinte, o sujeito piagetiano seria correlato ao sujeito da ciência (FORTES, 2006).

Esse sujeito do conhecimento não se confunde com o sujeito do inconsciente lacaniano, que seria marcado pelo descentramento de si. Aquele

sujeito estaria mais próximo do que Lacan (1949/1998) chama de eu (*moi*). O eu lacaniano não se constituiria por um processo evolutivo, mas sim através de uma operação permanente, afinal, o tempo da estrutura não seria sucessivo, histórico, diacrônico. A temporalidade da estrutura seria a de sua atualização, da sincronia, tal como postulada por Saussure (1916/2006). Sendo assim, para Lacan, não seria possível pensar a constituição psíquica em termos evolutivos ou desenvolvimentistas.

Para que possamos compreender essas questões mais claramente, traremos as características fundamentais da estrutura, lançando mão do artigo *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, de Gilles Deleuze (1972/2006). Embora Deleuze seja considerado um pós-estruturalista, em seu texto o autor une seu vasto conhecimento acerca da psicanálise, exposto em livros como *A lógica do sentido* (1969a/2009) e *Diferença e repetição* (1969b/2012), a seu brilhantismo na decomposição do conceito de estrutura.

2.5.

Considerações pontuais sobre a estrutura: o ponto da Carta Roubada

No texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo?*, Deleuze (1972/2006) nos aponta algumas características da estrutura. Como esse conceito não se configura como tema principal de nosso trabalho, destacaremos apenas os aspectos que consideramos mais fundamentais para nos aproximarmos da maneira que Lacan (1953b/1998) concebe a estrutura. A primeira característica que pontuamos é a organização dos elementos simbólicos em séries ou cadeias significantes; a segunda é o elemento paradoxal, o objeto X, chamado de casa vazia por Deleuze e de falo por Lacan; por fim, a última característica que escolhemos diz respeito ao fato de a estrutura ser indiferenciada em si mesma, porém diferenciadora em seus efeitos.

De acordo com Deleuze (1972/2006), a organização em cadeias significantes refere-se à disposição dos elementos em duas séries de base que irão se desdobrar em outras. A estrutura é, portanto, multiseriada, possuindo no mínimo duas séries cujos termos não se identificam entre si como numa relação biunívoca que, como vimos, é imaginária. Os termos são definidos como estruturalmente homólogos de maneira que, numa série, os elementos sofrem deslocamento relativos aos que

ocorreram com os da outra série. Ou seja, haveria a impossibilidade de correspondência entre as séries, de entrarem numa relação ponto a ponto. Elas nunca coincidiriam, havendo um deslizamento incessante de uma sob a outra (DELEUZE, 1972/2006).

Deleuze (1972/2006) afirma que Lacan (1954-55/2010) demonstra muito bem esse modo de organização da estrutura em séries e o deslocamento dos termos nas séries. No trabalho *O seminário sobre A carta roubada* (1956/1998), Lacan faz uma análise estrutural do conto de Edgar Allan Poe intitulado *A Carta Roubada* (POE, 2008). Nessa análise, ele demonstra a colocação em cena de duas séries cujos lugares são ocupados por elementos variáveis, no caso, personagens variáveis. Conforme Lacan (1954-55/2010; 1956/1998), o conto diz o seguinte:

A rainha recebe uma carta que, provavelmente, põe sua honra em questão, pois a entrada repentina do rei e do ministro em seu gabinete faz com que tente esconder a carta. Ela, então, coloca a carta sobre a mesa, tentando ocultá-la deixando-a ainda mais em evidência. O ministro, porém, percebe a atitude e o embaraço da rainha, o que o faz deduzir que o conteúdo da carta guardaria algo comprometedor. Sutilmente, ele troca a carta por um outro envelope semelhante que trazia consigo, movimento que mesmo percebido pela rainha precisa ser disfarçado em razão da presença do rei. Durante meses, a polícia tenta recuperar a carta revistando a casa do ministro enquanto este está ausente. Devido ao insucesso das várias tentativas, o chefe da polícia acaba comentando sua dificuldade em encontrar a carta com seu amigo Dupin. Este se oferece, então, para resolver o mistério. Faz-se anunciar ao ministro e, enquanto conversam, inspeciona o local com os olhos. Logo, é atraído por um papel meio amassado que se encontra como se estivesse jogado ali, como algo sem nenhuma importância. Percebe então que é o que procura e sai esquecendo propositalmente sua tabaqueira sobre a mesa. Volta, no dia seguinte, trazendo um papel substituto aproveitando a distração do ministro para fazer a troca. Despede-se em seguida tendo recuperado a carta e sem nenhuma desconfiança por parte do ministro.

As duas séries são: (1) rei que não vê a carta – rainha que a oculta, tendo-a deixado em evidência – ministro que tudo vê e toma a carta; (2) polícia que nada encontra – ministro que oculta a carta, deixando-a em evidência – Dupin que vê tudo e recupera a carta (DELEUZE, 1972/2006). Percebe-se aqui o deslocamento dos elementos nas duas séries, uns tomando os lugares de outros e modificando as

relações que os unem entre si. Na segunda série, a polícia vem ocupar o lugar do rei na primeira série, o ministro ocupa o da rainha e Dupin o do ministro (DELEUZE, 1972/2006).

Segundo Deleuze (1972/2006), esse deslocamento relativo entre os elementos das duas séries é propriamente estrutural, pertence aos lugares no espaço topológico da estrutura. Ele se dá segundo dois modos que constituem as duas leis da estrutura: a metáfora, que é a substituição do termo de uma série por outro da série a que se refere, e a metonímia, que é a combinação de um termo com outro no interior de uma mesma série. Aqui, Lacan (1960b/1998) faz uma equivalência entre a estrutura e o inconsciente freudiano, aproximando os mecanismos do processo primário, condensação e deslocamento, aos de metáfora e metonímia, oriundos da linguística de Jakobson:

...os mecanismos descritos por Freud como sendo os do processo primário, onde o inconsciente encontra seu regime, abrangem exatamente as funções que essa escola toma por determinantes das vertentes mais radicais dos efeitos da linguagem, quais sejam, a metáfora e a metonímia, ou, dito de outra maneira, os efeitos de substituição e combinação do significante nas dimensões respectivamente sincrônica e diacrônica em que eles aparecem no discurso (LACAN, 1960b/1998, p.813-814).

Lacan (1960b/1998) aponta a metáfora como a figura de linguagem equivalente à condensação e, portanto, à dimensão sincrônica da linguagem. E a metonímia, ele relaciona ao deslocamento e à ordem diacrônica. A causa desses movimentos, o que os determina e os comanda, é o lugar vazio.

O lugar vazio é a segunda característica que destacamos da estrutura. Ele é o elemento paradoxal, conforme afirma Deleuze (1972/2006). O autor denomina de objeto X isso que é o lugar da falta. Se ele falta a seu próprio lugar, ele não é real. Se ele falta à sua própria semelhança, ele não é uma imagem. Se ele falta à sua própria identidade, ele não é um conceito. Ele é sim um significante.

Lévi-Strauss (DELEUZE, 1972/2006) reconhece o mana como objeto X dos mitos, denominado como significante flutuante. De acordo com Deleuze (1972/2006), Jakobson identifica o fonema zero como aquele que, em si mesmo, não traz nenhum valor fonético ou caráter diferenciado, mas que, no entanto, determina as relações diferenciais entre todos os outros fonemas. Ainda segundo

Deleuze, Lacan aponta o falo como o objeto X da estrutura sexual, o significante em relação ao qual serão distribuídos os lugares simbólicos.

Conforme Deleuze (1972/2006), trata-se, então, de algo que pertence a duas séries ao mesmo tempo. No exemplo do conto de Allan Poe (2008), esse objeto paradoxal é a carta. Ao fazer uma análise literária de *Otelo*, André Green (1965) também traz a existência de um lenço que percorre as séries da peça. Desse modo, Green estaria marcando uma contribuição com o pensamento estruturalista. Lenço ou carta, cada vez que esse objeto muda de lugar, modifica toda a estrutura (DELEUZE, 1972/2006).

A última característica da estrutura que pontuamos no texto de Deleuze (1972/2006) é o fato de a estrutura ser indiferenciada em si própria, mas diferenciadora em seus efeitos. Esse aspecto nos importa na medida que ele é o que nos permitirá perceber a relação entre os registros do imaginário e do simbólico.

Sendo assim, essa terceira característica da estrutura é a de ser inconsciente, ou seja, de encontrar-se num plano virtual (DELEUZE, 1972/2006). A estrutura estaria presente apenas em seus efeitos, em suas atualizações, e inclui entre os seus efeitos a sua própria ausência, a sua virtualidade (PRADO COELHO, 1967).

Tomada como totalidade, define-se como uma dimensão estruturante, uma virtualidade indiferenciada que como tal nunca se torna real. Nela coexistem os elementos simbólicos e as relações diferenciais, formando um reservatório de possibilidades que nenhum sentido teria se assim permanecesse (DELEUZE, 1972/2006). Então, a estrutura atualiza-se, diferencia-se, não como um todo, mas como subestruturas que consistem em certas relações, certos valores de relações e certas singularidades (DELEUZE, 1972/2006).

Mas é justamente aqui que se passa a fronteira entre o imaginário e o simbólico: o imaginário tende a refletir e a reagrupar sobre cada termo o efeito total de um mecanismo de conjunto, ao passo que a estrutura simbólica assegura a diferenciação dos termos e a diferenciação dos efeitos (DELEUZE, 1972/2006, p. 233).

Segundo Deleuze (1972/2006), a medida que nos aproximamos do imaginário, tendemos para identificações e projeções, e, ao contrário, no simbólico, haveria a oposição entre os termos, com atribuição de valores a partir da posição que eles ocupam. Sendo assim, os jogos de espelho, próprios ao

imaginário, ocultariam um processo diferenciador bastante sutil que opera no nível inconsciente, no plano virtual da estrutura:

A imaginação desdobra e reflete, projeta e identifica, perde-se em jogos de espelhos, mas as distinções que ela faz, como as assimilações que opera, são efeitos de superfície que ocultam os mecanismos diferenciais, muito mais sutis, de um pensamento simbólico (DELEUZE, 1972/2006, p. 233).

Dessa forma, podemos dizer que, para Deleuze (1972/2006), haveria um aspecto estruturante, sempre ausente, que se manifesta apenas nos efeitos que produz; e outro estruturado, a causa em ausência desse estruturado sempre atual. Essa seria a noção de tempo estrutural, entendido como tempo de atualização e não o tempo da passagem de uma forma para a outra.

De acordo com Fortes (2006), a questão da temporalidade é o ponto central da diferença entre a estrutura tal como pensada pela psicologia e o conceito de estrutura do estruturalismo. Segundo a autora, o tempo não faz parte da estrutura da *Gestalt*. E se posteriormente a psicologia construtivista inclui o tempo na estrutura, ela o faz através de uma concepção de tempo evolutivo. Ou seja, conforme a tese piagetiana, o tempo passaria de uma estrutura a outra, de uma forma a outra. Para o estruturalismo, porém,

o tempo é sempre um tempo de atualização, segundo o qual se efetuam, em ritmos diversos, os elementos de coexistência virtual. O tempo vai do virtual ao atual, isto é, da estrutura às suas atualizações, e não de uma forma atual a outra forma (DELEUZE, 1972/2006, p. 232).

A partir do ponto de vista do estruturalismo, poderíamos pensar em dois sistemas: o inconsciente como o estruturante, como o virtual; e a consciência como o que é estruturado, como atualizações do inconsciente. Afinal, para Freud (1900/1996), a vida mental seria eminentemente inconsciente, sendo a consciência apenas um lampejo, uma atualização de uma vida inconsciente.

Após passarmos pelos pontos básicos da ideia de estrutura, finalmente veremos a maneira que Lacan (1953a/2005; 1953b/1998) toma o modelo estruturalista para retirar dele o sujeito do inconsciente e o inconsciente estruturado como uma linguagem. Já sabemos que a linguagem é uma estrutura, a Ordem simbólica, e que ela está, sob a perspectiva lacaniana, no cerne da estruturação do sujeito.

2.7.

Ponto de baliza do estruturalismo lacaniano: sujeito do inconsciente

Para afirmar o inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan (1957/1998) lança mão da ideia de signo postulada por Saussure (1916/2006). Conforme o linguista, a linguagem é um sistema de signos no qual o valor de cada signo depende da posição de todos os outros, visto que a mudança de posição de um signo modifica todo o sistema. Nesse sentido, um signo não tem valor em si. Seu valor é diferencial pois depende dos outros signos. Lembremos que o signo saussuriano é composto de significante e significado, separados por uma barra.

Lacan (1957/1998), então, densifica a barra entre o significante e o significado, pontuando a separação entre eles. Essa barra pode ser entendida como aquilo que Freud estipulou através de mecanismos de defesa como negação, recalco etc. O psicanalista francês traz também a primazia do significante sobre o significado, pois o significado estaria em constante deslizamento (LACAN, 1957/1998). Ao descolar o significante do significado, temos a separação entre definição e conceito. Assim, com o significado em deslizamento, cria-se a possibilidade da equivocação permanente do discurso.

É a concatenação entre significantes que produz efeitos de significação (LACAN, 1957/1998). O significante pode ser decomposto, ou seja, pode ser reduzido ao fonema (DELEUZE, 1972/2006). Todavia, para que haja significado é necessária a combinação entre os fonemas; e para que a significação se dê, é preciso a junção de significantes em cadeia. Logo, é a cadeia significante, em um movimento metonímico, que leva à significação (LACAN, 1957/1998).

Como vimos, Lacan (1957/1998) aproxima os termos freudianos e os conceitos da linguística estrutural de Jakobson. Enquanto Freud (1900/1996) chama de condensação e de deslocamento as transações entre as representações inconscientes, Lacan (1957/1998) denomina de metáfora e de metonímia as transações entre os significantes. A metonímia expressaria melhor o movimento do desejo. Já o sintoma seria mais metafórico, pois, constituiria aquilo que aparece no lugar de algo que está embaixo da barra, algo que está recalco. Ele se apresentaria então como a metáfora de um recalco, de uma ideia que não pôde

comparecer. E o desejo, em seu espraiamento metonímico, se manifestaria de uma forma mais evidente.

Trazer o inconsciente como uma estrutura, como a Ordem simbólica, implica dar a ele um lugar central, visto que passa a ser entendido como aquilo que define e que caracteriza o sujeito. O sujeito então é subordinado a algo que o determina como sujeito dividido (LACAN, 1960b/1998). Afinal, sua entrada na linguagem seria possível somente a partir da experiência da castração, que separa o sujeito do inconsciente daquilo que ele acredita ser, o eu.

Essa Ordem simbólica se constitui no sujeito como o grande Outro (LACAN, 1957/1998). De acordo com Deleuze (1972/2006), ela é ainda mais profunda que a ordem do real e a ordem do imaginário, portanto, ela preexiste às realidades e às imagens. Ela seria anterior ao próprio sujeito, pois, para Lacan (1956/1998), o sujeito estaria submetido ao Outro antes de seu nascimento, visto que é falado mesmo antes de falar.

A Ordem simbólica, com suas leis da sintaxe, parece ter um funcionamento autônomo que comanda o sujeito, deixando-o em posição de efeito dessa estrutura, um sujeito assujeitado: “dominação que afirmamos do significante sobre o sujeito” (LACAN, 1956/1998, p. 65). Diferentemente dos estruturalistas e dos pós-estruturalistas, para os quais a noção de estrutura praticamente elimina a possibilidade de se pensar até mesmo em subjetividade, Lacan advoga pela manutenção da relação entre os conceitos de sujeito e estrutura, assinalando o lugar no qual “a estrutura cessa e a subjetividade começa” (FINK, 1998, 56).

É no momento do Édipo, posterior ao narcisismo, que realiza-se a castração com o conseqüente advento do sujeito e sua entrada na Ordem simbólica. Ou seja, para o autor, o narcisismo somente ganharia um sentido mais completo com a instauração do Édipo e do complexo de castração.

Para alcançarmos a maneira que a castração aconteceria, é preciso compreendermos que a lógica estruturalista de Lacan (1953-54/1986) suporia uma falta real no homem. Essa falta diria respeito à inexistência de uma marca da diferença entre os sexos e da determinação do objeto sexual (NASIO, 1988/1997). Conforme observamos, seria exatamente esse ponto que traria a diferença entre o homem e o animal, visto que o comportamento deste em relação ao outro sexo já estaria pré-determinado. Sendo assim, o homem se caracterizaria por uma falta

originária, pela presença de um vazio, de um furo real representado pelo significante fálico (NASIO, 1988/1997; FINK, 1988).

O falo marcaria, então, duas maneiras pelas quais a sexualidade se organiza, uma que opera na esfera imaginária e outra que se realiza no registro simbólico (NASIO, 1988/1997). Cabe observar que uma forma não eliminaria a outra, afinal, mesmo que o indivíduo venha aceder à linguagem, tornando-se sujeito do desejo, não quer dizer que ele tenha ultrapassado o registro do imaginário. Por outro lado, o simbólico também já estaria presente no momento da constituição do eu, pois a operação essencialmente imaginária que é o estádio do espelho aconteceria mergulhada naquele registro.

Interessante notar como o vazio parece estar ligado à fundação da subjetividade em Lacan (1953-54/1986), quando este considera a hipótese da falta originária, que seria algo da ordem do negativo, e a coloca como organizadora do psiquismo na figura de um significante fálico. Green (1966-67/1988a) também aponta para o vazio, uma espécie de negativização, como condição de assunção da subjetividade.

Lacan (1954-55/2010) diferencia os registros imaginário e simbólico a partir daquilo que chama de esquema Z. Nesse esquema, ele apresenta dois eixos: o imaginário, que representa a relação imaginária entre o eu e o outro, ou sua imagem; e o simbólico, que traz a ligação entre o sujeito e o Outro. O eixo simbólico diz respeito à entrada de um terceiro na relação imaginária, que é o Outro (KLAUTAU, 2002).

No imaginário, haveria uma relação especular entre a criança e a mãe, quer dizer, entre o eu e o outro, na qual a criança identifica-se ao falo imaginário para ser aquilo que falta no outro. Ela estaria, dessa forma, ocupando o lugar de falo da mãe (NASIO, 1988/1997). Essa imagem com *status* fálico é o chamado eu-ideal (LACAN, 1949/1998).

Embora até aqui um eu-ideal tenha se formado, separando mundo interno e externo, todo esse processo inicial pelo qual o bebê passa não seria suficiente para fazer dele um sujeito do inconsciente. Lacan (1957-58/1999) nos diz que é preciso a entrada de um terceiro elemento, separando a relação narcísica dual entre o bebê e sua mãe, melhor dizendo, entre o eu e o outro especular. O mito de Édipo, com a problemática do incesto a qual representa, viria como a narrativa que ilustra esse momento separatório. Nele, se daria a instalação da lei de proibição do incesto,

possibilitando a passagem da natureza para o mundo da cultura (PRADO COELHO, 1967). A partir daí, o falo é concebido como o significante da diferença sexual, permitindo a estruturação e o advento do sujeito do inconsciente (NASIO, 1988/1997).

Lacan (1953b/1998) irá propor um outro significante em substituição ao falo, que passará a ser o suporte da função simbólica. Esse significante passaria então a ser ele o correspondente da lei de proibição do incesto, ou seja, da lei da cultura, e é chamado por Lacan (1957-58/1999) de Nome-do-pai. De acordo com Dor (1989), o Nome-do-pai serviria para Lacan articular a função fálica ao complexo de castração, permitindo o entendimento do momento edípico. Por ser um significante, não se trataria do pai da criança e nem de nenhuma pessoa que dela cuidasse. Ele representaria a lei que “faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem” (LACAN, 1953b/1998, p.279). De acordo com Fink (1998), o Nome-do-pai, que é o terceiro, não está ligado aos pais biológicos ou aos seus nomes próprios, mas se realizaria pela chamada função paterna e seria o suporte da função simbólica.

A função paterna permitiria a separação entre aquele que desempenha a função materna e a criança (NASIO, 1988/1997). Com a introdução da lei do pai, a criança assumiria a condição de simbolicamente castrada, deixando de identificar-se com o falo da mãe. Sendo assim, somente a partir da castração poderia o falo ser recalcado no inconsciente, permitindo a passagem do registro do imaginário para o registro do simbólico.

Apesar de profundamente ligada à articulação simbólica da proibição do incesto, a castração manifesta-se, portanto, em toda a nossa experiência, e particularmente, nos que são seus objetos privilegiados, ou seja, os neuróticos, no plano imaginário (LACAN, 1957-58/1999, p.175).

A castração permitiria que a criança deixasse de ser o falo, afinal, “no plano imaginário, trata-se, para o sujeito, de ser ou não ser o falo” (LACAN, 1957-58/1999, p. 192). No campo simbólico, a questão ficaria entre ter ou não ter o falo, marcando a diferença sexual (NASIO, 1988/1997).

Cabe lembrar que, para Lacan (1957-58/1999), nem todos os processos de constituição psíquica têm o recalque, ou *Verdrängung*, como resultado. O destino dado ao significante Nome-do-pai corresponderia à estruturação de uma das três

categorias psicopatológicas: neurose, psicose ou perversão. O sujeito barrado que aparece como resolução do complexo de Édipo adviria somente a partir da castração, quer dizer, da entrada do significante Nome-do-pai. O resultado aqui seria a estrutura neurótica, o sujeito dividido capaz de produzir enunciações de desejo através de enunciados que obedecem às leis da linguagem.

Lacan (1957-58/1999) observa que a psicose e a perversão permanecem na questão do campo pré-edipiano, pertencendo à função imaginária. Portanto, quando acontece uma *Verwerfung*, ou seja, uma foraclusão do Nome-do-pai, o significante não entra, comprometendo toda a condição de significação fálica desse sujeito (NASIO, 1988/1997). Ele não alcançaria a categoria de sujeito barrado, configurando-se como uma estrutura psicótica. Por fim, a *Verleugnung*, também entendida como clivagem, recusa a castração, promovendo uma subjetividade perversa (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Diferentemente do entendimento de Lacan (1957-58/1999), essa forma de negação da castração não corresponderia necessariamente à organização de uma estrutura perversa na concepção de Green (1986b/2017). Para ele, a clivagem do eu viria como uma defesa primitiva contra um sofrimento intolerável, e seria o principal mecanismo defensivo dos casos limítrofes.

Como vimos até aqui, enquanto o sujeito do desejo adviria do acesso ao simbólico, o eu se constituiria essencialmente numa dialética de identificações imaginárias, concebida dentro do momento narcísico (LACAN, 1949/1988). Parece que a estruturação imaginária viria como uma preparação para a entrada do simbólico, como se o narcisismo, para Lacan, fosse uma antessala para a castração.

A castração seria o principal momento da constituição psíquica, no qual se definiria a categoria clínica do sujeito. Veremos de que maneira Lacan pode retirar da obra freudiana a ideia de estrutura clínica.

2.8. O ponto das estruturas clínicas

Queremos aqui fazer algumas especulações sobre a maneira pela qual Freud possivelmente apreende o termo “estrutura” em sua obra. Ele aparece no texto freudiano desde o início de suas formulações, em *Estudos sobre a histeria*, por exemplo, ao realizar uma comparação entre histeria traumática e neuroses graves.

A histeria traumática monossintomática é, por assim dizer, um organismo elementar, uma criatura unicelular, em comparação com a estrutura complexa de tais neuroses relativamente graves com que costumamos deparar (FREUD, 1893-95/1996, p.300).

Apresentado dessa forma, qual seja, como uma atribuição da neurose, o termo “estrutura” nos remete à ideia de estrutura clínica. Embora não consigamos encontrar expressão “estrutura clínica” na obra freudiana, poderíamos pensar que ela estaria, de alguma forma, implícita.

Sabemos que Freud promove o diagnóstico diferencial, sobretudo entre a neurose e a psicose, do início até o fim de sua obra. No entanto, essas distinções entre neurose e psicose estariam menos a serviço de uma classificação nosográfica do que de um interesse em seus mecanismos de ação. Ou seja, Freud (1984a/1994) estaria mais preocupado em destacar o funcionamento da neurose do que propriamente em efetuar uma caracterização das estruturas.

O conceito de estrutura não é contemporâneo a Freud, visto que toda a transformação estruturalista do termo lhe é posterior. Observamos que será Lacan (1953a/2005) quem fará a leitura da obra freudiana a partir das lentes do estruturalismo, produzindo grandes contribuições teóricas. De certa forma, ele impregnará a psicanálise com a primazia de uma estrutura particular: a estrutura edípica. Tamanho impacto dessa estrutura sobre o pensamento psicanalítico levará Deleuze e Guattari (1972/2010) a escreverem *O Anti-Édipo*, livro que critica o primado do complexo de Édipo.

É possível pensarmos, junto com Lacan, que Freud (1924-23/1996) situa o complexo de Édipo, cujo complexo de castração é seu correlato, na origem da estrutura clínica. Deleuze e Guattari (1972/2010) entendem o complexo de Édipo como uma estrutura, como um virtual, porque “deve ser atualizado numa formação neurótica” ou “ser desmembrado e dissolvido numa formação psicótica” (1972/2010, p. 174). Seria o impessoal, a estrutura que intervém naquilo que é pessoal, individual. Destarte, poderíamos dizer que a estrutura edípica corresponderia ao plano estruturante, virtual, enquanto que a neurose seria o estruturado, a atualização do virtual. Deleuze e Guattari (1972/2010) questionam, principalmente, sua primazia e sua universalidade.

Para Laplanche e Pontalis (2001), o complexo de Édipo tem uma função estruturante em determinados momentos do desenvolvimento humano. Seria uma estrutura fundamental, triádica, que possibilitaria as relações interpessoais, com a diferenciação entre eu, tu e ele.

Como dissemos, Jacques Lacan (1953b/1998), mergulhado no movimento estruturalista de seu tempo, faz um retorno a Freud, um retorno ao conceito de inconsciente. O olhar estrutural é o que o permite, entre outras coisas, separar o sintoma psíquico de uma etiologia biológica. Segundo Julien (1993), a preocupação em destacar a gênese da loucura de uma causa biológica já estaria presente no primeiro trabalho publicado por Lacan: sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932/2011). Nesse momento, mais influenciado pela tradição psiquiátrica de seu mestre Clérambault do que propriamente pela tradição psicanalítica, alinha-se ao lado daqueles que criticam o crescente organicismo que invade a psicopatologia francesa.

Por esse ângulo, a análise estrutural da loucura seria a possibilidade de dar destaque a seus modos de funcionamento, em detrimento de uma busca por uma causa orgânica. Clérambault, nas palavras do próprio Lacan (1966/1998), é seu único mestre na observação dos doentes e o inspira a focar no “texto subjetivo” por trás da doença psíquica do paciente a partir do conceito de automatismo mental. Este,

com sua ideologia mecanicista de metáfora, por certo bastante criticável, parece-nos, em seus enfoques do texto subjetivo, mais próximo do que se pode construir de uma análise estrutural do que qualquer esforço clínico da psiquiatria francesa (LACAN, 1966/1998, p. 69).

Seguindo a intenção de analisar estruturalmente os fenômenos psíquicos, ou seja, de categorizá-los em estruturas clínicas, Lacan irá eventualmente se aproximar cada vez mais da psicanálise e revisitar os termos *Verdrängung*, *Verwerfung* e *Verleugnung* (FREUD, 1924/1996; 1927/1996), que seriam as três formas de operação da castração. Apresenta tais defesas como determinantes das estruturas clínicas, quais sejam a neurose, a psicose e a perversão, marcando o valor estrutural desses mecanismos. Ele estaria, se é que podemos dizer assim, retirando uma abordagem estruturalista da obra freudiana destacando a ideia

implícita de estrutura clínica, que, por sua vez, possui em sua gênese algo que é da ordem de uma função estruturante. Afinal, quando falamos em estrutura clínica, falamos do aspecto sincrônico da estrutura.

2.9.

A que ponto chegamos?

Como se vê, a palavra “estrutura” é incipiente à psicanálise e segue no decorrer do tempo através de formulações de autores mais contemporâneos, como o próprio Green (2002/2008). Contudo, ela é tomada como um conceito somente a partir de Lacan. O termo “estrutura”, além de estar compreendido na operação edípica, também poderia ser reconhecido no momento narcísico, que é anterior ao Édipo, tal como veremos na abordagem de Green. Isso nos mostra a mobilidade desse significante, deslizando no tempo e na teoria. De sua tímida presença inicial nos textos freudianos, a estrutura passa a receber um esplendoroso tratamento em Lacan (1953b/1998; 1957/1998; 1960b/1998), a partir de seu encontro com o estruturalismo. E, posteriormente, será uma condição de formação do eu em Green (1966-67/1988a).

Assim como a noção de estrutura apresenta certa mutabilidade, visto seu deslizamento teórico no tempo, tendemos a pensar o significante “narcisismo” também como um termo movediço. Ele aparece em diferentes campos do saber, como a clínica, a criminologia e as teorias sociais. No que diz respeito à psicanálise, desde sua primeira manifestação na obra freudiana, em 1910, o narcisismo passa por diversas alterações de perspectivas.

Poderíamos pensar que, se o termo estrutura possui toda essa mobilidade, isso se deve, sobretudo, à lógica estruturalista. O estruturalismo nos traz esse movimento permanente, no qual os significados já não estão mais aderidos aos significantes, permitindo novas formas de significações.

Sendo assim, estamos fazendo a aposta de que a estrutura, bem como o narcisismo, são conceitos que dançam na teoria e no tempo. E se podemos lançar mão deles a qualquer momento, é porque o conceito de estrutura viabiliza o pensamento dessa maneira: se a definição está descolada, os conceitos podem dançar.

Na extensa obra freudiana, com cerca de quarenta anos de produção teórica, conceitos como narcisismo, autoerotismo, pulsão, entre outros, comparecem em diversas fases. Sabemos, por exemplo, que narcisismo e autoerotismo são, de certo modo, deixados de lado por Freud (1920/1988; 1921/1988) quando formula a pulsão de morte. Mas se entendemos que a estrutura, com sua equivocação de sentido permanente, é o que permite a mobilidade dos conceitos, nenhum deles é integralmente superado e, portanto, não sofre total extinção. Nessa direção, Green (1983/1988a) pode mover o narcisismo para dentro da segunda teoria pulsional (FREUD, 1920/1988). E desse enlace, faz nascer uma nova definição: narcisismo de vida/narcisismo de morte.

Queremos, então, baseando-nos em Freud (1914/1996; 1921/1988), Lacan (1949/1998; 1953-54/1986) e Green (1983/1988a; 1986b/2017), investigar os movimentos do narcisismo. Vê-lo saltar pois, quando salta, carrega consigo apenas o eco do significado. E, assim, produz outras significações. Para tanto, percorreremos os caminhos do narcisismo, começando por Freud.

3

Caminhos de Narciso: o narcisismo na obra de Freud

O termo “narcisismo” começa a aparecer na psicopatologia do final do século XIX, inspirado em Narciso, personagem mítico que apaixona-se por si mesmo (ROUDINESCO & PLON, 1998). O comportamento narcisista estaria inicialmente ligado à homossexualidade, prática entendida dentro do conjunto das perversões sexuais. Freud (1910a/1996), porém, dará outras possibilidades de significados para esse significante. Ao afirmar a sexualidade como perverso-polimorfa, o autor (1905/1996) estaria retirando a homossexualidade do âmbito das perversões, e, portanto, desvinculando narcisismo e perversão.

Assim, na obra freudiana, não seria possível falar em narcisismo sem relacioná-lo com a sexualidade, afinal, as modificações em sua teoria da sexualidade acabam transformando também o estatuto do narcisismo. Ao opor libido do eu e libido de objeto, Freud (1914/1996) confere ao narcisismo o *status* de conceito. Nesse primeiro momento de maior destaque do conceito, o autor chamará de narcisismo primário a operação de formação do eu e, dessa forma, irá inserir a situação narcísica como parte fundamental da constituição psíquica. Num segundo momento, conhecido como a “virada” de 1920, Freud (1920/1988; 1921/1988; 1923/1988) reformula a teoria das pulsões e desenvolve a segunda tópica, levando o narcisismo primário ao quase apagamento de sua obra.

Pretendemos, principalmente, percorrer o caminho do narcisismo através de suas dimensões estrutural e estruturante do psiquismo. Chamamos o narcisismo de estruturante por fazer parte de um processo maior de estruturação do eu, e não no sentido de “estruturante” dado pelo estruturalismo. Até mesmo porque, a partir desse ponto de vista, o narcisismo seria o estruturado, enquanto que a castração seria o estruturante. Além disso, Freud (1914/1996) não afirma explicitamente ser a situação narcísica o momento de formação de uma estrutura, como o faz Green (1966-67/1988a). No entanto, pode-se entendê-lo como um momento no qual uma forma totalizante é construída, forma essa que é o eu, o eu-ideal.

Para além daquilo que há de constitutivo no conceito de narcisismo, será preciso também investigar seus aspectos potencialmente patológicos. Freud (1914/1996) irá conceber a psicose e as neuroses narcísicas, por exemplo, como categorias cujas origens remontam ao momento narcísico primordial.

Atravessando esse trajeto pela obra de Freud (1914/1996; 1921/1988), teremos como destino final o horizonte do pensamento pós-freudiano sobre o narcisismo, nas penas de André Green (1983/1988a) e de Jacques Lacan (1949/1998), no último capítulo deste trabalho. Queremos, juntamente com esses autores, tomar esse conceito para pensar sobre os sofrimentos narcísicos, que nos impulsionam a realizar esta pesquisa. Percorreremos, agora, os caminhos de Narciso buscando encontrar subsídios que nos auxiliem em nossos objetivos.

3.1. A parada de Narciso

Roudinesco e Plon (1998) narram que o termo narcisismo surge inspirado no personagem Narciso, apresentado na tragédia grega *Metamorfoses*, de Ovídio, e designa o amor de um indivíduo por si mesmo. Eles relatam o mito dizendo que Narciso, filho do rio chamado Céfiso e da ninfa Liríope, possuía uma rara beleza. Tamanha perfeição o levaria à morte, caso um dia viesse a avistar a imagem de seu próprio rosto, como vaticinado pelo profeta Tirésias.

No caminho de Narciso está a ninfa Eco, que, assim como outras ninfas, se encanta pelo belo rapaz e é rechaçada por ele. Apaixonada, Eco definha sem comer até tornar-se nada além de uma voz (GREEN, 1976/1988a). Desejando vingança, solicita ajuda à deusa Nêmesis, que usou seu poder para punir o jovem. Narciso, então, enquanto caçava na floresta, sentiu sede e decidiu parar para beber água num lago. Ao se deparar com o reflexo de seu rosto nas águas claras do lago, acreditou estar diante de um outro ser. Encantado pela beleza desse outro, e sem saber que se tratava de sua própria beleza, apaixonou-se perdidamente por si mesmo. Apaixonado e hipnotizado por tão sublime visão, tentou incessantemente alcançar a imagem, que se desfazia a cada toque na água. Ao perceber que dedicava um intenso amor à sua imagem refletida no espelho d'água, entristeceu-se. Na tentativa de separar-se de si mesmo, feriu-se e sangrou até a morte. Sua beleza, porém, persiste na transmutação de seu corpo morto em uma bela flor de nome Narciso. (ROUDINESCO & PLON, 1998).

Diversos pontos do mito ajudam a inspirar a maneira que o narcisismo será entendido. Interessante notar o poder sedutor e transformador da imagem sobre o personagem. No entanto, não se trata de qualquer imagem, mas sim a visão de si

próprio, proporcionada pela reflexividade da água. O espelhamento favorece o apaixonamento de Narciso por seu próprio reflexo, e também propicia o reconhecimento da imagem como própria. Na lenda, o encantamento pela imagem de si, bem com o fato de reconhecer-se, levam a um resultado deletério, mortal. Esse desfecho negativo justificaria o fato da psicopatologia tomar o mito para falar de algo de ordem disfuncional. Afinal, o narcisismo, inicialmente, será compreendido dentro do quadro das perversões sexuais.

3.2. Uma parada na perversão

Inspirado na lenda grega, o termo narcisismo faz sua inserção no campo da clínica no final do século XIX. Segundo Roudinesco e Plon (1998), é o psicólogo francês Alfred Binet quem o utiliza pela primeira vez, em 1887, para designar o comportamento fetichista do indivíduo que toma a si mesmo como objeto sexual.

Nesse momento da história, de acordo com Birman (2012), do ponto de vista médico-legal e psicopatológico, haveria a condenação de todas as práticas sexuais que não tenham a reprodução como finalidade. Michel Foucault (1976/1988) afirma ser a sexologia do séc. XIX o campo dos anormais, dos degenerados e, portanto, também o campo do discurso científico sobre o sexo, da incidência do poder disciplinar e do biopoder. Isto se confirma com a criação do sistema de classificação das psicopatias sexuais promovido por Richard Von Krafft-Ebing (1886/2001).

Ainda conforme Roudinesco e Plon (1998), o narcisismo designaria um comportamento perverso a partir da leitura do mito de Narciso realizada por Havelock Ellis, em seu trabalho intitulado *Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestations of the sexual impulse* (1898/1927). A concepção do narcisismo como perversão será reiterada pelo criminologista Paul Näcke, quando este realiza um comentário sobre o artigo de Ellis, introduzindo o termo narcisismo em alemão. Será com sua abordagem sobre o tema que Freud (1914/1996) abrirá seu artigo sobre o narcisismo anos mais tarde.

Ellis se refere ao mito grego para descrever um tipo de fenômeno autoerótico, no qual uma excitação espontânea direcionada ao próprio corpo acomete o indivíduo (CRISTÓFARO et. al., 2018). O sentido dado por Ellis ao

termo autoerotismo difere daquele que será formulado por Freud sete anos mais tarde, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996).

Na visão de Ellis, o fenômeno narcísico tratar-se-ia de um comportamento autoerótico bastante comum nos psicóticos, que tocam seu próprio corpo, e também nas crianças, quando sentem a primeira excitação diante de seus reflexos no espelho (CRISTÓFARO et. al., 2018). Podemos perceber que o psicopatologista destaca a imagem de si e a reflexividade presentes na lenda. Também parece haver uma coincidência entre aquilo que Ellis está entendendo como atividade autoerótica, ligada à psicose, e a reação da criança diante de sua imagem refletida. Talvez esse último aspecto esteja, de maneira muito embrionária, na origem da possibilidade de conceber um narcisismo constitutivo. Afinal, o psicopatologista estaria pensando a relação da criança com a imagem do espelho como um fenômeno ordinário. Para que o narcisismo seja considerado uma perversão, uma espécie de excesso de autoerotismo precisa estar presente, sendo responsável pela ocorrência de categorias patológicas dentro do quadro das perversões como, por exemplo, o caso dos invertidos (CRISTÓFARO et. al, 2018). Estes seriam os homossexuais, cuja atividade sexual não teria como função a reprodução.

Encontramos, portanto, o narcisismo inicialmente relacionado à perversão sexual. O termo “perversão” possui uma história complexa que mereceria maiores esclarecimentos. Contudo, não é nosso objetivo fazer um estudo mais aprofundado da perversão, mas sim apenas apresentar de maneira sucinta sua relação com o narcisismo.

Um termo será separado do outro somente em 1908, quando o médico Isidor Sadger entenderá o narcisismo tanto como um tipo de escolha de objeto nos invertidos quanto como um estágio na constituição psicosexual normal (ROUDINESCO & PLON, 1998). Sadger ingressa na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras³, em 1906, e suas discussões sobre o problema da identificação narcísica com a mãe parecem influenciar seu mestre (LAPLANCHE, 1993/1997). Essa identificação materna estaria na base da escolha de objeto homossexual. Já a concepção do narcisismo como um estágio constitutivo do psiquismo prepararia o terreno para o nascimento do narcisismo primário, tal como Freud (1914/1996) irá

³ Primeiro círculo do movimento psicanalítico, criado por Freud em 1902.

postular alguns anos depois. Desse modo, será possível afastar o narcisismo de uma visão quase que puramente patológica.

Como estamos observando, o narcisismo entra no campo clínico num momento em que determinadas práticas sexuais são consideradas expressões patológicas. Será em torno dessa tradição degenerativa da atividade sexual que Freud empreenderá outra leitura sobre a sexualidade, permitindo uma tomada crítica das chamadas psicopatologias sexuais (BIRMAN, 2012). Já em seu primeiro ensaio, intitulado *As aberrações sexuais*, de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) apresenta um apanhado de teses acerca da perversão, especialmente aquelas ligadas aos homossexuais. Embora esteja abordando o tema da inversão sexual, em 1905 o termo narcisismo ainda não está presente. Sua inclusão será feita pelo autor posteriormente, numa nota de rodapé acrescentada ao texto acima referido.

De acordo com Birman (2012), a nova gramática do sexual proposta por Freud consistiria em admitir que a sexualidade humana é perverso-polimorfa. Isto significa que o que estaria em jogo primariamente seria o prazer e não a finalidade de reprodução. Haveria uma perversão da função reprodutiva. Podemos perceber que o significante “perversão” estaria, aqui, mais próximo da ideia da transgressão em relação à reprodução. Esse novo paradigma, no qual a sexualidade no homem estaria originariamente pervertida da orientação reprodutora, levará Freud (1908/1996) a dizer que a produção de uma moral sexual civilizada, ou seja, a censura de certos comportamentos da esfera erótica, teria como consequência a formação das doenças nervosas da modernidade (BIRMAN, 2012). Ao se debruçar sobre o tema da sexualidade em seus *Três ensaios*, Freud estaria fazendo uma crítica aos sexólogos de sua época, tais como Havelock Ellis, Albert Moll, Magnus Hirschfeld, todos interessadíssimos em estudar as perversões. Eles, no entanto, rejeitam a nova gramática proposta pelo psicanalista, na qual o mal-estar moderno seria entendido como decorrente da repressão sexual (BIRMAN, 2012).

Afirmar a natureza perverso-polimorfa da sexualidade também implica destacar o outro elemento da expressão e que nos dará condições de compreender o que Freud (1905/1996) designa como autoerotismo. O polimorfismo, inerente ao erotismo diria respeito ao descentramento da sexualidade, melhor dizendo, o cerne da atividade sexual não estaria mais localizado nas genitálias, mas estaria presente em toda e qualquer região da superfície corporal. O conceito de autoerotismo nos

importa na medida em que ele se relaciona intimamente com o narcisismo primário, recebendo dois tratamentos distintos na obra freudiana. Primeiramente, ele é entendido como parte da constituição psíquica que precede o momento narcísico. Depois da formulação da nova teoria pulsional (FREUD, 1920/1988), autoerotismo e narcisismo primário passam a coincidir.

Mas antes de adentrarmos o campo das relações entre o autoerotismo e o narcisismo primário propriamente ditos, é importante apresentarmos o contexto teórico no qual Freud, de maneira ainda incipiente, introduz esses dois termos em seu pensamento. Para tanto, partiremos de seu trabalho inicial acerca do erotismo, seus *Três ensaios*, perseguindo a evolução cronológica do narcisismo nos artigos posteriores, até chegarmos em nossa parada principal: o narcisismo como um conceito dentro da teoria da sexualidade.

3.3.

Parada na sexualidade: primeiro dualismo pulsional e autoerotismo

Na psicanálise, o conceito de narcisismo aparece pela primeira vez em 1910, quando Freud acrescenta uma nota de rodapé à segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905/1996). Como sabemos, esse texto traz, entre outras noções, uma que é fundamental: a sexualidade, que transpõe o plano estritamente físico e genital. A sexualidade se expressaria através da libido, concebida como a expressão anímica das pulsões sexuais (GARCIA-ROZA, 1995). Em contraposição a estas, que se ligariam aos objetos do mundo externo, Freud nos apresenta as pulsões de autoconservação, ou pulsões do eu, cujo substrato energético visaria à conservação do indivíduo e não exatamente ao prazer libidinal. De acordo com Garcia-Roza (1995), Freud estaria marcando um lugar para o não sexual e para o dualismo pulsional. Afinal, a pulsão sexual seria um desvio da autoconservação, melhor dizendo, ela se apoiaria no biológico para se desviar. Com isso, produz-se um conflito entre a preservação do indivíduo e a sexualidade (ACCIOLY, 2010).

O primeiro dualismo pulsional é apresentado nos *Três ensaios*, a partir da oposição *pulsões do eu e pulsões sexuais*, no interior de uma teoria da sexualidade. De acordo com Laplanche e Pontalis (2010), Freud falava do eu desde seus primeiros escritos, porém de maneira não muito clara, designando o termo como a

personalidade em seu conjunto. Sabemos que o eu irá ganhar outros estatutos, chegando mesmo à categoria de instância psíquica, ao lado do Isso e do Supereu, naquela que será considerada algumas décadas depois a segunda tópica de Freud (1923/1988). No entanto, o eu aqui, antes do narcisismo, seria responsável pela manutenção vital, pela autoconservação, em contraposição às pulsões sexuais, à libido, cuja meta é a satisfação. Podemos concluir que nesse primeiro dualismo pulsional há uma tensão entre satisfação sexual e autoconservação.

No *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), Freud já afirmava que uma das funções do aparelho psíquico é dominar as tensões, intensidades e estímulos. Ou seja, constituir um aparato psíquico seria uma forma de construir caminhos de descarga para o intensivo. Essa concepção também estará presente no momento da efetivação do narcisismo como um conceito na obra de Freud:

Reconhecemos nosso aparelho mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos (FREUD, 1914/1996, p. 92).

Portanto, pensar como o psiquismo se constitui para dar conta das intensidades seria um dos principais objetivos de Freud desde o início de suas formulações.

Para tratar daquilo que é da ordem do sexual em contraposição ao que estaria na esfera autoconservadora, Freud (1905/1996) expõe nos *Três ensaios* a sua versão do conceito de autoerotismo, diferente daquela dada por Havelock Ellis. Como vimos, para Ellis (1898/1927), o autoerotismo seria um impulso espontâneo dirigido ao próprio corpo, um comportamento presente na psicose, nas crianças, mas, sobretudo, nos casos de perversão homossexual (CRISTÓFARO et. al., 2018). Com Freud (1905/1996), o termo adquire certa complexidade, mostrando-se bastante importante para o entendimento do narcisismo na constituição psíquica. Ele passa à condição originária de toda e qualquer sexualidade infantil.

A ideia básica é que o corpo originariamente seria marcado pela fragmentação, sendo constituído por uma diversidade de zonas erógenas, nas quais a pulsão sexual encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo (GARCIA-ROZA, 1995), pois fonte e objeto da pulsão coincidiriam. A imagem que Freud (1905/1996) nos dá é a de uma boca que beija a si mesma. A pulsão sexual só encontra satisfação na parcialidade, uma vez que mundo interno e externo ainda

não estão definidos. Sendo assim, no autoerotismo não há objeto externo, apenas pulsões parciais desconectadas entre si, satisfazendo-se separadamente.

Será somente em 1914 que Freud dirá que “uma nova ação psíquica” possibilitará uma superação do autoerotismo para o narcisismo, ou seja, uma passagem da parcialidade pulsional para a imagem de um eu em vias de unificação. Retomaremos essas formulações posteriormente, quando chegarmos ao texto *Narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914/1996). Até aqui, melhor dizendo, até o momento introdutório da teoria da sexualidade, autoerotismo e narcisismo não estão em relação, mesmo porque, Freud ainda não fala de narcisismo. Diferentemente de Ellis, que não fazia uma distinção entre os dois termos.

3.4.

A primeira parada do narcisismo em Freud: homossexualidade

Podemos observar que os estudos sobre o narcisismo realizados pela psicopatologia estavam ligados à questão da homossexualidade. É nesse contexto que o termo surge na obra de Freud, numa nota de rodapé acrescentada posteriormente, em 1910, aos *Três ensaios*. Nessa nota, o autor trata da escolha objetal dos indivíduos masculinos invertidos, que teriam como objeto sexual um outro cuja imagem se parecesse com a imagem de si próprio. Os invertidos, ao se identificarem com uma mulher, no caso, a mãe, buscariam amar homens parecidos consigo mesmos, da mesma maneira que foram amados pela mãe:

Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher (em geral, a mãe), após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmos como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1905/1996, p. 137, n. 1).

Importante destacar que aqui aparece a ideia de identificação à mãe, pertencente originariamente a Sadger, discípulo de Freud.

Concomitantemente ao acréscimo da nota de rodapé ao texto sobre a sexualidade, o autor escreve *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (FREUD, 1910a/1996), ainda pensando o tipo de escolha de objeto na

homossexualidade masculina. Empreendendo esse ensaio sobre a vida do artista, o psicanalista nos conta que, em razão do abandono do pai desde seu nascimento, da Vinci viveu até os cinco anos sob os cuidados apenas de sua mãe. O autor também encontra um conteúdo erótico em uma recordação da infância do artista. A reminiscência diria respeito a uma fase muito tenra, quando Leonardo ainda era bebê. Um abutre introduzia repetidamente a cauda em sua boca diversas vezes, fazendo com que Freud associasse a cauda do animal ao pênis.

Os dados colhidos sobre a vida de da Vinci levam Freud ao entendimento de que em certas ocasiões, nas quais o pai é muito distante ou ausente, pode acontecer de criança e mãe ficarem tão próximas ao ponto de haver uma identificação do menino com a última. Ele põe-se então no mesmo lugar que sua progenitora, reprimindo seu amor por ela, e colocando a si mesmo como um modelo de objeto de amor. Dessa forma, passaria à condição de homossexual, pois estaria interessando-se por meninos da mesma maneira que fora objeto de interesse de sua mãe. Assim, o autor afirma que o modelo de escolha de objeto seria o modelo do narcisismo, fazendo referência ao mito grego de Narciso, “um jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome” (FREUD, 1910/1996, p. 106).

Vimos que tanto no ensaio sobre Leonardo da Vinci quanto na nota de rodapé acrescentada ao texto de 1905, Freud faz referência ao narcisismo ligado à escolha de objeto, no caso, à escolha de objeto do homossexual masculino. Também em ambos os textos, aponta a fixação numa figura feminina, numa infância muito primitiva, e a sucedânea identificação a essa mulher, como o que justificaria o amor à imagem de si próprio e, portanto, a homossexualidade. Aqui, poderíamos apontar novamente a ligação entre narcisismo e imagem e, sobretudo, a relação da identificação com as futuras inclinações amorosas.

A imbricação entre narcisismo e homossexualidade também estaria presente no texto sobre o caso do presidente da corte de apelação de Dresden, o presidente Schreber (FREUD, 1911a/1996), publicado no ano seguinte. Partindo da análise do relato autobiográfico de Schreber, intitulado *Memórias de um doente dos nervos* (SCHREBER, 1903), Freud desenvolve um estudo detalhado sobre a paranoia. Em seu delírio, ele apresentaria desejos homossexuais, em razão de estar identificado com uma mulher. Importante ressaltar que, embora Freud esteja tratando o narcisismo a partir da homossexualidade, assim como seus contemporâneos, ele

acaba por afastar o aspecto patológico do narcisismo ao não conceber a inversão sexual como uma perversão em sentido pejorativo. Afinal, já havia afirmado a sexualidade humana como perverso-polimorfa e, portanto, descomprometida com qualquer função reprodutiva.

3.5.

A parada entre o autoerotismo e o amor objetal

O texto do caso Schreber, além de trazer a correspondência entre narcisismo e homossexualidade, apresenta também outra modulação do termo que muito nos interessa aqui nesta nossa pesquisa: localiza-o como um estágio normal da libido, novamente inspirado em Sadger. Podemos destacar aí o nascimento, dentro da obra freudiana, da possibilidade de formulação de um narcisismo primário, embora o conceito só venha a aparecer três anos depois, em *Narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914/1996). Nesse momento embrionário, Freud, então, concebe o narcisismo como “um estágio do desenvolvimento da libido, entre o auto-erotismo e o amor objetal” (FREUD, 1911a/1996, p. 68). Cabe ressaltar que o significante “estádio” parece aqui adquirir o sentido de fase, de etapa do desenvolvimento da libido. Por esse ângulo, Laplanche (1993/1997) declara que, em se tratando do ser humano, não se pode falar em estágio narcísico e nem tampouco em estágio autoerótico. Para ele, haveria “uma multidão de *momentos* narcísicos, com uma repetição, todavia, de microsequências: auto-erotismo-narcisismo” (p. 74).

O narcisismo, então, passa a fazer parte do processamento libidinal, operando entre a parcialidade autoerótica e o investimento em objetos do mundo externo. Freud (1911a/1996) acrescenta que, localizando-o como uma etapa intermediária entre o autoerotismo e a escolha objetal, talvez seja possível pensar o narcisismo como estruturante do desenvolvimento libidinal, ou seja, ele estaria dentro de um processo maior de estruturação psíquica. Sendo assim, como já podemos observar, os dois estádios da libido, autoerotismo e escolha de objeto, já estavam descritos desde os *Três ensaios*. Eles puderam juntar-se ao narcisismo no interior de uma teoria da constituição psíquica a partir do estudo freudiano da paranoia.

Ainda no artigo sobre o presidente, Freud traz uma perspectiva estruturante do narcisismo ao mesmo tempo que apresenta sua ligação com aspectos

patológicos. Para tanto, o autor retoma a ideia de fixação, que se daria por um retorno da libido à etapa narcísica, consolidando assim o entendimento da psicose dentro da teoria da sexualidade e, principalmente, o envolvimento do narcisismo com a psicose. “As pessoas que não se libertaram completamente do estágio do narcisismo (...) têm nesse ponto uma fixação que pode operar como disposição para sua enfermidade posterior” (FREUD, 1911a/1996, p. 70).

No entanto, é necessário apontar para o fato de que Freud não chega à ligação entre psicose e narcisismo sem a ajuda de outro clínico, o psiquiatra Karl Abraham. Em seu livro *As diferenças psicosexuais entre histeria e demência precoce* (1908), como o título mesmo indica, o autor faz uma distinção entre histeria e demência precoce, que corresponderiam à neurose e à psicose respectivamente. Cristóforo (2018), juntamente com outros autores, nos ajudam a esclarecer que, a partir da diferença no modo de circulação e de fixação da libido nessas categorias clínicas⁴ e tomando de empréstimo o autoerotismo freudiano, Abraham estuda a gênese da psicose e seu modo de funcionamento. Em razão de uma fixação da libido na fase correspondente ao autoerotismo tal como descrito por Freud (1905/1996), o psicótico não conseguiria investir libidinalmente nos objetos do mundo externo. Diferentemente da neurose, cuja capacidade de investimento não teria nenhum bloqueio em razão de fixação, a demência precoce estaria marcada pela retirada libidinal dos objetos, com a conseqüente volta da libido para o eu. A psicose se caracterizaria, desse modo, como uma patologia na qual os investimentos estariam voltados para o pensamento, na forma de delírio e de alucinação, e para o corpo do sujeito psicótico, numa atividade de gozo de partes desse corpo ainda não integrado (CRISTÓFARO, et. al., 2018).

Embora Abraham não mencione explicitamente o termo narcisismo, suas formulações sobre o retraimento e o engrandecimento do eu, permitiram Freud perceber que o retorno da libido ao eu caracterizaria a megalomania, sintoma muito comum na paranoia (CRISTÓFARO et. al., 2018). Todavia, a libido poderia regredir a uma etapa ainda mais arcaica que o narcisismo, qual seja, a fase do autoerotismo. Freud nos aponta que, na demência precoce, “a regressão estende-se não simplesmente ao narcisismo (manifestando-se sob a forma de megalomania),

⁴ Categorias clínicas que podemos chamar de estruturas clínicas *a posteriori*.

mas a um completo abandono do amor objetal e um retorno ao autoerotismo infantil” (FREUD, 1911a/1996, p.84).

Podemos dizer que Freud localiza o narcisismo como subsequente ao autoerotismo, marcando nitidamente a diferença entre um momento e outro. De acordo com Garcia-Roza (1995), ele já estipulara esse lugar para o narcisismo, entre o autoerotismo e o amor objetal, dois anos antes, em 1909, numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena. Essa fala é anterior à primeira aparição do termo no trabalho escrito por Freud. Logo podemos entender que, antes mesmo de estar ligado à escolha de objeto homossexual, o narcisismo já era pensado como uma fase intermediária do processamento libidinal, ou seja, como um passo estruturante do psiquismo.

Em *Totem e tabu* (FREUD, 1912-13/1996), o narcisismo continua como estágio intermediário no processamento da libido. A crença no poder das palavras e na onipotência do pensamento, presente nas crianças, nos neuróticos e nos povos primitivos, remeteriam a uma fixação no momento narcísico da constituição psíquica, no qual o eu estaria engrandecido. Esse eu inflado seria a característica essencial dessa fase narcísica, estipulando a relação entre narcisismo e eu.

Além de trazer o eu como objeto das pulsões sexuais, o texto acrescenta uma outra característica fundamental à compreensão do narcisismo. Tratar-se-ia de sua condição de perenidade, pois, mesmo que fosse realizada a escolha objetal definitiva do sujeito, a posição narcísica nunca poderia ser abandonada inteiramente. Os investimentos libidinais direcionados ao objeto poderiam regressar para a esfera do eu a qualquer momento:

Embora ainda não estejamos em posição de descrever com exatidão suficiente as características dessa fase narcísica, na qual os instintos sexuais até então dissociados se reúnem numa unidade isolada e catexizam o ego como objeto, já temos motivos para suspeitar que essa organização narcísica nunca é totalmente abandonada (FREUD, 1912-13/1996, p. 99).

Esse retorno ao eu da libido antes investida num objeto já seria um anúncio da ideia de um narcisismo secundário, que aparecerá em *Narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914/1996). Nesse texto o autor irá confirmar suas teses anteriores, consagrando o narcisismo como um momento fundamental da estruturação psíquica. A esse momento estrutural e estruturante, Freud dará o nome de narcisismo primário.

3.6.

Parada principal: narcisismo como conceito

É em *Narcisismo: uma introdução* (FREUD, 1914/1996) que o narcisismo surge em sua plenitude (GARCIA-ROZA, 1995). Para Roudinesco e Plon (1998), é aqui que o termo adquire o valor de um conceito. Veremos então seu ápice, a partir da condensação de tudo aquilo que Freud vinha discretamente teorizando sobre ele em sua obra. Laplanche e Pontalis (2001) destacam que é nesse texto que Freud, efetivamente e definitivamente, introduz o narcisismo no conjunto da teoria psicanalítica, levando em conta particularmente os investimentos libidinais, afinal, ao inserir o conceito na teoria da sexualidade, ele promove uma mudança de concepção das pulsões. Se anteriormente havia uma oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, agora a distinção é entre libido do eu e libido objetal. Ambas são referentes à pulsão sexual e, através de uma espécie de princípio de conservação dessa energia, quanto mais uma é investida, mais a outra se empobreceria (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Assim, parece existir uma certa disputa entre o investimento no eu e o investimento de objeto. Mais uma vez, a dimensão do conflito pulsional é assinalada por Freud.

Ao trazer a pulsão sexual para dentro do momento narcísico, Freud acaba dando um valor estrutural para a situação narcísica. Ele passa a apresentar o eu como um grande reservatório da libido, do qual partirão os investimentos libidinais para os objetos externos, ao mesmo tempo que também é para ele que a libido objetal retornaria. Reconhecer essa permanência libidinal no eu, possibilitaria a definição estrutural do narcisismo e a afirmação de sua perenidade, visto que nenhum investimento objetal, mesmo que maciço, transporia o narcisismo completamente (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Aqui, cabe salientar a ideia de constância da operação narcísica. Podemos, também, perceber a presença da pulsão sexual no interior do eu, bem como a importância de certa retenção de libido no eu, favorecendo a estruturação psíquica. O comparecimento da pulsão no narcisismo e o entendimento deste como um momento estrutural estarão destacados na construção teórica de Green (1983/1988a).

O que possibilita a estruturação do narcisismo é a “nova ação psíquica” que incide sobre o regime do autoerotismo. A partir de algo que vem operar sobre as

pulsões parciais, o eu se constitui. Ele se torna então o primeiro objeto unificado das pulsões. O narcisismo seria, assim, a passagem de um estado de fragmentação, autoerótico, para uma unidade psíquica, que é o eu.

(...) estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914/1996, p. 84).

Como vimos, Freud vem, vagarosamente, se aproximando da noção de narcisismo para falar tanto de estruturação do psiquismo quanto da relação entre a sexualidade e a psicose. Mas o que leva o pai da psicanálise a enaltecer o narcisismo ao ponto de produzir um trabalho para isso? Todo esse interesse estaria no interior de uma querela teórica e afetiva entre Freud e seu discípulo Carl Gustav Jung. O artigo sobre o narcisismo configura-se como uma resposta a Jung, no que diz respeito a dois temas divergentes entre eles: a existência do dualismo pulsional e a articulação entre teoria da libido e psicose (GARCIA-ROZA, 1995).

Para Jung, a teoria das pulsões, dividida entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais, não se aplicaria ao indivíduo esquizofrênico e, por isso, ele propõe uma ideia monista de pulsão, como uma energia psíquica generalizada, nem sempre ligada à sexualidade (GARCIA-ROZA, 1995). Freud estaria equivocado quanto à abrangência da noção de sexualidade. Segundo seu discípulo, o que acontece na psicose é uma introversão libidinal para dentro do mundo interno do sujeito. Tratar-se-ia de uma perda do interesse pelo mundo em geral, o que seria muito mais do que um interesse apenas erótico, levando a uma supressão da realidade. Sendo assim, neurose e psicose seriam discriminadas pelo grau de perda da realidade (GARCIA-ROZA, 1995).

Segundo Garcia-Roza (1995), Freud afirma que Jung faz um uso demasiado vago tanto do termo libido quanto do termo introversão. Quando o discípulo fala de um retorno da libido ao interior do sujeito, ele não especifica se a libido é sexual ou não, e nem mesmo a que se refere essa interioridade. Freud (1914/1996) entende a introversão como uma retração da libido para os objetos imaginários, diferentemente do narcisismo, caracterizado pela retração da libido para o eu. Assim, ele procede a uma distinção entre neurose e psicose muito mais sofisticada do que a ideia de grau de perda da realidade. Naquela, a partir da introversão

libidinal, o vínculo erótico permaneceria na fantasia, enquanto que nesta, o narcisismo possibilitaria observar uma perda mais radical da realidade. Ou seja, na neurose, a realidade seria substituída pela fantasia, enquanto na psicose, haveria a perda da realidade sem a suplência dos objetos internos (GARCIA-ROZA, 1995).

O conceito de narcisismo garantiria o fundamento sexual da psicose, tão buscado por Freud antes mesmo da elaboração de seu artigo de 1914. Como afirma novamente Garcia-Roza (1995), no caso do presidente Schreber, a paranoia não estaria ligada à introversão de uma energia não-sexual, mas a uma defesa contra a homossexualidade.

A resposta de Freud (1914/1996) a Jung, na forma de um texto sobre o narcisismo, contemplaria o problema da presença da sexualidade na psicose. No entanto, ainda restaria a questão do dualismo pulsional, pois, embora considere a existência de duas correntes libidinais concorrentes, do eu e de objeto, trata-se, na verdade, de duas forças de natureza sexual, similares no que diz respeito à atividade de investimento. A ausência de uma intensidade antagônica à sexualidade será resolvida apenas alguns anos mais tarde, quando Freud (1920/1998) postula a existência da pulsão de morte.

Para compreendermos como Freud (1914/1996) elabora essas questões iremos ao início do texto sobre o narcisismo. O autor abre o artigo apresentando o termo com o significado concebido por Paul Näcke, psicopatologista e criminologista da época. Para a psicopatologia, como vimos, o narcisismo seria uma espécie de perversão sexual na qual o indivíduo toma o próprio corpo como objeto sexual. Freud então contradiz esse ponto de vista, afirmando que isso que se considera uma perversão seria, na verdade, algo que atravessaria o desenvolvimento libidinal regular dos humanos. Parece haver uma preocupação em demarcar, logo de saída, os aspectos estruturante e universal do narcisismo. Portanto, a consideração de um narcisismo não entendido apenas como patológico.

O autor (FREUD, 1914/1996) segue, trazendo uma comparação entre os funcionamentos da neurose e da psicose, começando a distinguir um narcisismo estruturante de um narcisismo patogênico. Ele diz que as fontes que embasam sua reflexão são a clínica das neuroses, a clínica das psicoses e o estudo da vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. Essa última fonte, levaria à observação de que a crença no poder do pensamento como meio de lidar com o mundo externo estaria muito próxima da megalomania, presente nas parafrenias,

ou psicose. Já na clínica das neuroses, certos limites dos neuróticos à influência do psicanalista, que podemos entender como dificuldades transferenciais, levam Freud a pensar que o narcisismo seria um complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação, e não uma perversão. Enquanto que os parafrênicos, a partir da megalomania e dos desvios de interesse do mundo externo, ou seja, a partir da retirada da libido dos objetos externos, dirigiriam o investimento libidinal ao próprio eu, caracterizando uma atitude narcisista. Freud (1914/1996), contudo, ressalta que a megalomania não seria propriamente uma atitude nova, mas sim a manifestação de uma condição que já existia previamente.

Com essa comparação introdutória entre neurose e psicose, o autor divide o conceito em dois, marcando a existência de um narcisismo primário e de um narcisismo secundário.

3.7.

Parada no narcisismo primário

O narcisismo primário, como vimos, está ligado à constituição psíquica, situado entre o autoerotismo e a escolha de objeto, e seria a condição de existência do narcisismo secundário, que é posterior. Naquele, o eu se tornaria o primeiro objeto unificado das pulsões autoeróticas, integrando-as e direcionando-as para seu interior, constituindo-se como o grande reservatório da libido. A “nova ação psíquica” própria a esse momento, ao transformar o eu em reservatório libidinal, possibilitaria a subsequente catexia de objetos do mundo externo. Dessa forma, a libido deixaria de ser narcísica, passando ao estado de libido de objeto. O narcisismo primário se caracterizaria como estrutural, pois é a operação de estruturação do eu como lugar de armazenamento libidinal que irá possibilitar os investimentos futuros em objetos. Mas ele também pode ser entendido como estruturante por situar-se na necessária passagem do estado fragmentário para uma condição unificada. Com isso, podemos afirmar que o narcisismo primário estaria mais envolvido com a constituição do psiquismo do que com qualquer caracterização patológica.

O narcisismo secundário, por sua vez, pode estar ligado ao funcionamento normal da libido, mas também a uma atividade entendida como anormal. Ele seria o movimento de retirada do investimento libidinal do objeto e seu posterior retorno

para o eu. Para que isso aconteça, já deve haver um eu minimamente estruturado anteriormente pelo narcisismo primário, disposto a receber de volta a libido antes armazenada em seu interior. A princípio, esse retorno da libido ao eu não apresentaria maiores problemas sendo, inclusive, desejado, no caso do sono e da dor. “Uma pessoa atormentada pela dor (...) retira o interesse libidinal de seus objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar” (FREUD, 1914/1996, p. 89).

Todavia, se podemos atribuir uma face patogênica ao narcisismo, ela se apresentaria no narcisismo secundário, mas seu nascimento se daria no momento de estruturação do eu. Como já vimos, uma espécie de fixação no estágio narcísico primário, poderia levar a um retraimento da libido tanto para o eu, como no caso da megalomania, quanto para a etapa autoerótica anterior, que tem a esquizofrenia como exemplo. Green (1986b/2017) irá se apoiar nessa falha estrutural do eu para abordar os casos-limite. Afinal, Freud (1914/1996) não explica o que ocasionaria essa fixação libidinal no momento narcísico primário. Ele apenas indica a relação entre narcisismo e sintomas parafrênicos.

Cabe ressaltar que enquanto Freud discorre sobre o narcisismo, aquilo que ele chama de parafrenia equivale tanto às psicoses quanto às neuroses narcísicas (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Essas últimas irão formar um grupo composto pela paranoia, pela hipocondria e pela melancolia. Iremos nos aproximar dessa abordagem mais patogênica do narcisismo mais adiante. Por ora, daremos continuidade à investigação acerca do narcisismo primário, até mesmo porque será através dele que tentaremos promover o encontro teórico entre Lacan e Green.

O problema de se compreender como se dá a construção psíquica estaria ligada ao fato de que uma das funções do aparelho psíquico seria dominar as excitações. Contudo, essa estruturação não aconteceria por si só, visto que o bebê ao nascer se encontraria num estado de total desamparo, incapaz de sobreviver sem o cuidado de um outro ser humano. Nesse sentido, a constituição do aparato psíquico parece também estar na dependência da ajuda de um outro. No *Projeto* (FREUD, 1895/1996), esse outro é chamado de *Nebenmensch*, traduzido por ajuda alheia ou por humano ao lado (TORRES, 2011).

O outro será entendido por alguns analistas pós-freudianos como objeto externo. Freud dá alguns subsídios para pensar a questão, porém não a desenvolve propriamente. Melanie Klein (1981) e Winnicott (1975), por exemplo, tratam a relação de objeto com maior rigor, investigando, inclusive, seu lugar na

constituição psíquica. Veremos que Green (1983/1988a) será um expoente da terceira geração da psicanálise envolvido com as questões em torno do objeto, mais especificamente com o papel central ocupado por ele na constituição do eu.

No que diz respeito ao texto freudiano, pode-se observar a importância do outro, entendido ou não como objeto externo, através da expressão “Sua Majestade o Bebê”. O eu narcísico da criança seria produto da reprodução do narcisismo de seus pais sobre esse eu (FREUD, 1914/1996). O eu ficaria majestoso e engrandecido devido ao investimento maciço das figuras parentais. Isso demonstraria a necessidade da participação do outro no momento narcísico. Lacan (1949/1998) e Green (1966-67/1988a) irão ratificar, cada um a seu modo, a influência do outro na constituição do eu.

Para além e para aquém da consideração de haver, ou não, objeto externo, no narcisismo primário o que ganha relevo é a noção de eu, mais especificamente de eu-ideal. Ela nos ajudará a aproximar a matriz simbólica lacaniana da estrutura enquadrante de Green.

3.8. Parada no problema do eu

De acordo com Laplanche (1993/1997), “introduzir o narcisismo é, evidentemente, reintroduzir o eu, e reintroduzi-lo na teoria psicanalítica” (p. 66). Até 1914, o eu ganha diversos sentidos e parece até mesmo confundir-se com as pulsões de autoconservação. Ele estaria em contraposição às pulsões sexuais, que colocariam a integridade do indivíduo em risco. Ao resgatar a noção de eu no artigo sobre o narcisismo, Freud faz dele não mais um contraponto da sexualidade, mas sim um efeito dela (ACCIOLY, 2010). A nova ação psíquica une as pulsões parciais transformando o eu no primeiro objeto unificado dessas forças e também reservatório da libido. Dessa forma, a sexualidade passa a ser a condição de nascimento do eu e parte integrante de seu funcionamento. O que nos interessa quanto à acepção do eu quando o narcisismo entra em cena é tanto a sua sexualização quanto a sua divisão sutil entre o eu-real (*Ur Ich*), o eu-ideal (*Ideal Ich*) e o ideal de eu (*Ich ideal*).

Garcia-Roza (1995) aponta que o termo *Einheit* empregado por Freud para designar o eu emergente teria o significado de unidade, de conjunto. Assim, o

comentador completa que esse eu inicial só poderia ser entendido como um conjunto de representações. Ou seja, se a representação está relacionada ao eu, já aparece aqui sua ligação com a simbolização⁵. No entanto, esse eu que seria unificado e imaginário, mas, de certa forma, associado ao simbólico, é destrinchado em três versões: uma mais primordial, ligada ao autoerotismo, e outras duas variantes que estariam mais ligadas a um ideal.

Conforme nos esclarece Garcia-Roza (1995), o eu-real é um eu primitivo, “forma primeira do eu ideal e do ideal de eu, constituído pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo” (p. 57). A esse eu originário, referente ao autoerotismo, seria acrescida a idealização da imagem de si, na forma de um eu-ideal.

Por meio da operação do narcisismo primário, constitui-se, então, o eu-ideal, um eu majestoso e onipotente. Ele é efeito do narcisismo parental, ganhando um caráter de perfeição. Para que o eu-ideal totalizante se apresente, seria necessário unificar as pulsões parciais, superando o registro autoerótico fragmentário.

A experiência psíquica da castração, posterior ao momento narcísico, faz desse eu-ideal um ideal de eu (BIRMAN, 2016). Submetido à castração e, portanto, correspondendo a um ideal transcendente, o bebê perderia a majestade. A partir daí, inaugura-se uma recuperação desse eu-ideal através do ideal de eu.

Garcia-Roza (1995) nos lembra que, mesmo que seja constituído o ideal de eu, o eu-ideal permanece como um momento mítico, como um estádio inalcançável. A operação de construção do eu nunca termina, visto que a imagem de si não é definitiva, mas transformada, renovada e acrescentada de novos traços identificatórios em todo o decorrer da vida do sujeito. Vale lembrar que desde *Totem e Tabu* (1912-13/1996) Freud já suspeitava da insuperabilidade completa da situação narcísica.

Voltando aos três níveis da construção do eu, eu-real, eu-ideal e ideal de eu, parece que esse último se daria somente com o afastamento do narcisismo primário, tornando-se efeito do retorno da libido característico do narcisismo secundário. “Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal de ego imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela

⁵ Estamos chamando de simbolização o processo de produção de sentido, embora saibamos que Lacan (1953b/1998) privilegie a noção de significação.

realização desse ideal” (FREUD, 1914/1996, p.106). Aqui também aparece a atuação do outro, visto tratar-se de algo imposto de fora, e a presença inexorável do simbólico através desse outro. Sendo assim, a partir das palavras parentais, o ideal de eu se formaria como um modelo a ser alcançado.

A questão da existência de três versões do eu no narcisismo primário é complexificada por Freud no texto subsequente ao artigo de 1914. De acordo como Birman (2016), em *Os instintos e suas vicissitudes*, trabalho de Freud (1915/1996) dedicado às pulsões, o eu-real originário corresponderia ao registro do autoerotismo e seria aquele eu infantil apresentado no ensaio sobre o narcisismo. Já o eu-ideal, estaria relacionado ao registro do eu prazer-desprazer, enquanto que o ideal de eu diria respeito ao eu realidade definitivo. O que seria esse eu-real originário, ainda mais antigo do que o eu do prazer-desprazer? Seria uma forma ainda mais primordial que o eu-ideal? Estranho pensarmos a existência de um eu anterior à operação narcísica e correspondente ao registro dispersivo e fragmentário do autoerotismo, afinal Freud mesmo nos diz que “uma unidade comparada ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido” (FREUD, 1914/1996, p.84), e o que vem formar o eu é a “nova ação psíquica”.

Desse modo, o eu-real originário não seria uma forma unificada, mas sim um funcionamento autoerótico cujo prazer se daria sem investimento no mundo externo. Já o eu prazer-desprazer começaria a separação entre mundo interno e externo a partir da incorporação do que é prazeroso e da excorporação daquilo que causa desprazer.

Como podemos perceber, a noção de eu possui várias concepções na obra de Freud (1914/1998; 1923/1988). Ele seria um significante deslizante na teoria, capaz de receber diversos significados. Num primeiro momento, poderíamos aproximá-lo da pulsão, pulsão de eu. Em 1914, passa a ser entendido como objeto das pulsões parciais e reservatório de onde partirá a libido em direção a outros objetos e, posteriormente, ele ganha um *status* mais elaborado de instância psíquica. Portanto, é somente a partir da segunda tópica que o Eu aparece como um conceito mais robusto, ao lado do Isso e do Supereu, e como um precipitado de identificações (FREUD, 1923/1988).

Passamos agora para o conceito de identificação, que está umbilicalmente ligado à construção do eu e que é bastante antigo na obra freudiana. Ele nos

interessa principalmente porque Lacan (1949/1998), posteriormente, irá destacar a identificação narcísica como um dos mecanismos principais para a estruturação do eu.

3.9.

Parada no conceito de identificação

Freud (1921/1988) nos diz que a identificação seria a forma mais primitiva de se expressar o laço afetivo com alguém e que dela depende a instauração do complexo de Édipo. Nessa perspectiva, Laplanche e Pontalis (2001), afirmam que o conceito de identificação ganha valor central na obra freudiana ao participar da operação que constitui o sujeito.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), a noção de identificação começa a receber uma elaboração teórica em *A interpretação de sonhos* (FREUD, 1900/1996), quando Freud fala da identificação histórica.

Lembremos que o termo consta na primeira menção feita ao termo narcisismo, naquela nota de rodapé acrescentada aos *Três ensaios*. Tanto nessa nota quanto nas análises biográficas de Leonardo da Vinci e do presidente Schreber, Freud fala de uma identificação a uma mulher na escolha de objeto homossexual.

Em *Totem e Tabu* (1912-13/1996), a identificação aparece na figura da incorporação oral, nesse sentido, o canibalismo representaria uma forma de incorporação do pai da horda. A incorporação seria uma modalidade primitiva de identificação, ou seja, de constituição do psiquismo, na qual insere-se dentro do corpo um objeto que corresponderia a um outro ainda não diferenciado.

A introjeção seria um outro modo de identificação no qual objetos e qualidades inerentes a esses objetos são passados de “fora” para “dentro” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Essa modalidade de identificação não estaria necessariamente ligada ao corpo, como a incorporação, mas sim ao eu, ao ideal de eu etc. Sendo assim, ao produzir um movimento de fora para dentro e, portanto, de dentro para fora, a introjeção estaria possibilitando a formação de uma primeira fronteira subjetiva entre eu e não-eu. Parece que aqui engendra-se o eu prazer-desprazer, ou seja, o eu-ideal.

Na melancolia, que seria uma identificação narcísica, o sujeito se identificaria de maneira oral com o objeto perdido (FREUD, 1917b/1996). Freud afirma ser a identificação narcísica a modalidade identificatória mais antiga e a etapa preliminar para a escolha objetal. Ele diferencia identificação narcísica de identificação histórica: na primeira a catexia de objeto é abandonada, enquanto que, na segunda, o investimento no objeto permanece.

O conceito é trabalhado novamente no capítulo VII, da *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1988), quando Freud faz uma outra exposição, distinguindo três modalidades de identificação.

Ele fala de uma identificação primária ao pai da pré-história pessoal. Ela seria pré-edipiana, representando o vínculo mais remoto de um sujeito ao outro. “Trata-se do estágio oral, o da incorporação do objeto segundo o modelo canibalesco” (ROUDINESCO & PLON, 1998). Essa seria a modalidade exposta em *Totem e tabu*.

A secundária seria uma identificação ao traço. Freud traz como exemplo o caso de Dora, uma de suas análises mais famosas. Dora se identifica à tosse do pai, tomando o traço do pai o torna identitário, fazendo-o pertencer a si própria. Também podemos chamar essa segunda modalidade identificatória de identificação histórica, na qual vai-se tomando os traços do outro e afirmando-se um eu como uma espécie de mosaico. Sendo assim, o eu pode ser considerado um precipitado, um constructo que se forma a partir das identificações aos traços dos objetos que foram investidos e posteriormente abandonados. Tudo isso levará Freud (1923/1996) a dizer que o eu é um precipitado de identificações.

Por fim, a identificação terciária estaria relacionada ao desejo, ao vínculo comunitário e social. A ligação libidinal com o líder uniria uma comunidade através do desejo. Ou seja, haveria uma espécie de contágio que passaria pelo desejo do outro.

Além de apresentar o conceito de identificação, tão caro ao entendimento da constituição do eu que, como vimos, passa a ser considerado um precipitado de identificações, o ensaio *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921/1988) trará outra novidade teórica. O conceito de narcisismo sofrerá uma reviravolta, possibilitada, sobretudo, pela elaboração da segunda teoria das pulsões que marca o início da mudança dos anos 1920.

Antes disso, cabe lembrar que quando Freud (1914/1996) traz o conceito de narcisismo, introduzindo a contraposição entre a libido do eu e a libido do objeto, promove um conflito entre duas forças sexuais. Dessa forma, acaba colocando em xeque o dualismo pulsional, visto que o fator não-sexual perde seu lugar. A questão sobre o monismo ou o dualismo da pulsão, que ficara em aberto em 1914, pode ser resolvida através do novo par: pulsões de vida, Eros, e pulsão de morte, Tânatos. Em *Além do princípio de prazer* (1920/1988), a pulsão de morte garantiria o lugar do não sexual em sua obra, bem como a ancoragem definitiva do dualismo pulsional.

Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte (FREUD, 1920/1988, p. 63).

Basicamente, as pulsões de vida podem ser entendidas como aquelas que visam à ligação, à união e à preservação da vida, estabelecendo unidades cada vez maiores. A pulsão de morte faria um contrapondo a Eros, pois sua atividade operaria tanto desligamentos quanto destruições, podendo levar, em sua expressão mais radical, até o estado inorgânico (FREUD, 1920/1988). Geralmente, as duas forças trabalham juntas, melhor dizendo, intrincadas. Queremos chamar essa intrincação entre pulsões de vida e pulsão de morte de agonística por tratar-se de uma luta permanente, visto que para manter o motor da vida ativo, não poderia haver uma parte vencedora. Compreendendo o dualismo pulsional a partir da intrincação, podemos privilegiar a agonística em detrimento da dicotomia. Essas questões econômicas estarão mais marcadas na abordagem de Green (1983/1988a), sobretudo porque ele lança mão desse segundo dualismo pulsional (FREUD, 1920/1988) para desenvolver sua tese sobre o narcisismo primário. Chegaremos à abordagem de Green após passarmos pela transformação teórica empreendida por Freud em seu conceito de narcisismo.

3.10. Parada na “virada” teórica dos anos 1920

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (FREUD, 1921/1988), o narcisismo primário, que anteriormente era entendido como um momento

intermediário entre o autoerotismo e a escolha de objeto, passa a coincidir com um estado primitivo anobjetal em oposição às relações de objeto. Esse estado primitivo se caracterizaria por uma indiferenciação entre o eu e o isso, logo, ele seria anterior à existência de um eu, no qual não haveria qualquer relação objetal. Antes disso, na *Conferência XXVI*, a confusão entre narcisismo e autoerotismo já começa a aparecer. Freud afirma que “o auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido” (FREUD, 1917c/1996, p. 417). Laplanche e Pontalis (2001), consideram essa nova concepção do conceito como problemática pois, para eles, o termo “narcisismo” supõe a referência a uma imagem de si e a uma relação especular.

A formulação da segunda tópica, em *O ego e o id* (1923/1988), evidencia essa nova perspectiva sobre o narcisismo. Lembremos que Freud divide o aparelho psíquico em três instâncias, o Isso, o Eu e o Supereu, e promove uma nova narrativa sobre a formação do Eu. Sendo assim, no estado inicial, as pulsões se dirigiriam para os objetos partindo do Isso. O Eu, ainda em formação, se colocaria como mais um objeto para o Isso, afim de capitalizar a libido investida nos objetos. O autor, então, dirá que esse narcisismo do eu é um narcisismo secundário, proveniente da retirada dos investimentos dos objetos. Sendo assim, o narcisismo secundário ganharia o *status* de promotor da constituição do eu, tomando a função que antes era atribuída ao narcisismo primário. Este passaria à condição de estado inicial libidinal, coincidindo com o autoerotismo.

Segundo Laplanche e Pontalis (2011), o narcisismo do eu passa a equivaler ao narcisismo secundário por três razões teóricas: a noção de Isso como instância a partir da qual o Eu e o Supereu emergem por diferenciação; a concepção do Eu como uma instância diferenciada no aparelho psíquico; e o fim da separação entre autoerotismo e narcisismo primário.

A evolução imprecisa do conceito de narcisismo primário na teoria freudiana carregaria consigo a questão do lugar inicial de armazenamento da libido (KLIER, 2016). Ela poderia estar localizada no Eu, no Isso ou num estado de indiferenciação entre eles. Se considerarmos o reservatório libidinal no Isso ou no estado indiferenciado entre este e o Eu, talvez fosse possível pensarmos na existência de um eu originário muito primitivo. André Green (1976/1988a, p. 39) irá dizer que Freud não resolve a questão “de saber se o Eu vem do Isso ou se

existe um Isso e um Eu desde a origem (questão da qual depende a localização do reservatório)”.

Poderíamos especular que aquele eu-real originário, apresentado por Freud quando desenvolve seus textos metapsicológicos, seria um protótipo de eu existente desde o início? Se sim, em que consistiria esse eu e por que ele se abriria ao mundo externo? Laplanche e Pontalis (2001) apontam o perigo de se apagar a distinção entre narcisismo primário e autoerotismo, possibilitando a eventual existência de um eu já dado desde a origem. Para eles, o risco seria ter de afirmar a ausência de abertura do recém-nascido para o que lhe é exterior. Comparando o neonato a uma mônada fechada em si mesma, eles se perguntam o que o levaria a passar desse estado ocluso para o reconhecimento de um objeto exterior. Admitir um eu originário implicaria, talvez, contradizer a observação empírica de necessidade de cuidados do outro por parte do bebê em estado de desamparo. Mas, mais do que isso, considerando a existência de um eu muito primitivo, estaríamos eliminando a tese de que o eu não é inerente ao sujeito, de que ele não existe desde sempre e que, portanto, precisa ser constituído.

Toda essa reformulação, que podemos observar a partir de 1920, nos leva ao entendimento de que Freud (1923/1988) se desinteressa não apenas pelo narcisismo, mas também pelo autoerotismo e pelas pulsões parciais. Parece que Freud vê na pulsão de morte uma força muito mais potente e merecedora de atenção do que as discussões acerca do narcisismo. Enquanto estava na perspectiva da oposição entre pulsões de autoconservação e pulsões parciais, ou seja, enquanto considerava o primeiro dualismo pulsional, o narcisismo chega como um conceito problematizador. Posteriormente, para acabar com a querela entre autoconservação e sexualidade, o autor as inclui numa única força, Eros, que tem a pulsão de morte como sua interventora, como seu contraponto (ACCIOLY, 2010). Talvez seja esse o motivo pelo qual autoerotismo e narcisismo não fiquem mais tão distantes, sendo até mesmo confundidos.

Em 1914, Freud entenderia a operação como narcísica e o autoerotismo como uma prática fragmentária, visto que a pulsão é parcial. Ela é parcial porque seus representantes não têm de antemão um objeto total de satisfação. Caberá ao eu, como representante da totalidade, da identidade, agregar essa parcialidade, colocando-a para funcionar num certo regime no qual seus elementos articulam-se

uns com os outros. Sendo assim, confundir o narcisismo primário com o autoerotismo deixaria em aberto a questão de como afinal o eu se constitui.

Diante do exposto, observamos a existência de duas concepções distintas do narcisismo primário na obra freudiana. A primeira, de 1914, traria uma perspectiva estrutural e estruturante do momento narcísico. Já a abordagem de 1921, retiraria a importância da situação narcísica primária, desligando-a da formação do eu, ao fazer coincidir narcisismo primário e autoerotismo.

Tanto Lacan (1914/1998) quanto Green (1983/1988a) irão lançar mão da primeira formulação do narcisismo freudiano. Este irá introduzir a segunda teoria pulsional na constituição do eu, realizando uma abordagem estrutural, enquanto que aquele privilegiará as identificações na formação do eu, tomando um viés estruturante. Sendo assim, ambos os autores estariam produzindo uma combinação entre o narcisismo tal como concebido em 1914 e algum aspecto teórico pertencente à “virada” de 1920. Esses conceitos referentes à mudança de perspectiva de Freud servirão para que esses pós-freudianos também construam suas perspectivas patogênicas do narcisismo.

Como havíamos dito, além da dimensão estruturante e estrutural do aparato psíquico, o narcisismo guardaria aspectos patogênicos. Seguiremos pelo terreno tortuoso do narcisismo em algumas de suas formas patológicas.

3.11.

Última parada: concepção patogênica do narcisismo

Fazendo uma breve retomada do que já expomos, lembramos que a noção de narcisismo está atrelada à homossexualidade e, portanto, à perversão, na perspectiva da psicopatologia do final do séc. XIX. Freud tomará o termo de maneira muito sutil, inicialmente ligando-o à escolha homossexual de objeto. No entanto, sua teoria sobre a sexualidade perverso-polimorfa livra a homossexualidade de um entendimento patológico, separando, assim, narcisismo e perversão, tomada em seu sentido pejorativo. Em seguida, ao mesmo tempo que o narcisismo é inserido na teoria da sexualidade como um momento intermediário entre a fragmentação autoerótica e a escolha objetal, ele também é considerado como fundamento da psicose. Uma fixação no estágio narcísico bloquearia a circulação libidinal no sujeito psicótico, favorecendo um engrandecimento do eu

característico das megalomanias. Sendo assim, o narcisismo pode ser estruturante ou patogênico.

O ensaio de 1914 permite o entendimento das parafrenias, que são a psicose e as neuroses narcísicas, a partir do retorno da pulsão ao eu, ou até mesmo ao autoerotismo, num retraimento libidinal característico do narcisismo secundário. Freud (1914/1996) afirma que a retirada da libido objetual para eu, referente a esse segundo narcisismo, não seria diretamente patogênica. Até mesmo porque, como já sabemos, no sono e na dor seria salutar o retorno da libido ao eu. Porém, essa retirada pode ser radical, ocasionando uma perda de mobilidade pulsional. Isso dificultaria o reinvestimento em objetos. Desse modo, estaríamos diante de um quadro patogênico do narcisismo, afinal, um excesso de libido narcísica parece ser desprazeroso para o eu.

Para que o represamento de libido não leve ao adoecimento psíquico, seria necessário o redirecionamento pulsional para os objetos, aliviando o aumento de tensão na esfera do eu. Essa parece ser a resposta para a pergunta que Freud já se colocava em 1914: “o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos?” (FREUD, 1914/1996, p. 92). Poderíamos então supor que seria preciso amar para não adoecer.

A necessidade vital do aparelho psíquico em investir em objetos leva à questão da transferência na prática analítica. Afinal, alguns quadros apresentam dificuldades transferenciais maiores do que aquelas que dizem respeito às resistências. É nesse contexto da problemática da transferência analítica que Freud retoma o tema do narcisismo na Conferência XXVI, *A teoria da libido e o narcisismo* (FREUD, 1917c/1996).

Ao empreender a comparação entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas, o autor percebe nestas certa dificuldade, ou até mesmo uma impossibilidade de transferência libidinal. E isso se daria pelo fato de que a libido retraída no eu estaria em situação de indisponibilidade para outros investimentos. Sendo assim, “aqueles que sofrem de neuroses narcísicas não têm capacidade para a transferência ou apenas possuem traços insuficientes da mesma” (FREUD, 1917d/1996, p. 447). Enquanto no grupo das neuroses narcísicas composto pela paranoia, pela hipocondria e pela melancolia, haveria a fixação da libido em sua

corrente narcísica, no grupo das neuroses transferenciais, integrado pela histeria, pela neurose obsessiva e pela fobia, essa corrente circularia mais livremente.

O modo de circulação libidinal caracterizaria a neurose como narcísica ou como transferencial. Mas o período no qual ocorre a fixação também seria determinante, visto que ele marcaria a diferença entre as neuroses.

É bem surpreendente que, no caso de todas as neuroses narcísicas, temos de supor que os pontos de fixação da libido remontam a fases muito anteriores do desenvolvimento, em comparação com o que se observa na histeria e na neurose obsessiva (FREUD, 1917c/1996, p. 422).

A fixação nas neuroses narcísicas se daria no momento de estruturação do eu, exatamente no narcisismo primário. Portanto, se podemos pensar em um protótipo daqueles que serão considerados casos-limite, ele estaria nessas patologias narcísicas freudianas. De acordo com Green (2002/2008), embora Freud tenha modificado o conceito de narcisismo em sua obra, a categoria das neuroses narcísicas nunca foi abandonada. Isso nos leva a pensar que não seria possível descartarmos o conceito de narcisismo primário, embora Freud o coloque num lugar um tanto quanto periférico quando desenvolve sua segunda teoria pulsional.

Diante desse “esquecimento do narcisismo” (GREEN, 1982/1988a, p. 12), André Green irá empreender uma articulação entre essa noção e o segundo par das pulsões que, segundo o autor, Freud teria deixado para que as gerações seguintes formulassem. A ideia greeniana de narcisismo de vida/narcisismo de morte traria o dualismo pulsional, pulsão de vida/pulsão de morte, para dentro do conceito de narcisismo. Dessa forma, Green estaria introduzindo na operação narcísica não apenas o não-sexual, na figura da pulsão de morte, mas também o dualismo e a agonística. Tais formulações embasam tanto o seu entendimento acerca da constituição do eu quanto as reflexões sobre os casos limítrofes.

Quanto a Lacan, a problemática pulsional não estaria diretamente ligada às suas formulações referentes ao narcisismo. A pulsão será tratada com maior ênfase pelo autor (LACAN, 1962-63/2005; 1964/1998) em uma fase posterior de sua obra, quando o registro do real começa a ganhar relevo, a partir da evidência clínica e epistemológica de algo que está sempre para além, como nos diz Freud

(1920/1988): “para além do princípio de prazer”. Porém, o real já se faz presente na ideia de um significante da falta dentro da estrutura (LACAN, 1953b/1998).

Como vimos, a retomada do conceito freudiano de narcisismo acontece no início da fase estruturalista do autor. Nesse sentido, seu interesse residiria em postular um sujeito do inconsciente em oposição a um eu puramente imaginário. Embora Lacan (1953b/1998; 1953-54/1986) não faça do eu uma potência tal como Green (1982/1988a), e nem tampouco traga a pulsão nesse momento de sua obra, ele descreve brilhantemente a construção do eu, a partir do conceito de identificação narcísica, quando formula o estágio do espelho (LACAN, 1949/1998).

Diante do exposto, gostaríamos de apresentar as tomadas de Green e de Lacan acerca do narcisismo para, em seguida, destacar os pontos teóricos de proximidade e de distanciamento desses autores.

4 Cruzamentos do narcisismo: interlocuções entre Green e Lacan

Abordaremos neste capítulo as formulações teóricas de Green (1983/1988a; 1986b/2017) e de Lacan (1949/1998; 1953-54/1998) acerca do narcisismo primário freudiano (FREUD, 1914/1996), com a finalidade de encontrar subsídios que nos permitam aproximar suas concepções sobre o tema, bem como refletir sobre a problemática dos casos-limite.

Para tanto, partiremos do pensamento de Green, destacando os pares conceituais pulsão-objeto e narcisismo de vida/narcisismo de morte, bem como a ideia de estrutura enquadrante. Passaremos pelo estágio do espelho de Lacan, apresentando os conceitos de identificação e de alienação, assim como a noção de matriz simbólica.

Por fim, em um encontro entre os dois autores e Freud, buscaremos apontar suas divergências e concordâncias teóricas, e tentaremos articular estrutura enquadrante e matriz simbólica.

4.1. O percurso de Green

4.1.1 A importância do narcisismo

Para pensar a clínica com casos limítrofes, Green acredita ser fundamental resgatar o narcisismo, conceito que “foi, de uma certa maneira, um parêntese no pensamento de Freud” (GREEN, 1982/1988a, p. 10).

(...) os ensinamentos da clínica autorizam-nos a pensar que haja estruturas narcisistas e transferências narcisistas, isto é, onde o narcisismo está no cerne do conflito (GREEN, 1982/1988a, p. 14).

Segundo o autor, se o narcisismo parece ter sido esquecido por Freud (1920/1988) quando apresenta sua última teoria pulsional, a sexualidade, no entanto, nunca é deixada de lado, permanecendo por toda a obra freudiana. Primeiramente, ela aparece como o outro polo do conflito em relação às pulsões de autoconservação. Depois, a sexualidade se opõe à pulsão de morte. E é nesse

intervalo que o conceito de narcisismo surge como uma “nova ação psíquica” que sexualiza o eu. Melhor dizendo, chama-se de pulsões do eu as pulsões autoconservadoras libidinizadas, que levam a sexualidade para o interior do eu.

Para Freud foi, sem dúvida, um salto decisivo levar a sexualidade ao seio do Eu, quando este último parecia, numa primeira abordagem, escapar à sua influência. Com o narcisismo, Freud pensava ter encontrado a causa da inacessibilidade de certos paciente à psicanálise. Tendo a libido se desviado dos objetos e tendo refluído para o Eu, isto impedia qualquer transferência (GREEN, 1982/1988a, p. 10).

Narcisismo, sexualidade, pacientes com dificuldades transferenciais e o eu da primeira tópica já estavam, de certa forma, entrelaçados pelo próprio Freud (1914/1996). Restava, para Green, compreender de que maneira essas noções poderiam se articular com as mudanças teóricas da “virada” freudiana de 1920, sobretudo com o novo dualismo pulsional, visto que Freud não havia apresentado nenhuma força adversa à sexualidade quando desenvolve o conceito de narcisismo. Além disso, também faltava tratar tanto das relações objetais quanto da problemática narcísica em sua ligação específica com os chamados casos difíceis, questões deixadas em aberto por Freud.

André Green amplia o conceito de narcisismo no sentido de que, para ele, o momento narcísico pode ser o nascedouro de uma estrutura, a estrutura narcísica. Propõe integrar o narcisismo à última teoria das pulsões de Freud (1920/1988), o que o levará à formulação do par narcisismo de vida/narcisismo de morte, ou narcisismo positivo/narcisismo negativo, em um de seus primeiros artigos, intitulado *Narcisismo primário: estado ou estrutura?* (GREEN, 1966-67/1988a). É nesse texto que o autor expõe as bases da estrutura do narcisismo, ou seja, a compreensão de que o narcisismo primário não é apenas um estado do desenvolvimento libidinal, muito menos uma fase, mas constitui uma estrutura, a partir da construção daquilo que denomina de estrutura enquadrante. Concomitantemente, o autor também apresenta sua tese sobre o par narcisismo de vida/narcisismo de morte.

O narcisismo primário não pode ser compreendido como um estado, mas sim como uma estrutura. A maioria dos autores não apenas tratam-no como um estado, mas também só falam dele como um narcisismo de vida deixando em silêncio – o

próprio silêncio que o habita – o narcisismo de morte presente sob a forma de abolição das tensões até o nível zero (GREEN, 1966-67/1988a, p. 141).

Para nos aproximarmos da maneira que Green compreende o conceito de narcisismo, principalmente o narcisismo primordial, queremos destacar essas duas concepções originais: a estrutura enquadrante e a dupla narcisismo de vida/narcisismo de morte.

Urribarri (2010) considera o conceito de estrutura enquadrante como a chave para o entendimento do modelo teórico/clínico de Green (2002/2008). Ligada à constituição do eu, a ideia de estrutura enquadrante estaria no cerne do entendimento do autor sobre o narcisismo primário. De acordo com nossa intuição, a matriz simbólica a qual Lacan (1949/1998) se refere no estádio do espelho também estaria relacionada à assunção do eu. Essas duas noções seriam referentes a uma forma primordial na qual o Eu mais complexo poderia advir.

No que diz respeito ao par positivo/negativo, Green (1983/1988a) parece pensá-lo de duas maneiras: na primeira delas, ele estaria inserindo o dualismo pulsional no momento narcísico primário; no segundo modo, o autor apontaria para a possibilidade de desarticulação desse par, elevando a potência de uma das faces, positiva ou negativa, para explicar os quadros sintomatológicos das estruturas não-neuróticas (GREEN, 1983/1988a; 1986b/2017).

Green (1983/1988a) formula sua versão do narcisismo primário como estrutural, como o momento da formação da estrutura narcísica, a partir da noção de estrutura enquadrante e da inclusão do par narcisismo de vida/narcisismo de morte na formação do eu. O autor também destaca a possibilidade de algo falhar nesse momento de estruturação do eu, o que levaria ao não delineamento de suas fronteiras, provocando os sofrimentos narcísicos. Sendo assim, Green acompanha Freud (1914/1996) quanto ao entendimento do narcisismo primordial em duas faces: estrutural e patológica. Enquanto o pai da psicanálise fala em fixação da libido no estádio narcísico primário para explicar as origens das neuroses narcísicas, Green vai mais longe. Ele afirma haver uma ligação entre as pulsões e o objeto e insere essa relação fundamental na situação narcísica primária. Assim, a constituição do eu passa a depender da qualidade dessa relação, que irá, portanto, determinar a ocorrência, ou não, das patologias do eu.

O objeto, para Green (1986a/1988b), é aquilo que revela as pulsões. Porém, paradoxalmente, é a pulsão que possibilita a constituição do objeto. Dessa forma, sob o ponto de vista do autor (GREEN, 2002/2008), para falar de constituição psíquica, não se poderia privilegiar a abordagem da pulsão em detrimento da questão objetual, nem vice-versa. Seria mais correto trazer à tona a conexão fundamental entre essas duas categorias conceituais, chamada de par pulsão-objeto.

Para que possamos compreender esse vínculo fundante do psiquismo, é necessário, antes, separar o par pulsão-objeto. Afinal, Green desenvolve essas noções de maneira muito singular. Para o objeto, ele designa o conceito de “objeto absolutamente necessário”. Já as pulsões, passam a ser entendidas a partir de suas funções: objetualizantes e desobjetualizantes (GREEN, 1986a/1988b). Como podemos perceber, o valor da relação com o objeto está inserido até mesmo nos significantes escolhidos por Green para caracterizar a atividade pulsional. Percorreremos, então, o caminho original onde ele articula as pulsões ao objeto.

4.1.2

Funções objetualizante e desobjetualizante das pulsões

Como dissemos, Green trabalha com a última teoria pulsional de Freud (1920/1988) em suas teorizações sobre o narcisismo. Assim como Freud, ele entende o conflito psíquico como um postulado fundamental, e sustenta a inflexibilidade freudiana no que se refere ao dualismo pulsional:

a tese do conflito pulsional fundamental responde em Freud a uma exigência: a de explicar o fato de que o conflito é repetível, deslocável, transportável e que sua permanência resiste a todas as transformações do aparelho psíquico (conflitos inter-sistêmicos, ou intra-sistêmicos, ou entre libido narcísica e objetual, ou entre instâncias e realidade externa etc) (GREEN, 1986a/1988b, p.56).

Podemos perceber que Green (1986a/1988b) insiste no conflito fundamental e resistente a todas as transformações do aparelho psíquico. Vimos que na segunda tópica, Freud (1920/1988) deixa de compreender o dualismo pulsional como um conflito passando a concebê-lo como uma agonística permanente entre pulsão de vida e pulsão de morte. Green parece manter tanto a dimensão agonística quanto a dimensão do conflito, pois, para ele, haveria a possibilidade

de uma pulsão se sobrepor à outra. A desintrincação entre as pulsões poderia elevar a potência de uma delas.

Começa aqui uma renovação da teoria freudiana por meio de uma leitura bastante original. Para além de pensar pulsão de vida somente como ligação e pulsão de morte apenas como desligamento, como fizera Freud (1920/1988), Green (1986a/1988b) afirma que ligação e desligamento podem ser realizadas pela pulsão de vida e que a atividade da pulsão de morte não se resume à produção de desligamentos. Para embasar essas formulações, ele trabalha com as noções de intrincação e de desintrincação das pulsões, mas, também e sobretudo, adiciona a ideia de função a essas forças em disputa.

O autor irá dizer que “a meta essencial das pulsões de vida é garantir *uma função objetalizante*” (GREEN, 1986a/1988b p. 59) e, além de criar uma relação com o objeto, também caberia às pulsões de vida converter estruturas em objetos. Melhor dizendo, a função objetalizante, por meio do chamado investimento significativo, pode alçar à categoria de objeto até mesmo aquilo que em nada se aproxima das características de um objeto. A função da pulsão de vida, Eros, é objetalizante e, portanto, levaria sempre ao investimento, mesmo na ausência do objeto. Se a satisfação não pode ser encontrada no objeto externo, a função objetalizante encaminha o psiquismo à criação de objetos através dos processos de simbolização, afinal, o autor afirma ser esta a principal consequência da objetalização.

No que diz respeito ao momento narcísico, as pulsões procederiam a uma ligação também com um objeto. Freud (1914/1996) mesmo nos diz que o eu passa a ser o primeiro objeto unificado das pulsões. Lembremos que, para Green (1986a/1988b), o objeto é o revelador das pulsões ao mesmo tempo que é constituído como tal por elas. Sendo assim, o eu imitaria o funcionamento pulsional revelado pelo objeto (GREEN, 1986a/1988b). Podemos, então, conceber a função objetalizante como fundamental para que haja a operação narcísica e, portanto, para que o eu seja constituído.

Além do objeto de investimento, a função objetalizante abarca até mesmo o próprio investimento, que é um processo psíquico. Desse modo, ela se refere à capacidade de investir significativamente, de maneira que até o investimento precisa ser objetalizado (GREEN, 1986a/1988b).

Se o investimento está em plena atividade, a sexualidade estaria operando em sua condição de motor criativo da vida psíquica, agonisticamente, com o predomínio da intrincação das pulsões. A pulsão de vida admite a coexistência da ligação e do desligamento, absorvendo e transformando parte da pulsão de morte (GREEN, 1986a/1988b). Sendo assim, ligar e desligar seriam movimentos intrínsecos à função objetalizante, levando-nos ao entendimento da presença da atividade da pulsão de morte numa operação de vida.

Em contraposição à função objetalizante, “a meta da pulsão de morte é realizar ao máximo uma *função desobjetalizante* através do desligamento” (GREEN, 1986a/1988b, p. 60). A função desobjetalizante também poderia desfazer tanto ligações com todo e qualquer tipo de objeto (e nisso está incluído o eu) quanto com a própria capacidade de investir (GREEN, 1986a/1988b).

Embora a “meta” da pulsão de morte seja a desobjetalização, ela não estaria somente a serviço de processos de desligamento, cuja ação conduziria a efeitos negativos na vida psíquica. Lembremos que Green (1986a/1988b) afirma que a simbolização seria o principal resultado da função objetalizante e que esta admite a presença da pulsão de morte. Logo, para que o processo de simbolização ocorra, seria necessária a intrincação das pulsões. A pulsão de morte poderia ser entendida também como uma força disruptiva de criação: ao promover os desligamentos, os cortes, propicia novas possibilidades de ligação, enriquecendo o pensamento.

Além de sua necessária participação na ampliação da atividade psíquica, a função desobjetalizante poderia apresentar efeitos deletérios quando trabalhando desintrincada de Eros. Seus efeitos poderiam ser nefastos, levando ao desinvestimento da própria capacidade de investimento libidinal.

Quanto ao eu, que é objeto para as pulsões, se estiver entregue ao desinvestimento, irá esvaziar-se, empobrecer-se (GREEN, 1986a/1988b). Como o autor afirma ser a destrutividade a manifestação do desinvestimento, no limite, o eu pode vir a ser exterminado. Este seria o resultado daquilo que Green (1986a/1988b) chama de narcisismo negativo.

Candi (2017) sugere que a dupla objetalização/desobjetalização substitua o par pulsão de vida/pulsão de morte, no intuito de localizar o objeto externo como primordial na constituição psíquica. Green (2002/2008), então, insere o objeto primário na relação com as pulsões, chegando a afirmar que a função do objeto

seria favorecer a intrincação entre libido e destrutividade. No entanto, desintrincações também seriam consequências das respostas desse objeto primordial. O autor atribui a essa relação entre pulsão e objeto a responsabilidade por uma certa tendência à desintrinção pulsional, que, no limite, levaria à forma mais extrema da função desobjetalizante: o narcisismo negativo radical.

Mas para que possamos compreender o que seria esse narcisismo negativo em sua face mais extrema, precisamos realizar um movimento contrário. Se fizemos um corte no par pulsão-objeto, separando os termos para só depois tratarmos mais especificamente da relação entre eles, aqui faremos uma ligação. Unindo as partes na dupla narcisismo de vida/narcisismo de morte, iniciaremos o trajeto por ela para chegarmos à expressão mais implacável da separação entre seus termos.

4.1.3 Narcisismo de vida/narcisismo de morte

Quando fala de narcisismo de vida e de narcisismo de morte, Green (1983/1988a) estaria considerando categorias conceituais únicas: o par narcisismo de vida/narcisismo de morte. Dessa forma, a luta entre a objetualização e a desobjetualização funcionaria no cerne do narcisismo, consolidando ainda mais sua visão estrutural do narcisismo primário. Como vimos, a dualidade pulsional é insuperável. Isso se expressa pela sua leitura do texto *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920/1988). Green (2007/2014) irá dizer que a originalidade de Freud aí diz respeito a concepção de um duplo aspecto: sincrônico e diacrônico. Freud estaria trazendo uma nova imagem sincrônica, sustentando a coexistência da pulsão de vida e da pulsão de morte desde o nascimento. Já o modelo diacrônico estipularia a anterioridade da pulsão de morte. Para Green (2007/2014), destacar a perspectiva sincrônica no texto freudiano permitiria entender o narcisismo como o primeiro vínculo entre pulsões de vida e de morte, mesmo que aí estivesse mais a favor da manutenção de Eros do que da força destruidora da pulsão de morte.

Ao trazer a luta entre as pulsões para dentro da situação narcísica, Green (1983/1988a) acaba por fazer do narcisismo uma potência de problematização. Colocando o par conceitual como participante dessa operação, pode-se pensar que a constituição do eu depende também desse motor agonístico. Poderíamos aqui

especular que o autor esteja trazendo o narcisismo de morte como uma presença insistente da fragmentação autoerótica. Como aquilo que resiste à totalização e que obriga o psiquismo a estar em constante estruturação de si.

Embora a agonística entre pulsão de vida e pulsão de morte seja compreendida como uma atividade criadora, como no caso da constituição do eu e dos investimentos objetais, não se pode perder de vista que, para Green, a agonística pode dar lugar ao conflito pulsional. Nesse caso, haveria a possibilidade de uma das partes, de certa forma, se sobrepor sobre a outra.

Ocorreria um desmembramento do par narcisismo de vida/narcisismo de morte, potencializando uma de suas faces, tornando-a desestruturante para o psiquismo. Em alguns casos, Eros em excesso poderia, talvez, caracterizar alguma desordem psicótica. Em outros quadros, a face de morte, ao tornar-se mais poderosa, levaria ao incremento do narcisismo negativo. Este, em sua face destruidora, teria como resultado o funcionamento não-neurótico.

Quando temos as pulsões de vida e de morte trabalhando de maneira intrincada e, portanto, colocando em atividade a agonística do par narcisismo de vida/narcisismo de morte, estamos falando de um funcionamento iminente neurótico, baseado no princípio do prazer. Porém, existem condições nascidas na situação narcísica primária que favorecem a desintração das pulsões. Com isso, a desobjetalização pode chegar à condições extremas, desobjetalizando até mesmo a possibilidade de investir. É dessa forma que o narcisismo de morte se torna patogênico, levando a uma aspiração ao nível zero de tensão no psiquismo (GREEN, 1966-67/1988a). Cabe lembrar que o efeito patológico aconteceria também no caso de o narcisismo de vida suplantar o narcisismo de morte.

Conforme observamos, uma falha no momento narcísico primário pode levar ao incremento, principalmente, do narcisismo negativo, e essa falha se daria na relação com o objeto primordial. O narcisismo negativo em sua face radical, desinveste o próprio eu, depois de ter desinvestido os outros objetos (GREEN, 2002/2008). Disso resultaria um eu esvaziado, desorganizado, vazio de pensamento, cuja identidade já não se pode delimitar.

propos distinguir um narcisismo primário positivo (vinculável a Eros), tendendo para a unidade e a identidade, e um narcisismo primário negativo (vinculável às pulsões de destruição) que não se manifesta pelo ódio ao objeto – este é perfeitamente compatível com o refluxo do narcisismo primário positivo –, mas

pela tendência do Eu a desfazer sua unidade para tender a zero. Isto se manifesta clinicamente pelo sentimento de vazio (GREEN, 1980/1988a, p. 266).

Para que o eu permaneça estruturado, evitando a tendência ao esvaziamento do narcisismo de morte, a qualidade da relação com o objeto primário é fundamental. Desse modo, está também em jogo no narcisismo primário aquilo que Green (1993a/2010) denomina de trabalho do negativo. O objeto primordial não deve ser sentido nem como ausente demais nem como presente demais para que, assim, possa ser apagado por meio do trabalho do negativo. E dessa operação de negativização resultará aquilo que o autor denomina de estrutura enquadrante.

De acordo com Urribarri (2010), a falha do objeto primário na relação inicial com o infante pode intensificar os efeitos da pulsão de morte sobre a estrutura do narcisismo primário. Se objeto se torna excessivo, pela distância ou pela proximidade, contribui para a desintrinsicção pulsional, incrementando a atividade desobjetalizante do narcisismo de morte. Nesse sentido, o narcisismo negativo seria a tentativa de se livrar do objeto provocador de mal-estar ou tensão, que estaria ameaçando a integridade do eu. Constitui-se, assim, o funcionamento das organizações narcísicas ou casos limítrofes, caracterizados pela eterna tentativa de apagamento do objeto primário, pela busca incessante de romper com o objeto através de um desinvestimento objetal radical.

Como podemos perceber, Green (1982/1988a) considera que qualquer objeto é duplo, tanto externo quanto interno. Afinal, ao mesmo tempo que ele seria o sujeito que cuida do bebê, ele também precisaria ser apagado no psiquismo. O objeto cumpre, então, uma função fundamental na constituição do eu. E é por essa razão que ele será chamado de “objeto absolutamente necessário”.

4.1.4 O objeto absolutamente necessário

Vemos que o autor ressalta a importância da participação do outro semelhante na constituição psíquica e, portanto, a imagem desse outro também estaria em jogo. Green (1979/1988a, p. 157) afirma que o objeto teria “o papel de *espelho*, de *continente*, e Eu *auxiliar*”. Curioso observar que o autor traz o significante “espelho” para dentro de sua teorização sobre o narcisismo. Sabemos

que Lacan (1949/1998b) nomeia de estágio do espelho o momento da assunção do eu. Parece que ambos os autores destacam a função especular do outro.

Quando o objeto cumpre a função de espelho, de continente, segundo Green (1982/1988a), ele passa ao estatuto de objeto da fantasia, ou ainda ao de objeto de desejo. Melhor dizendo, ao ser primeiramente apagado, o objeto pode ser pensado e, portanto, vir a ser desejado. Dessa forma, trata-se de um objeto tal como percebido na neurose de transferência. No entanto, quando falamos de casos-limite, além do objeto da fantasia, não podemos perder de vista as relações com o objeto real (GREEN, 1982/1988a).

“A estrutura psíquica do sujeito testemunha relações singulares entre objeto real e objeto de fantasia” (GREEN, 1982/1988a, p. 20), o que quer dizer, segundo o autor, que haveria uma mesma realidade psíquica dos objetos da fantasia e dos objetos reais. Isso seria marcado por uma dupla inscrição que permite a coexistência de ambos sem que o objeto real tenha supremacia sobre o da fantasia. Desse modo, parece-nos que haveria uma confusão interna entre esses dois objetos que marcaria uma onipresença no psiquismo, visto que seu apagamento não fora possível.

“O objeto absolutamente necessário não é introjetado como objeto interno, mas, tal como ocorre no luto, como elemento estrutural e estruturante do psiquismo” (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004, p. 17). O trabalho do luto levaria ao apagamento progressivo do objeto perdido, o que possibilitaria novas objetalizações. Portanto, assim como no luto, seria necessária a separação paulatina do objeto. Ou seja, não um afastamento repentino, traumático, mas uma lenta valsa de aproximação e de distanciamento. Uma dança sombria do trabalho de luto do objeto primário.

De acordo com Figueiredo e Cintra (2004), o apagamento do objeto dependeria de que, anteriormente, ele tenha sido encontrado e que tenha respondido, de certo modo, aos movimentos pulsionais. Ele deve, a partir de um mecanismo denominado por Green (1993b/2010) de alucinação negativa, se deixar esquecer, apagar, mantendo-se oculto. Dessa forma, o objeto primário se tornaria uma espécie de solo rasurado, “litura terra”, como nas palavras de Figueiredo e Cintra (2004). *Litura terra* é o título de um texto de Lacan (1971/2003) que, de acordo com os autores, recupera o termo latino *litura* para falar de rasura, apagamento, ou seja, uma certa negativização do solo (terra). Assim, podemos

dizer, juntamente com os comentadores, que esse vazio estruturante, a ser nomeado por Green (1986a/1988b) de estrutura enquadrante, seria o solo fértil para as representações e para o nascimento do desejo.

Porém, ainda segundo Figueiredo e Cintra (2004), se o objeto desacerta em ser falível, não se fazendo esquecer, aconteceria uma espécie de “perversão” da função do objeto. Algo perverteria esse dinamismo, provocaria uma torção na qual o objeto se impõe quando deveria estar ausente e se ausenta quando seria importante sua presença. Ele seria sentido, então, como excessivo e intrusivo, não cumprindo de maneira satisfatória sua função de objeto absolutamente necessário. A consequência disso é a sua não inscrição no psiquismo como estrutura, como “presença ausente”, mas sim como “ausência de ausência” ou “presença de presença”, o que resultaria, em última instância, no mesmo resultado. Haveria, desse modo, a obstrução do processo de constituição psíquica, que carece do vazio estrutural para avançar (FIGUEIREDO & CINTRA, 2004). A mãe, por exemplo, não pode estar nem muito próxima e tampouco demasiado distante, para que o bebê possa ir dela se separando, ao mesmo tempo que suas fronteiras psíquicas vão se formando.

Esse vazio estrutural necessário para a constituição psíquica será chamado, por Green, de estrutura enquadrante. Essa estrutura, nasce da presença ausente da mãe, de sua negativização interna, que se daria pelo mecanismo psíquico da alucinação negativa (GREEN, 1993b/2010).

4.1.5 A estrutura enquadrante

De acordo com Urribarri (2018), a ideia de alucinação negativa aparece pela primeira vez para Green quando ele se depara com uma nota de rodapé do texto de Freud, *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917a/1996). Nessa nota, o pai da psicanálise afirma que “qualquer tentativa de explicar a alucinação teria de partir antes da alucinação *negativa* do que da positiva” (FREUD, 1017/1996, p. 239). Green (1993b/2010), então, compreende que para pensar a alucinação positiva é necessário, anteriormente, debruçar-se sobre o funcionamento da alucinação negativa. Diferentemente da alucinação positiva, que insere algo na percepção, a alucinação negativa exclui um dado perceptivo. Esta “está

relacionada à tentativa de *criar* o perceptível ou de se opor ao próprio percebido no que concerne às manifestações psíquicas internas” (GREEN, 1993b/2010, p. 226).

Além de seu aspecto defensivo contra manifestações psíquicas intolerantes, sabemos que há também outra face fundamental desse mecanismo. Afinal, até mesmo para alucinar positivamente seria preciso a criação de um espaço potencial, uma espécie de tela branca que venha receber a alucinação (URRIBARRI, 2018). Desse modo, Green (1993b/2010) irá afirmar que a alucinação negativa da mãe é o mecanismo que possibilita a construção de um espaço vazio, um espaço potencial que é a estrutura enquadrante.

“Esta mediação é a constituição, no Eu, do quadro materno como estrutura enquadrante” (GREEN, 1966-67/1988a, p. 125). Gostaríamos de esclarecer que, embora Green faça diversas referências à mãe, ao “materno”, no que diz respeito ao objeto primordial, compreendemos tratar-se muito mais da ideia de função materna do que da mulher-mãe propriamente dita.

Tendo em vista que mãe seria uma função, ela precisa ser interiorizada e, subsequentemente, circunstancialmente apagada do psiquismo em construção, ou seja, ela deve ser alucinada negativamente. Assim, estabelece-se a estrutura enquadrante que “surge para dar uma sustentação interna à falta, e organizar esta falta num espaço vazio, no qual serão acolhidas e inscritas as fantasias e as representações” (CANDI, 2010, p. 164). A ausência, ou falta, do objeto absolutamente necessário seria interiorizada, abrindo espaço para a simbolização e, portanto, para o pensamento.

Urribarri (2010), ao comentar a obra de Green, nos diz que a estrutura enquadrante pode ser pensada como uma terceira dimensão entre o par pulsão-objeto, que funda a representação, função de base do psiquismo. Nessa perspectiva teórica, a função desobjetalizante da pulsão de morte promoveria o desligamento na alucinação negativa, possibilitando o apagamento do objeto primordial. Dessa forma, produzir-se-ia uma terra rasurada, *litura terra*, como bem colocam Figueiredo e Cintra (2004). E, como terra apagada, sua existência seria atestada apenas por meio de seus efeitos:

Vê-se, então, que a estrutura enquadrante não é perceptível enquanto tal, mas somente através das produções às quais dá lugar o quadro, que permanece

silencioso, invisível, “imperceptível” de outro modo que não por referência à dimensão da latência. Ei-nos confrontados com a aporia das matrizes simbólicas do pensamento (GREEN, 1993b/2010, p. 227).

Pode-se perceber que André Green insere a noção de estrutura enquadrante na problemática das matrizes simbólicas do pensamento. Sua teorização acerca dessa problemática seria uma tentativa de compreender a capacidade de pensar imbuída na condição do sujeito psíquico. Afinal, a construção da estrutura é o que permitiria uma transposição da ordem das intensidades excitatórias para a da representação. E Green estaria trazendo o conceito de estrutura enquadrante para compreender o narcisismo, instaurando-o no interior de uma teoria da constituição do eu. Haveria, em Green, uma relação entre estrutura enquadrante, narcisismo, constituição do eu e matriz simbólica do pensamento.

Lacan (1949/1998b) também utiliza o termo matriz simbólica em sua concepção do estádio do espelho. Portanto, podemos dizer que identificamos, novamente, certa imbricação entre narcisismo, constituição do eu e matriz simbólica.

Voltando à estrutura enquadrante de Green, é importante frisar que ela não se confunde com o Eu. Como espaço vazio, “fundo de uma tela ou ainda um fundo musical, no qual a palavra possa surgir” (CANDI 2010, p. 164), a estrutura enquadrante seria a criação de um espaço para o Eu advir. Ao mesmo tempo que ela é o espaço, ela seria também o contorno desse espaço. E seria esse o contorno do eu, uma espécie de fronteira que constitui os limites. De acordo com Green (1986b/2017), um duplo limite, intrapsíquico e intersubjetivo, é então instaurado. E são esses limites que assegurariam tanto as divisões inerentes ao aparato psíquico, quanto a separação entre o eu e o outro.

Similarmente, a estrutura enquadrante não corresponderia à totalidade do Eu também porque este seria mais complexo, composto de uma série de conteúdos que dizem respeito a história do sujeito. Tratar-se-ia, então, de uma organização um tanto embrionária, requisito para a assunção do Eu.

Como vimos, para que a estrutura enquadrante seja estabelecida, delimitando o duplo limite, o objeto absolutamente necessário deve falhar, deixando-se apagar através do mecanismo da alucinação negativa. Assim, garante a intrincação pulsional e a simbolização. Ou seja, viabiliza a simbolização, com a regência do princípio do prazer, própria do funcionamento neurótico.

Porém, se o objeto primário não se deixa apagar, permanecendo excessivo, a estrutura enquadrante não se estabelece nem muito menos o duplo limite. Em lugar disso, instaura-se um movimento eterno de tentativa de apagamento do objeto, um luto infinito que nunca se conclui. Acontece, então, a desintração pulsional, direcionando a função desobjetalizante da pulsão de morte para dentro, podendo resultar em sua atividade mais radical: o narcisismo de morte.

A desestruturação psíquica, mais especificamente uma espécie de má formação do eu, pode ser observada como efeito da experiência com objeto primordial vivida como traumática. São os sujeitos em estado limite, *borderline*, cujo modo de funcionamento se diferencia daquele em atividade na estrutura da neurose clássica. Nesta, a temática edípica seria a questão central e, por isso, o que estaria em jogo seria o recalque e a angústia de castração. Já nas estruturas não-neuróticas, cuja problemática principal gira em torno do narcisismo, os mecanismos destacados são a clivagem do eu e a dupla angústia: de separação e de intrusão. O eu do sujeito estaria sempre em perigo, ameaçado tanto pelo abandono de seus objetos quanto pela invasão destes em sua individualidade subjetiva (GREEN, 2002/2008).

4.1.6

O privilégio do conceito de Eu e os casos-limite

De acordo com Green (2002/2008), “a clínica dos estados *borderline* levou a que se desse especial atenção ao papel do Ego e ao conceito de limite neste tipo de afecções” (p. 93). O autor estaria destacando a importância do eu e a necessidade de construção do duplo limite, intrassubjetivo e intersubjetivo, do aparato psíquico. Para além disso, também estaria trazendo a noção de limite com o intuito de referir-se aos quadros localizáveis entre as estruturas clínicas clássicas, ou seja, nas fronteiras dessas estruturas, visto que não funcionariam predominantemente nem como neurose nem como psicose ou perversão.

Em *O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico* (1974/2017), Green traz a terminologia estados-limite de analisabilidade como conceito clínico genérico, caracterizando subjetividades nas quais faltam estruturação e organização (URRIBARRI, 2010). É aí, quando apresenta a ideia de limite como um conceito, que o autor formula um modo do funcionamento

limítrofe, cujas bases se encontram em quatro mecanismos: clivagem, desinvestimento, expulsão pelo ato e somatização.

Gondar (2014), pensando o narcisismo a partir de Ferenczi, nos diz que o sofrimento de ordem narcísica não seria uma entidade psicopatológica definida, mas sim “uma forma de considerar alguns modos contemporâneos de padecimento para os quais se buscam alternativas teóricas e clínicas” (p. 119). Nesse sentido, seria interessante entendermos as estruturas não-neuróticas mais como uma modalidade funcional do que como uma estrutura clínica propriamente dita.

Aqui podemos observar uma curiosa inversão entre os termos estado e estrutura na obra de Green (1966-67/1988a; 2002/2008). Enquanto o narcisismo primário seria postulado não como um estado mas como uma estrutura, o entendimento dos casos-limite giraria menos em torno da noção de estrutura, estrutura clínica, do que da ideia de um estado, como uma maneira de operar.

No que diz respeito ao eu e à noção de limite, esses sujeitos *em funcionamento limite* poderiam ser caracterizados por uma precária constituição das fronteiras do eu, cujas raízes remontam à má experiência com o objeto primordial na situação narcísica primária. Como suas fronteiras psíquicas encontram-se fragilmente desenhadas, em razão de uma falha no estabelecimento da estrutura enquadrante, conseqüentemente não seria possível manter o duplo limite. Logo, esses pacientes cuja estrutura narcísica é fragilizada vivem sob a ameaça de desequilíbrio e de desintegração do eu, num funcionamento permanentemente à beira do trauma (GONDAR, 2014).

Esse funcionamento limite oriundo dessa experiência muito precoce, coloca em atividade um mecanismo de defesa também muito primitivo: a clivagem, ou *Verleugnung* (GREEN, 1986b/2017; GONDAR, 2014). Diferentemente do recalque, ou *Verdrängung*, operação específica da neurose na qual as representações indesejáveis são recalçadas e retornam em forma de sintoma, a clivagem não colocaria em jogo as representações, mas sim o próprio eu, como se o trauma instaurasse um modo de funcionamento psíquico no momento de sua constituição, marcando esse eu de maneira deletéria (GONDAR, 2014). Sendo assim, essa defesa tão antiga estaria à disposição para ser reativada em todo o decorrer da vida desses sujeitos. “(...) o Ego não consegue superar fases anteriores de seu desenvolvimento que poderiam, eventualmente, ressurgir em condições

propícias. Toda fase superada nunca é vencida completamente” (GREEN, 2002/2008, p. 101).

O fato da clivagem ser o mecanismo de defesa regente nos casos-limite não significa que não tenha singular importância na estruturação psíquica geral. Afinal, para todo e qualquer sujeito, as clivagens aliviariam o psiquismo do excesso pulsional, o que contribuiria para a constituição deste (CANDI, 2010). Para sobreviver, o psiquismo precisaria minimamente de bem-estar, que seria proporcionado pelas cisões diminuidoras das tensões (GREEN, 1977/2017). No entanto, o acúmulo de situações traumáticas levaria a clivagens sucessivas do eu, fragmentando-o (GONDAR, 2014).

A condição fragmentária desses sujeitos se imporia à unificação pulsional, ou seja, ao estabelecimento de um eu bem delimitado (GONDAR, 2014). O autoerotismo parece, então, ser o modo principal de organização da sexualidade, com as pulsões parciais em plena atividade, em detrimento das investidas totalizantes. Curioso lembrar que Freud (1917c/1996) chegou a afirmar ser o autoerotismo a maneira pela qual a sexualidade funcionaria no narcisismo, antes mesmo de fazer coincidir o momento narcísico com a fase autoerótica (FREUD, 1921/1988).

Diante do exposto, não seria errôneo chamarmos os casos *borderline* de patologias do eu, ou patologias narcísicas, acompanhando a tese de Green (2002/2008). Afinal, é exatamente o eu que estaria em jogo e a perigo nessas estruturas não-neuróticas. E toda essa fragilidade do eu é instituída no momento de seu nascimento, na situação narcísica primária. O autor lembra que mesmo Freud (1914/1996) já apresentava a origem dos quadros psicóticos no estágio narcísico primário dando subsídios para o destaque do conceito de eu nessas patologias.

No entanto, de acordo com Green (2002/2008), seria preciso retirar esse conceito de “uma espécie de proibição de pensar promulgada por Lacan” (p. 95). Lacan (1953-54/1986) considera o eu apenas como o lugar do engano, da ilusão e das identificações, pertencendo ao registro do imaginário.

Sabemos que Lacan (1953b/1998) privilegia o inconsciente e o sujeito do desejo. Contudo, para que a castração se dê, com a conseqüente assunção de um sujeito barrado, é necessário haver um eu para ser castrado. Esse eu, que é chamado de matriz simbólica e de eu-ideal (LACAN, 1949/1998), é constituído no estágio do espelho. Embora Lacan desenvolva sua teoria do espelho somente em

1949, desde seu primeiro trabalho o autor já apresenta interesse pelas questões que giram em torno do Eu, do narcisismo e da psicose.

4.2.

O trajeto de Lacan

4.2.1

O interesse de Lacan pelo narcisismo e pelo conceito de Eu

Quando escreve sua tese de doutorado em 1932, intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, a questão do narcisismo já está presente para Lacan. Esse trabalho narra o famoso caso Aimée, atendido por ele em Sainte-Anne, e procura demonstrar, entre outras coisas, que a psicose paranoica não apenas corresponde a uma patologia do narcisismo, como também diz respeito a uma de suas manifestações. Para tanto, o autor lança mão do conceito de Eu da segunda tópica freudiana, trazendo-o como fundamento da esfera narcísica (JULIEN, 1993). Julien (1993) nos afirma que já nesse caso Lacan se questiona sobre a relação entre a psicose paranoica e a pulsão agressiva, tanto que explicará o quadro de sua paciente como uma paranoia de autopunição.

Como não pretendemos destrinchar o caso Aimée, nos interessa apenas apontar para o fato de que as questões por ele trazidas levam Lacan ao estudo da obra freudiana, propondo um retorno a Freud na inteireza de sua obra. Interessante ressaltar que, segundo Julien (1993), Lacan procuraria compreender a relação entre a libido e o eu, levando-o a traduzir e publicar, juntamente com sua tese, um texto de Freud que trata da escolha narcísica de objeto, intitulado *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (1992/1988). O psicanalista francês diferencia então o eu do sujeito do conhecimento objetivo, aproximando-o da condição de objeto da libido narcísica (JULIEN, 1993). Mais curioso ainda é constatar que a relação entre a libido e o eu, própria ao momento do narcisismo, bem como a ligação deste com a segunda tópica freudiana estariam na entrada teórica tanto de Lacan quanto de Green na psicanálise.

Nesse momento, Lacan estaria interessado no narcisismo e suas relações com a psicose. Portanto, diferentemente de Green, Lacan (1949/1998; 1953-54/1986) retomaria o conceito freudiano para tratar mais especificamente da constituição do eu, e não para abordar as patologias limítrofes.

Quatro anos depois, em 1936, Lacan apresenta uma primeira formulação do estádio do espelho num congresso organizado pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), em Marienbad. Segundo Dor (1989), o título desse trabalho é *O estádio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*. Nessa exposição, o eu ganha um caráter universal, passando à condição de algo a ser constituído em todos os seres humanos na operação narcísica primária, a qual denomina de estádio do espelho. Além disso, esse mesmo eu diria respeito à *imago*, quer dizer, à imagem de seu próprio corpo (JULIEN, 1993). Um outro ponto a se destacar é que narcisismo e agressividade aparecem como processos correlatos e contemporâneos na formação do eu (GARCIA-ROZA, 1995). Embora essa primeira exposição traga noções bastante relevantes, Lacan não deixa nenhum documento escrito de sua fala nesse evento (VANIER, 2005).

Em 1946, seguindo o problema da constituição do eu, Lacan afirma a existência do conhecimento paranoico como um efeito da identificação imaginária ocorrida no estádio do espelho. Sendo assim, no entendimento de Julien (1993, p. 22), Lacan primeiro postula o eu como sendo “só narcisismo”, depois como “só imaginário” e, por fim, afirma que o eu possui uma estrutura paranoica.

Lacan continua a tratar da formação do eu em *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica* (LACAN, 1949/1998). Produzido para a ocasião do XVI Congresso Internacional de Psicanálise de Zurique em 1949, o artigo é publicado posteriormente nos *Escritos* (LACAN, 1966/1998). A proposta principal desse texto é que a experiência do estádio do espelho assinala o reconhecimento e a assunção jubilatória de uma imagem própria, imagem de eu. Essa imagem primordial de si, que é a matriz simbólica, dependeria tanto do outro, entendido como semelhante, quanto do Outro, compreendido como constelação simbólica parental, como ideal de eu dos pais. Como a imagem do outro está em jogo, configurando então uma alienação, a rivalidade e a agressividade se fazem presentes nesse processo narcísico.

Assim como Freud (1914/1996), Lacan (1949/1998) compreende o narcisismo primário como estádio subsequente à fragmentação inicial. Lembremos que, segundo Freud (1905/1996), originariamente o corpo é marcado pela dispersão, ou seja, não há unidade corporal. Este corpo, chamado de

autoerótico, é fragmentado, aberto e sem fronteiras, caracterizando-se apenas como um conjunto de zonas eróticas dispersas. Num segundo tempo, uma unificação desse sistema dispersivo vem se dar, constituindo um corpo unificado, denominado de corpo narcísico (FREUD, 1914/1996).

Poderíamos pensar que, como Freud, Lacan (1966/1998) atrelaria eu e imagem corporal. De acordo com aquele, o eu é uma projeção psíquica de uma superfície corporal (FREUD, 1923/1996). Essa projeção não estaria presente desde sempre: “uma unidade comparada ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido” (FREUD, 1914/1996, p.84). E para tal, é preciso que haja uma “nova ação psíquica”. Se para Freud a imagem corporal não está presente desde o início e a pulsão estaria funcionando autoeroticamente, o que levaria à construção de tal imagem corporal? Freud descreve a situação como o momento do narcisismo primário. Lacan irá explorar esse conceito inspirando-se nas concepções freudianas de 1914, porém com algumas perspectivas divergentes. Como exemplo, Klautau (2002) aponta para o problema da divisão entre narcisismo primário e narcisismo secundário. De acordo com a autora, Lacan os conceberia como processos concomitantes, o que levaria ao entendimento da simultaneidade entre a formação do eu e do objeto. Como a questão do objeto em Lacan não faz parte do recorte teórico deste trabalho, até mesmo porque ela mereceria uma extensa apreciação, nos ateremos, a seguir, somente ao estágio do espelho com a finalidade de compreender a estruturação do eu.

4.2.2

O estágio do espelho

O significante “estádio”, utilizado pela tradução para o português dos *Escritos* (LACAN, 1966/1998) provoca algumas divergências de significados. De acordo com o dicionário, *stade*, em francês, é uma palavra de origem grega que poderia significar tanto estágio olímpico, designando um aspecto mais espacial, quanto fase ou período, apontando para uma compreensão temporal. No entanto, parece-nos possível considerar que Lacan pretende destacar a acepção espacial a partir da seguinte metáfora:

a formação do [eu] simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o isso de maneira surpreendente (LACAN, 1949/1998, p. 101)

O autor utiliza termos como “campo”, “estádio”, “arena”, que sugerem a ideia de espacialidade. Teríamos aqui a indicação de que o estádio do espelho não seria simplesmente uma fase e que, portanto, não representaria uma etapa de desenvolvimento. E talvez seja esse o motivo pelo qual, na tradução para o português, a palavra “estádio” tenha sido escolhida em lugar de “estágio”. Se o momento do espelho não é passível de ser compreendido como uma fase a ser suplantada, ele pode ser concebido como uma operação permanente de constituição de uma forma acabada e definitiva de si. Seria um processo identificatório contínuo, no qual se estaria o tempo inteiro fazendo essa operação, constituindo-se com a ilusão de alcançar uma unidade (LACAN, 1953-1954/1986).

De acordo com Dosse (1993), o termo “estádio” era entendido como um momento de um processo genético, na primeira apresentação do estádio do espelho em 1936. Todavia, no artigo de 1949, Lacan estaria partindo de uma perspectiva mais estruturalista, pontuando a formação de uma matriz fundadora da identificação, que estabelece a relação entre mundo interior e exterior. Essa matriz, que é simbólica, seria irreversível, marcando a subjetividade eternamente.

Interessante notar que a expressão “dois campos de luta opostos” talvez sugira a presença de um embate de forças dentro desse momento narcísico. Concordar com essa pista nos permitiria associar esse campo de luta, citado por Lacan, com a agonística entre as pulsões de vida e de morte que identificamos em Green (1983/1988a), corroborando mais uma vez com a ideia de agonística no interior do narcisismo.

Além do termo “estádio”, Lacan (1949/1998) também traz o significante “espelho” para nomear sua abordagem da estruturação do eu. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), ele toma de empréstimo a concepção da descoberta da imagem do espelho da criança, formulada pela psicologia infantil dos anos 1930. Esse fenômeno de espelho foi descrito por Henri Wallon como um acontecimento regular do desenvolvimento psíquico. Entre o sexto e o décimo oitavo mês de

vida, o bebê passa a se reconhecer no espelho, o que significaria uma percepção diferente de seu corpo. Este já não se restringiria às sensações motoras da criança pois ganharia o *status* de imagem semelhante à imagem dos outros corpos, conferindo à imagem um caráter de exterioridade (JULIEN, 1993).

Ao formular o seu estádio do espelho, Lacan (1949/1998) subverte a proposição de Wallon no sentido de que, para o psicanalista, o eu não se formaria “através de *sua* exteriorização, de um movimento do interior para o exterior, por uma projeção, mas ocorre o inverso: o eu é completamente exteroceptivo ou não existe” (JULIEN, 1993, p. 17). Como algo externo, a imagem do outro seria fundamental para a constituição do eu. Conforme nos aponta Julien (1993), a visão do corpo do outro como uma *Gestalt* estaria “na *origem* da sensação unificada do próprio corpo” (p. 18).

Lacan (1949/1998) parte de autores do campo da etologia e da psicologia que estudam a função transformadora da imagem. Laplanche (1993/1997) afirma que, nessa época, Lacan está muito interessado em fenômenos de impregnação animal, aos quais dedica conferências inteiras. Trata-se de ocorrências especulares, nas quais a presença da *Gestalt* de um determinado animal provocaria efeitos reprodutivos ou até mesmo gregários em animais da mesma espécie.

Primeiramente, ele traz o experimento de Köhler, psicólogo gestaltista, no qual é feita uma comparação entre os efeitos da experiência perceptual da imagem no humano e no macaco. Para Köhler (1947/1980), esse reconhecimento da imagem no espelho é assinalado pela mímica do *Aha-Erlebnis*, que manifesta o momento da apreensão situacional, ou seja, é o momento do *insight*, que irá transformar significativamente a organização mental. Enquanto o macaco não seria capaz de conservar a imagem de si indefinidamente, essa imagem continuará fazendo parte da subjetividade da criança, permitindo uma conexão do sujeito com seu corpo. Contudo, no momento da incidência da imagem, o macaco já estaria em condições motoras bastante avançadas para executar os movimentos de um animal adulto. Na criança, a assunção da imagem de si é uma antecipação, visto que ela ainda não teria seu desenvolvimento neurofisiológico completo (VANIER, 2005).

De acordo com Birman (2012), Freud (1895/1996) partiria da ideia de desamparo motor, enquanto que Lacan (1949/1998) consideraria o pressuposto da prematuração biológica, na qual o organismo humano é um organismo prematuro,

incompetente para a vida. Deixado a si próprio, um bebê não se sustenta em termos vitais em razão da imaturidade de seu sistema nervoso. Sendo assim, ele necessitaria de um outro que lhe oferecesse um contorno, melhor dizendo, o corpo do bebê se moldaria de acordo com o invólucro que o outro lhe oferece (BIRMAN, 2012). A marca da prematuração biológica é aquilo que Lacan (1949/1998) chama de deiscência corporal, deiscência do organismo.

Considerando a fragilidade e a incapacidade do bebê, Lacan (1949/1998) afirma a importância do outro. Em conformidade com sua perspectiva, podemos dizer que a “nova ação psíquica”, constitutiva do eu, necessita da participação do outro. O papel deste refere-se à constituição de uma imagem, de uma identificação que forme uma unificação, uma imagem englobadora, ou seja, aquilo que Lacan (1949/1998) chama de imagem especular. Sendo assim, o estágio do espelho é uma identificação que transforma o sujeito a partir da assunção de uma imagem (LACAN, 1949/1998).

4.2.3 A Identificação

O estágio do espelho seria caracterizado pela conquista de uma imagem corporal de si, a partir da experiência de identificação primordial (DOR, 1989). Esse processo teria como resultado a estruturação do eu, minimizando a angústia de corpo despedaçado (LACAN, 1949/1998). Para tratar do fenômeno identificatório, ele resgata a noção freudiana de *imago*, afirmando que a identificação se daria com a *imago* do semelhante. Assim, o que é chamado de espelho não seria exatamente uma lâmina de vidro que reflete luz e imagens, mas seria o outro. “É do espelho do outro que se trata” (LAPLANCHE, 1993/1997, p. 74). Laplanche (1993/1997) acrescenta que esse espelho pode ser também um espelho tátil. Isso quer dizer que outras vias sensoriais permitiriam a construção dessa imagem, para além da percepção visual: “a minha pele só se percebe a si mesma tocando o outro, ou tocando uma parte do meu corpo próprio como outro” (p. 75).

A assunção da imagem de si é jubilatória para a criança (LACAN, 1949/1998). De acordo com Julien (1993), o júbilo da criança diria respeito a um regozijo em relação à imagem do outro semelhante que a cuida e que possui

aquilo que ela não tem: domínio motor sobre o corpo. Essa imagem do outro teria um poder morfogênico, seria uma matriz sobre a qual se ergueria o eu da criança. Nesse sentido, ele se constituiria de fora para dentro, a partir da identificação (JULIEN, 1993).

Segundo Dor (1989), a conquista da imagem do corpo próprio obedeceria a três tempos progressivos. Aqui podemos perceber a divisão em três tempos como na dialética hegeliana (DOSSE, 1993). No primeiro momento, haveria principalmente uma confusão entre o eu e o outro, em razão de um fenômeno denominado de transitivismo. “Durante todo esse período, registram-se as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora” (LACAN, 1948/1998, p. 116). Dor (1989) afirma que aqui a criança não saberia diferenciar um ser real de uma simples imagem, o que confirmaria seu assujeitamento à ordem imaginária. Logo em seguida, no segundo tempo, a criança conseguiria fazer a distinção entre o que seria uma imagem do outro e o que seria a realidade do outro para, por fim, separar sua imagem da imagem do outro. Essa seria a realização da identificação primordial: a percepção da imagem do próprio corpo estrutura a identidade do sujeito (DOR, 1989).

Para Lacan (1949/1998), o transitivismo, ou seja, a não diferenciação entre eu e outro estaria presente durante todo esse período de conquista da imagem própria. Parece tratar-se de uma condição muito primitiva presente em todos os seres humanos. De uma certa forma, ao se alcançar a imagem de si, essa tendência à confusão entre a criança e o outro tende a esmorecer. No entanto, ela permanece em toda a vida do sujeito, se consideramos a perenidade da constituição psíquica.

Talvez, o sentimento de empatia tenha suas origens nesse momento tão precoce de pouca distinção entre o eu e o outro, no qual o eu está se formando a partir de identificações. Belamente caracterizada por Maciel Jr. e Novaes (2018) como “a arte de *sentir com*”, a empatia seria um conceito psicológico ligado à identificação (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). A identificação seria “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949/1998, p. 97). O reconhecimento da imagem de si é manifestado pela mímica, conforme apresentado por Köhler (1947/1980). Vale apontar que Freud já imbricava identificação, imitação e empatia: “um caminho, por via da imitação, conduz da identificação à empatia, isto é, à compreensão do mecanismo pelo qual

ficamos capacitados para assumir qualquer atitude em relação a outra vida mental” (FREUD, 1921/1988, p. 120). Como não temos condições de avançar nessas especulações neste trabalho, deixamos a questão das relações da empatia com a identificação em aberto.

Por ora, cabe salientar que para que a criança veja sua imagem refletida e se reconheça nela, é preciso que o outro, a figura materna, por exemplo, confirme a correspondência entre a imagem refletida e a criança. Sem a ação de confirmação do outro, a unificação não se constitui. Ao reconhecimento da imagem fornecido pela mãe, Lacan (1949/1998) dá o nome de aquiescência materna.

4.2.4 Alienação e agressividade

A experiência especular é caracterizada pela alienação (LACAN, 1949/1998). Haveria uma alienação na experiência do estágio do espelho na medida em que a imagem que unifica, e pela qual a criança se reconhece, é uma imagem à qual ela acredita corresponder porque o Outro, representado pelo outro, confirma essa correspondência. Aqui entra a função simbólica do Outro. É o Outro, como um terceiro à imagem especular, que nomeia e que confere um lugar no simbólico para a criança. Assim, podemos dizer que o eu narcísico é alienado ao Outro, que ele é marcado por uma alienação fundamental. Mas também haveria uma outra alienação que seria referente aquilo que Lacan chama de deiscência originária. Esta diria respeito à fragmentação do corpo autoerótico do bebê.

Uma vez que a criança tenha o reconhecimento de si em sua própria imagem, ela tem a experiência de passar da condição de corpo despedaçado para a de um eu-ideal. O eu-ideal seria uma primeira forma unificada, composta de configurações identitárias, entendida como identificação narcísica primária. A criança se identificaria com um duplo de si, acreditando-se completa, um ser sem falta. Essa ilusão de totalidade possibilitaria certo afastamento da dispersão angustiante própria ao autoerotismo, ao mesmo tempo que garantiria uma primeira formação subjetiva a ser posteriormente marcada pelo simbólico.

Lacan (1957-58/1999) chama de relação dual narcísica a ligação entre o sujeito e sua própria imagem, que é o eu-ideal. A relação dual especular é mortal, nos diz Lacan (1953-1954/1986). Para que tal relação alienante e geradora de uma

tendência a destruir o outro possa dar lugar ao prosseguimento da constituição do eu, faz-se necessária a incidência da linguagem. O ideal de eu, concebido como identificação narcísica secundária é, então, constituído por exigências externas ao bebê, através das palavras parentais.

Freud (1914/1996) relaciona a formação de um ideal com a introjeção da *imagem* paterna, quer dizer que algo do drama edípico deve ser subjetivado, simbolizado na economia psíquica do sujeito. Sendo assim, o ideal de eu estaria no plano do simbólico, enquanto que o eu-ideal pertenceria ao registro do imaginário (GARCIA-ROZA, 1995).

Como estamos observando, na estruturação psíquica própria ao estágio do espelho, a importância do outro reside no registro imaginário, a partir de sua imagem, e no registro simbólico, através de seu discurso, e essa é a grande contribuição de Lacan. Afinal, para haver a ilusão de uma imagem corporal é preciso assumir um certo lugar simbólico dado pelo outro (LACAN, 1953-1954/1986). O infante encontra-se, então, numa alienação no outro, pois ele somente pode perceber sua imagem a partir da imagem do outro, caracterizando uma identificação alienante (GARCIA-ROZA, 1995). Essa alienação produziria tensão e, por isso, geraria um desejo de destruir esse outro no qual a criança está alienada. Nesse sentido, Lacan (1949/1998) afirma que narcisismo e agressividade são contemporâneos.. bem como sujeito e objeto. Mas, ao mesmo tempo que essa alienação tensiona, ela também pode fascinar.

Julien (1993) nos esclarece que a visão da *Gestalt* do corpo do outro como espelho exerce uma “fascinação primordial de cada um pelo seu semelhante” (p. 15). O comentador segue e afirma que a aparência fenotípica levaria a uma sensação de consanguinidade genotípica. Esse fenômeno seria a base da exclusão do diferente, daquele ao qual não é possível identificar-se (JULIEN, 1993). Além disso, parece-nos que esse fascínio pelo outro venha também em razão de sua potência frente ao desamparo do bebê. Melhor dizendo, a imagem desse outro que o cuida, que o alimenta e que o sustenta diante de sua incapacidade primordial, seria uma imagem de domínio de si que o bebê ainda não dispõe (JULIEN, 1993). Sendo assim, ele se identificaria com uma imagem potente. Talvez, a identificação narcísica esteja ligada umbilicalmente ao poder do outro. Isso nos levaria a situá-la tanto no cerne da intolerância às diferenças, quanto no centro do rechaço referente à discriminação de minorias sociais, como negros, homossexuais,

mulheres, pobres etc. Esses segmentos da sociedade não portariam a marca tão sedutora e imantadora da potência presente no outro no processo de identificação primordial. Pelo contrário, eles portariam outros signos, considerados como sinais de impotência aos quais não haveria uma tendência identificatória. Lembramos que a constituição psíquica como uma operação permanente de construção de si, manteria os processos identificatórios em jogo durante toda a vida do indivíduo, possibilitando novas identificações e, portanto, novas exclusões.

Além dos aspectos agressivos e excludentes da situação narcísica, a formação da imagem de si tem uma função radicalmente transformadora na vida psíquica. É ela que promove a estruturação de um eu, para que o sujeito possa não mais se confundir com o outro, e não mais estar completamente imerso na condição fragmentária autoerótica. Por isso, por livrá-lo do mal-estar, o bebê ficaria fascinado por sua própria imagem totalizante. Lacan (1949/1998) nos diz que há um júbilo nessa antecipação que a imagem provoca. Ela é antecipadora porque a modelagem corporal não corresponderia a uma maturação neurobiológica completa. A imagem corporal, assim como constata Lacan (1949/1998), precede temporalmente o esquema corporal. Isso quer dizer que o corpo imaginário não seria o corpo real, que um não corresponderia exatamente ao outro, abrindo espaço para o entendimento das patologias narcísicas ligadas à imagem de si, como a anorexia, por exemplo. Mas o que nos interessa aqui é o fato de que nesse intervalo entre a antecipação que a imagem produz e a experiência de desamparo/dependência, se inscreveria na subjetividade uma “matriz simbólica”, um eu-ideal (LACAN, 1949/1998).

4.2.5

A matriz simbólica

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Essa matriz simbólica seria o momento em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de ser objetivado numa dialética da identificação com o outro. Isso nos leva à intuição de que, antes de o eu ser a introjeção de uma

imagem, seria preciso se produzir uma forma vazia, um lugar vazio, no qual o sujeito pudesse colocar essas imagens numa relação com outro. Somente a partir daí criar-se-ia a possibilidade de o sujeito interagir concretamente com o outro.

Nesse momento da obra, Lacan ainda não dispõe da categoria do simbólico como uma forma que é uma presença de uma ausência. O registro simbólico será apresentado somente em 1953, quando formula a estrutura real, simbólico e imaginário (LACAN, 1953a/2005). Sabemos que a abordagem estrutural de Lacan fornece novos óculos de leitura para seu retorno a Freud. Mas também para um retorno dentro de sua própria obra. Destarte, embora a tríade RSI ainda não estivesse presente em sua obra quando constrói o estádio do espelho em 1949, Lacan parece já convocar a noção de simbólico, na forma daquilo que designa como matriz simbólica, atestando o início da influência do estruturalismo em seu pensamento.

Se trouxermos as lentes da tríade estrutural para esse momento de constituição do eu talvez possamos encontrar nele também o registro do real, além dos planos imaginário e simbólico que já vimos estarem presentes. A matriz simbólica apontaria para um limite da incidência da imagem na organização psíquica. Tal limitação estaria ligada à certa precariedade da imagem construída, já que a necessidade de construção permanente de si comprovaria a possibilidade de dissolução dessa imagem. Poderíamos então pensar que nesse momento do estádio do espelho algo de um real relacionado ao corpo já estivesse presente como uma ameaça de desvanecimento, de fragmentação. Algo não simbolizável, ligado às pulsões parciais. E que, para Lacan (1949/1998), essa imagem de si alteraria a economia libidinal do bebê, atestando a maneira que o pulsional se organizaria a partir da incidência da imagem.

O processo de constituição desse eu-ideal, oriundo de um fundo real pulsional apenas aconteceria imerso na Ordem simbólica, que lhe seria anterior. Esse simbólico, esse grande Outro, teria o outro como seu representante. Somente através desses dois outros, o pequeno e o grande, seria possível a transformação de algo ordem do real.

Alguns desses elementos presentes no momento narcísico tal como formulado por Lacan também podem ser encontrados nas proposições de Freud e de Green sobre o narcisismo. A seguir, procederemos à investigação de certas aproximações teóricas que orbitam a temática narcísica nesses três autores.

4.3.

Encontrando com Freud na encruzilhada de Green e Lacan

Um primeiro encontro a ser destacado diz respeito à alienação na constituição psíquica. Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895/1996) Freud considerava que, em razão de um estado de desamparo primordial, o bebê necessitava da ajuda alheia de um outro semelhante, para aplacar as tensões do organismo através da ação específica. Quanto aos outros dois autores, talvez possamos dizer que, tanto em Lacan (1966/1998) quanto em Green (2002/2008), encontramos a ideia de uma dupla alienação. No momento da elaboração do estádio do espelho, Lacan (1949/1998) estaria considerando a alienação do bebê ao outro, que é o representante do Outro, e, também, a alienação desse humano em construção à deiscência corporal.

Green (2002/2008), que foi aluno de Lacan, propõe também dois tipos de alienações. A alienação intersubjetiva estaria ligada a um outro, a um objeto, enquanto que a intrapsíquica teria relação com as exigências do corpo, marcando, assim, o aspecto pulsional da alienação.

Conforme afirma Candi (2012), Green pensa o sujeito como que submetido a uma dupla alteridade: ao Outro da linguagem, tal como descrito por Lacan, e o outro da antilinguagem, que é a força da pulsão proveniente do corpo biológico. O Outro da linguagem somente poderia se fazer presente através do outro semelhante.

Green confere a esse outro o lugar de objeto, destacando o papel do objeto primordial na estruturação psíquica. Afinal, o par pulsão-objeto seria o fundamento mesmo da constituição do aparato, não sendo possível conceber a pulsão sem o objeto e vice-versa.

Para Lacan, o que passa ao lugar de objeto no momento da constituição do eu é a imagem especular. Como ela equivale ao próprio eu, este nasce como objeto. Logo, eu e objeto se constituiriam juntos, não havendo a possibilidade de se pensar em um objeto para um eu ainda indiferenciado. Depois de muito criticar os analistas que destacam a relação de objeto, Lacan lança mão desse conceito inserindo nele a noção de falta (KLAUTAU, 2002). Sendo assim, o objeto faltoso (LACAN, 1960-61/2010) posteriormente virá a ser chamado de objeto *a*, objeto causa de desejo.

Um outro ponto de aproximação teórica é o papel do Eu frente ao inconsciente. Assim como Lacan, Green (2002/2008) critica a Psicologia do Ego americana que, a partir de uma leitura simplificada da segunda tópica, dá ao Eu uma origem diferente do Isso, entendendo-o como uma entidade autônoma e livre de conflito. Green afirma que a ampla adesão dos americanos à tese de que o objetivo da psicanálise seria focar no Eu para fortalecê-lo estaria a serviço do intuito de minimizar a influência das pulsões, ou seja, a sexualidade. Lembremos que a América já era afeita a um certo puritanismo quando, acolhendo amplamente a ideia de energia vital de Jung, acaba por evitar o sexual. Dessa forma, é importante ressaltar, juntamente com Green (2002/2008), que “uma parte muito importante do Ego, cujo alcance Freud está longe de limitar, é concebida como inconsciente. Este nos parece ser o ensinamento maior e a justificativa desta segunda tópica” (p. 94). O eu, então, seria “inconsciente de suas próprias defesas” (p. 95).

Lacan vai mais longe nessa contestação à leitura americana, relegando o eu ao lugar da ilusão, do imaginário. A partir de uma abordagem estruturalista, faz ressurgir das cinzas o inconsciente freudiano. Desse inconsciente estruturado como uma linguagem, extrai um sujeito do inconsciente (*je*) que não se confunde com o eu (*moi*). O sujeito de Lacan é o sujeito barrado, dividido, descentrado, apenas o efeito da Ordem simbólica ao qual está desde sempre assujeitado. Dessa forma, ele seria aquilo que um significante representa para outro significante (LACAN, 1960b/1998).

Na perspectiva de Green (1983/1988a; 1986b/2017), o sujeito seria o sujeito traumatizado, aquele cujo trauma ocorre no momento de estruturação do eu, levando o autor a acentuar as questões em torno do eu. Já Lacan (1960b/1998), cujo interesse maior reside no advento do sujeito do desejo, destaca o momento edípico da constituição psíquica.

Sendo assim, o pertencimento a uma das estruturas clínicas, neurose, psicose ou perversão, dependeria da castração, com a conseqüente entrada na Ordem simbólica. Para Lacan (1953b/1998), o simbólico seria o virtual, o estruturante que estrutura o imaginário. Este seria, então, o atual, o estruturado pela linguagem. Green (1983/1988a), contudo, faz uma torção nisso, trazendo o narcisismo, que é imaginário, como algo estrutural. Aqui haveria uma sutil divergência entre os autores. O psicanalista francês entende que quando uma criança vem ao mundo,

ela está numa relação com um outro, que é o representante do grande Outro. Este, presente desde sempre, seria mais que espelho, portanto, mais do que uma relação especular. Através desse outro, estaria vindo toda uma lei que é o grande Outro, estruturando o psiquismo. O narcisismo, em Lacan (1953-54/1986), comportaria tanto a dimensão estruturante quanto a estruturada.

Green (1983/1998a), no entanto, privilegia uma dimensão estrutural do narcisismo primário, na qual não seria necessário fazer uma distinção entre estruturante e estruturado. Embora percebamos aqui uma diferença entre os autores, isso na verdade não cria um grande dissenso, pois ambos estariam marcando, juntamente com Freud (1914/1996), o narcisismo como o momento de estruturação do eu.

Quando Green (1966-67/1988a) concebe o narcisismo como estrutural, ele não estaria conferindo ao narcisismo o mesmo estatuto que Lacan. O psicanalista francês entende o narcisismo, primeiramente, a partir do pensamento hegeliano e, depois, através de uma abordagem estruturalista. Parece que ao se distanciar de Lacan, Green afasta-se também do estruturalismo. Vejamos: a questão da estrutura, para Green, estaria relacionada com o estatuto do Eu na medida em que o Eu se constituiria a partir de uma estrutura, que é a estrutura enquadrante. Esta, como pudemos observar, mais se assemelha a uma *Gestalt*, a algo que é da ordem do estruturado, do que ao conceito de estrutura como algo estruturante.

Porém, se não se pode dizer que Green é um estruturalista, não se deve esquecer que todo o pensamento francês sofre a influência desse movimento. Ela aparece na obra de Green quando ele toma a ideia de sincronia, por exemplo. Assim como Saussure (1916/2006) traz o aspecto sincrônico para dentro da linguagem, Green (2007/2014) também faz uma leitura do texto freudiano destacando este mesmo aspecto no momento narcísico. Lembremos que Prado Coelho (1967) nos esclarece que a lei sincrônica expressa uma ordem vigente independente do fator tempo, enquanto que a diacronia diria respeito à evoluções no tempo. Sendo assim, ao afirmar tratar-se o narcisismo de uma estrutura, Green estaria retirando-o da condição de estado, de mera fase de desenvolvimento libidinal, aspecto diacrônico. Lacan, como vimos também apresenta o narcisismo como um estágio e não como uma etapa, afastando-se terminantemente das teorias desenvolvimentistas da libido. Quanto a isso, Freud (1914/1996) aponta para a impossibilidade de superação completa do narcisismo desde quando o apresenta

como um conceito. Portanto fica claro que, para os três psicanalistas, a operação narcísica nunca termina, ou seja, ela seria um processo permanente de constituição de si.

Enquanto os autores concordam plenamente com a perenidade do narcisismo, há um ponto no qual a consonância não ficaria muito clara. Esse ponto está ligado àquela que talvez possamos considerar a grande contribuição teórica de Green (1983/1988a) acerca do momento narcísico. Quando ele conceitua narcisismo de vida/narcisismo de morte, insere esse par agonístico no narcisismo. E seria justamente a concepção sincrônica de Eros e pulsão de morte que o permitiria introduzir a luta pulsional no interior do narcisismo.

Freud, nem muito menos Lacan, fazem essa inserção de maneira tão contundente na situação narcísica. No entanto, não podemos perder de vista que isso pudesse estar como um pano de fundo para esses dois autores, visto que a pulsão, entendida como uma força constante, problematizaria o que quer que comparecesse. Freud (1914/1996) mantém o dualismo e o conflito pulsional até mesmo na situação narcísica, quando afirma que quanto maior o investimento libidinal no eu, menor é a catexia de objeto. Porém, transforma o conflito em agonística quando postula a segunda teoria das pulsões (FREUD, 1920/1988). Lacan (1949/1998) também traz o estádio do espelho como um campo de luta entre forças opostas, o que sugeriria um confronto de ordem econômica no momento narcísico. Talvez possamos entender que essa disputa entre forças, essa agonística permanente esteja presente, de certa forma, no pensamento dos três psicanalistas. E que esse confronto irresolúvel esteja no cerne da estruturação do eu. Dessa forma, assim como Freud, Green e Lacan também seria considerados pensadores trágicos.

Como vimos, Green (1983/1988a) prioriza a questão econômica da formação do eu, a partir de seus pares conceituais: pulsão-objeto, narcisismo de vida/narcisismo de morte. Mas também não deixa de trazer os aspectos dinâmico e tópico, ao postular a formação de uma estrutura enquadrante. Esta seria uma forma que delimita os limites intrapsíquico e intersubjetivo, separando as fronteiras dentro do aparato psíquico e entre o eu e o outro. Mas é também um espaço vazio, pronto para ser preenchido por representações, possibilitando a simbolização e o surgimento de um Eu mais complexo. O narcisismo, para Green (1986b/2017), seria um momento estrutural do psiquismo, visto que falhas na

estruturação do eu teriam os sofrimentos narcísicos como consequência. Green enaltece o Eu para problematizá-lo, para dar a ele uma importância central no entendimento dos casos-limite.

Lacan (1853-54/1986), por sua vez, também destaca o Eu, mas para submetê-lo ao simbólico, ou seja, à castração. O sujeito do inconsciente estaria no cerne do interesse conceitual do psicanalista francês, sujeito esse que é barrado, castrado. No entanto, somente há castração se houver um eu para ser castrado. Assim, Lacan (1953b/1998) estaria concebendo a situação narcísica primária como estruturante do psiquismo, na medida em que é parte do processo de constituição psíquica, e não no sentido do termo “estruturante” dado pelo estruturalismo. O que é estruturante do ponto de vista estruturalista é a castração. Em sua teoria sobre o nascimento do eu, a identificação seria o mecanismo principal de construção da matriz simbólica. Esta seria uma forma primordial que separa mundo interno e mundo externo. Um espaço psíquico, que virá a ser ocupado por representações, permitindo a aparição de um Eu mais elaborado.

O eu não estaria bem delimitado nos sujeitos em estado limite. Isso faria da clivagem o mecanismo de defesa principal, se instalando como tal na operação narcísica, de acordo com Green (1986b/2017). Já Freud (1927/1988) e Lacan (1957-58/1999) relacionam a *Verleugnung* mais especificamente à perversão. O pai da psicanálise exemplifica a perversão através do fetiche, quer dizer, este apareceria como substituto da recusa à castração (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001). Nesse sentido, seria possível dizer, ao mesmo tempo, que houve e que não houve a castração. Lacan (1957-58/1999) também atribui à recusa da castração a origem da perversão. Porém esta considerada como uma estrutura clínica.

É importante apontarmos para o fato de que embora a clivagem seja a operação principal nos casos-limite, certamente não podemos dizer que não haja recalçamento nesses sujeitos. Tampouco seria lícito afirmar que neuróticos não lançam mão do mecanismo da clivagem do eu. Sendo assim, na clínica contemporânea teríamos a prevalência de pacientes cuja defesa principal seria a clivagem, independentemente da estrutura clínica clássica a qual possam estar mais próximos. Isso parece confirmar a hipótese de que seria mais correto pensarmos a clínica dos dias atuais em termos de modos de funcionamento, e não a partir de estruturas clínicas bem delimitadas.

Por fim, falamos de um eu como “moldura”, “enquadre”, “continente”, “estrutura”. Todos esses significantes nos remetem à ideia de borda, de limite e de fronteira que guardam um centro, um vazio. Bordar o real, tecer uma bordadura simbólica em torno de um vazio, de um furo, da falta originária, produzindo uma matriz simbólica. Orbitar esse vazio com significantes, possibilitando a significação, a constituição, a inscrição e a elaboração de representações e, assim, construir uma estrutura enquadrante. Concluimos que, como o contorno de um vazio é a condição de assunção do Eu e dos processos de simbolização, a matriz simbólica e a estrutura enquadrante seriam a forma primordial de estruturação do psiquismo (LACAN, 1949/1998; GREEN, 1966-67/1988a).

5

Considerações finais: passando do ponto

A prática clínica impõe muitos desafios que nos impelem a buscar saídas nas obras daqueles que dela tratam. Os três psicanalistas, Freud, Lacan e Green são aossados pelas questões surgidas dentro de seus gabinetes, questões essas correspondentes ao contexto histórico no qual estão inseridos. Sabe-se que a psicanálise nasce do encontro de Freud com as histéricas, mulheres cuja sintomatologia diz respeito à repressão sexual do final do séc. XIX. A neurose configuraria a patologia principal. Lacan (1953b/1998; 1960b/1998), que é um psicanalista francês pós-freudiano, produz toda uma teorização acerca do sujeito do inconsciente e, mais especificamente do sujeito neurótico. No entanto, ele se aproxima primordialmente dos textos psicanalíticos em razão de sua experiência clínica com a psicose (LACAN, 1932/2011). Já Green (1983/1988a; 1986b/2017) que, por seu turno, pertence ao rol dos analistas pós-lacanianos, começa a se questionar sobre os pacientes difíceis, aqueles cujo modo de funcionamento orbitaria entre a neurose e a psicose.

Embora cada um desses autores tenha sua entrada na psicanálise ilustrada por cenários clínicos diferentes, todos eles convergiriam para um problema: o que faz do homem um ser que pensa? Como se constituiria a capacidade de pensar desse homem? De que maneira se construiria um aparelho de pensar, um aparato psíquico? Buscando desenvolver essa questão, esses analistas de três diferentes gerações constroem obras bastante extensas que, brilhantemente, procuram iluminar o entendimento sobre a constituição psíquica.

O narcisismo primário aparece, então, como o momento de estruturação do eu, de uma unidade diferenciada e diferenciadora, contorno que separa o mundo interno do externo. Somente a partir dessa primeira diferenciação, torna-se possível uma relação, afinal, é a separação que possibilita o contato das partes. Desse modo, a formação do eu é fundante do psiquismo, possibilitando a inscrição de representações e, portanto, a capacidade de simbolização. Porém, em situações nas quais o eu não se delimita de maneira minimamente satisfatória, ele passa a exercer uma atividade paradoxal de tentativa de união ao mesmo tempo que há um empuxo à fragmentação (GONDAR, 2014).

Essas questões não estão tão em voga em meados do século XX, quando a ideia de estrutura clínica ganha destaque no pensamento francês. Nessa esteira, Lacan (1957-58/1999) se ocupa em delimitá-las e as categorias nosográficas acabam saturando, de certa forma, a psicanálise. Contudo, desde o final do século passado, os consultórios passam a receber sujeitos cuja sintomatologia não encontraria exatamente suas bases nos quadros clínicos descritos por Lacan. Isso leva Green (1983/1988a), como também outros psicanalistas, a se interrogar sobre a condição do eu nesses pacientes. Para tanto, ele volta aos textos de autores que tratam da relação primária objetual, como Ferenczi (2011) e Winnicott (1975), por exemplo, a fim de compreender qual seria o problema narcísico nesses sujeitos.

Considerando que o mundo e, portanto, a clínica, estão em constante transformação, pensar a clínica simplesmente em termos de neurose, psicose e perversão já não seria suficiente como fora à época de Lacan. Os sintomas estariam mais umbilicalmente ligados ao momento histórico nos quais são observados, revelando uma necessidade de mudança de olhar. Sendo assim, nossa aposta é num modo de ver que realce as ocorrências sintomáticas, lançando luz sobre funcionamentos, operações, apresentações e mecanismos de defesa, para não mais apenas engessá-los em estruturas clínicas.

Uma outra observação que fazemos está ligada ao entendimento apenas patológico da experiência limítrofe. Embora ela possa ser sentida como angustiante, não podemos perder de vista que essa é uma nova maneira de sofrer e, portanto, de estar no mundo (GONDAR, 2014). Afinal, nossa perspectiva aqui é a da tragicidade da experiência humana, de uma existência baseada em uma luta irresolúvel de forças, uma provocação permanente, entendida como uma agonística.

Como vimos, esses sujeitos em estado limite permaneceriam fixados muito fortemente no momento de constituição do eu, e este é também o campo da construção da diferenciação entre o eu e o outro (GREEN, 1986b/2017). Se apostarmos que a origem do sentimento de empatia está nessa confusão primitiva, talvez possamos considerar que, nesses sujeitos que possuem uma imagem de si muito frágil, essa indiferenciação se apresente mais acentuadamente. Isso nos permitiria especular a hipótese de que em alguns funcionamentos limítrofes a propensão à empatia seja maior do que naqueles sujeitos que têm o eu mais

robusto. Haveria uma menor tendência à intolerância e à discriminação daquilo que é percebido como diferente.

Problematizar a indiferenciação entre o eu e o outro talvez nos ajude a afirmar não só uma potência dentro do funcionamento limítrofe, mas também o valor da psicanálise na promoção da experiência constante de desconstrução e construção de si. Quando o processo analítico equivoca os sentidos criados pelo sujeito, ou seja, quando descola os significados dos significantes, ele põe em suspenso as verdades do sujeito, abrindo novas possibilidades de significação (LACAN, 1953b/1998). O campo simbólico, com suas equivocações, proporcionaria uma certa desidentificação imaginária, colocando em xeque o eu para destacar o sujeito (LACAN, 1953b/1998).

Equivocar as certezas imaginárias através do simbólico levaria o sujeito não só a relativizá-las como também a desidentificar-se minimamente com o Eu. Essa experiência de um certo descolamento do Eu conferiria a possibilidade de sentir uma maior porosidade nas fronteiras entre o eu e o outro. E essa transformação de si não seria mais percebida somente como uma angústia desintegradora, mas como uma potência de criação.

No que diz respeito aos estados-limite, talvez não seja o caso de promover uma desidentificação imaginária, até mesmo porque esses sujeitos padeceriam exatamente de uma falta de coesão subjetiva, em razão de um eu mal formado. Ou seja, eles não estariam tão identificados ao eu como os sujeitos neuróticos. Porém, o simbólico, ao mesmo tempo traz a possibilidade de equivocação de sentido, também favorece a construção de sentido e, portanto, de si. Sendo assim, nossa aposta é por trazer a palavra para dentro da clínica, fazê-la circular, construir uma aproximação a partir de um discurso compartilhado, que possa ser reconhecido como próprio por esses sujeitos.

Como é possível perceber, abrindo as trilhas teóricas, tentamos percorrer o caminho do narcisismo não para chegar a respostas definitivas sobre o tema, mas sim para alcançar o lugar do exercício do pensamento. Nesta nossa tentativa de sistematização conceitual, mais do que achar soluções teóricas, nos deparamos com a abertura de novas questões.

Por fim, promover um encontro entre os autores permitiu-nos destacar pontos de proximidade bem como de distanciamento entre seus pensamentos. Nesse sentido, pretendemos nos afastar de uma abordagem dicotomizante, na qual

produzir-se-ia a supremacia de um sobre o outro, atribuindo valor de verdade para uma teoria em detrimento da outra. Buscamos, ao contrário, afirmar a potência criadora do debate de ideias, com todo o dissenso que isso inclui.

6

Referências bibliográficas

ACCIOLY, A. **Autopoiiese e auto-erotismo na transferência**. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva defendida no IMS/UERJ, 2010.

BIRMAN, J. O sentido da retórica: sobre o corpo, o afeto e linguagem em psicanálise. In: BEZERRA, B., PLASTINO, A. C. (Orgs.). **Corpo, afeto e linguagem**: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. p. 173-98.

_____. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012, 253 p.

_____. Sexualidade e narcisismo nos arquivos de psicanálise. O Édipo em questão. In: JOEL BIRMAN *et al.* **Amar a si mesmo e amar o outro**. São Paulo: Zagodoni, 2016. p. 23-41.

BRUNO, M. **Lacan e Deleuze**: o trágico em duas faces do além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 227 p.

CANDI, T. **O duplo limite**: o aparelho psíquico e André Green. São Paulo: Escuta, 2010. 344 p.

_____. Processo analítico e alteridade na obra de André Green. **Impulso**, Piracicaba, v. 22, n. 55, p. 35-44, set./dez., 2012. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/download/684/1076> Acesso em 15 nov. 2018.

_____. Acerca da psicanálise dos casos-limite na atualidade. In: GREEN, A. **A loucura privada**: psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta, 2017. p. 9-22.

CASTELO BRANCO, G. Agonística e palavra. In: Revista Filosofia Aurora, v. 23, n. 32, p. 145-155, jan./jul., 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/1765/1672>. Acesso em 15 fev. 2019.

CRISTÓFARO, H. et al. Narcisismo: identidade e diferença: uma unidade em tensão? In: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Patologias do Social**: arqueologias do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 141-84.

DELEUZE, G. (1969a). **A lógica do sentido**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 342 p.

_____. (1969b). **Diferença e repetição**. São Paulo: Editora Relógio d'Água, 2012. 437 p.

_____ (1972). Em que se pode reconhecer o estruturalismo? In: **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006. 383 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1972). **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010. 559 p.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: artes Médicas, 1989. 203 p.

DOSSE, F. **História do estruturalismo, v.1**: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio, 1993. 447 p.

DUPARC, F. **André Green**. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2000. 165p.

ELLIS, H. (1898) *Auto-erotism: a study of the spontaneous manifestations of the sexual impulse*. In: **Studies in the Psychology of Sex**, vol.I, 1927. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/13610/13610-h/13610-h.htm>. Acesso em 16 jul. 2018.

FERENCZI, S. **Obras completas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FIGUEIREDO, L. C.; CINTRA, E. U. Lendo André Green: o trabalho do negativo e o paciente limite. In: CARDOSO, M. R. (Org.). **Limites**. São Paulo: Escuta, 2004. p. 13-58.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 253 p.

FORTES, I. Estrutura e temporalidade na psicologia e na psicanálise. **Revista Ágora**, vol. IX, n.2, 2006. p. 193-206. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasunimep/index.php/impulso/article/download/684/1076> Acesso em 13 ago. 2018.

FOUCAULT, M. (1966). **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 541 p.

_____ (1969). **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. 254 p.

_____ (1976). **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 176 p.

FREUD, S.; BREUER, J. (1893-95). Estudos sobre a histeria. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.2. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1900). A interpretação de sonhos. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1908). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1910a). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1911a). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*Dementia paranoides*). In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1912-13). Totem e tabu. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1914). Narcisismo: uma introdução. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917a). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917b). Luto e melancolia. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.14. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917c). Conferência XXVI. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1917d). Conferência XXVII. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1920). Além do princípio de prazer. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1923). O ego e o id. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1924 [1923]). Neurose e psicose. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1927). Fetichismo. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____ (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1940). Esboço de psicanálise. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GARCIA-ROZA, L. A. **Psicologia estrutural em Kurt Lewin**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. 244 p.

_____ (1994). **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 236 p.

_____ **Introdução à metapsicologia freudiana, vol.3**. Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 295 p.

GONDAR, J. Um paradoxo nos sofrimentos narcísicos. In: HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. (Orgs.). **De Édipo a Narciso: a clínica e seus dispositivos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014. p. 119-34.

GREEN, A. *L'objet (a) de J. Lacan*. **Cahiers pour l'analyse**, n. 3, 1965. p. 32. Disponível em: <http://cahiers.kingston.ac.uk/vol03/cpa3.2.green.html> Acesso em 03 abr. 2018.

_____ (1966-1967). Narcisismo primário: estado ou estrutura? In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988a. 302 p.

_____ *Répétition, différence, répliation: en relisant "Au delà du principe de plaisir"*. **Revue française de psychanalyse**, v. 34, n. 3, 1970. p.461-501. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1972-25192-001> Acesso em 03 abr. 2018.

_____ (1973). **O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1982. 320 p.

_____ (1974). O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. In: **A loucura privada: psicanálise de casos-limite.** São Paulo: Escuta, 2017. p. 69-102.

_____ (1976). Um, outro, neutro: valores narcisistas do mesmo. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988a. p. 33-86.

_____ (1977). O conceito de limite. In: **A loucura privada: psicanálise de casos-limite.** São Paulo: Escuta, 2017. p. 103-35.

_____ (1979). A angústia e o narcisismo. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988a. p. 143-85.

_____ (1980). A mãe morta. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988a. p. 239-73.

_____ (1982). O narcisismo e a psicanálise: ontem e hoje. In: **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988a. p. 9-29.

_____ (1983). **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** São Paulo: Editora Escuta, 1988a. 302 p.

_____ (1986a). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: GREEN, A. et al. (Orgs.). **A pulsão de morte.** São Paulo: Editora Escuta Ltda., 1988b. p. 53-64.

_____ (1986b). **A loucura privada: psicanálise de casos-limite.** São Paulo: Escuta, 2017. 373 p.

_____ **Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites.** Rio de Janeiro: imago Ed., 1990. 219 p.

_____ (1993a). **O trabalho do negativo.** Porto Alegre: Artmed, 2010. 313 p.

_____ (1993b). O trabalho do negativo e o alucinatório. In: **O trabalho do negativo.** Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 177-231.

_____ *La muerte en la vida: algunos puntos de referencia para la pulsión de muerte.* In: **Revista de Psicoanálisis,** 2001.

_____ (2002). **Orientações para uma psicanálise contemporânea.** Rio de Janeiro: Imago, 2008. 373 p.

_____ (2007). *Hipótesis sobre la génesis de la pulsión de muerte*. In: **Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?** Buenos Aires: Amorrortu, 2014. 191 p.

JAKOBSON, R. (1967). **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2010. 208 p.

JULIEN, P. **O retorno a Freud de Jacques Lacan: a aplicação ao espelho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993. 177 p.

KLAUTAU, P. **Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan**. São Paulo: Escuta, 2002. 152 p.

KLEIN, M. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLIER, N. **A violência do sexual e o impacto da pulsão de morte**. Curitiba: Editora Appris, 2016. 160 p.

KÖHLER, W. (1947). **Psicologia da Gestalt**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1980. 208 p.

KRAFFT-EBING, R. V. (1886). **Psychopathia Sexualis**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, J. (1932). **Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. 420 p.

_____ (1938). **Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 94 p.

_____ (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 152-94.

_____ (1948). A agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-26.

_____ (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

_____ (1953a). O simbólico, o imaginário e o real. In: **Os nomes-do-pai**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 9-53.

_____ (1953b). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

_____ (1953-54). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. 336 p.

_____ (1954-55). **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 447 p.

_____ (1956). O seminário sobre “A carta roubada”. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 13-66.

_____ (1956-57). **O Seminário, livro 4: a relação de objeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. 456 p.

_____ (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533.

_____ (1957-58). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 532 p.

_____ (1960a). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 653-91.

_____ (1960b). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-42.

_____ (1960-61). **O Seminário, livro 8: a transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. 487 p.

_____ (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 367 p.

_____ (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 269 p.

_____ (1966). De nossos antecedentes. In: **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 69-76.

_____ (1971). Lituraterra. In: **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.

LAPLANCHE, J. (1987). **Novos fundamentos para a psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992. 174 p.

_____ (1993). **Freud e a sexualidade: o desvio biologizante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. 102 p.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 576 p.

LÉVI-STRAUSS, C. (1949a). **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1976. 537 p.

_____ (1949b). A eficácia simbólica. In: **Antropologia estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 186-204.

_____ (1950). Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 576 p.

_____ (1958). **Antropologia estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. 432 p.

MACIEL Jr., A. & NOVAES, T. C. F. *Einführung*: a arte de sentir com. In: MACIEL Jr., A. (Org.). **Trauma e ternura: a ética em Sándor Ferenczi**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018. P. 132-50.

MILLER, J-A. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. 152 p.

_____ **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 200 p.

NASIO, J-D. (1988). **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 201 p.

POE, A. A carta roubada. In: **Histórias extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 48-68.

PRADO COELHO, E. **Estruturalismo: antologia de textos teóricos**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1967. 417 p.

RASSIAL, J-J. **O sujeito em estado limite**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. 172 p.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 548 p.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874 p.

SAUSSURE, F. (1916). **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. 280 p.

TORRES, R. Indicações sobre a estrutura da ação específica freudiana: efeitos para o sujeito da psicanálise. **Revista Ágora**, v. XIV, n. 1, Rio de Janeiro, 2011, p. 61-76. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S151614982011000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=en Acesso em 11 nov. 2018.

URRIBARRI, F. André Green: paixão clínica, pensamento complexo. **Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 10, jul./dez., 2010. p. 11-44. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/AndreGreen.pdf> Acesso em 23 ago. 2018.

_____ André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. **Jornal de Psicanálise**, v. 82, n. 45, 2012. p.143-59. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352012000100011 Acesso em 23 ago. 2018.

_____ O pensamento clínico de André Green: uma bússola para o mal-estar contemporâneo. Seminário com palestra proferida em 24 de novembro de 2018, no Rio de Janeiro.

VANIER, A. **Lacan**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 125 p.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINOGRAD, M. **Genealogia do sujeito freudiano**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 126 p.